



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS

**INDÍCIOS DA MEMÓRIA HISTÓRICA QUE VEM SENDO CONSTRUÍDA EM
ERECHIM/RS**

CHAPECÓ

2018

GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS

**INDÍCIOS DA MEMÓRIA HISTÓRICA QUE VEM SENDO CONSTRUÍDA EM
ERECHIM/RS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em História sob a orientação da Prof.^a Dra. Adriana Maria Andreis.

CHAPECÓ

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Campus Chapecó-SC
Rodovia SC 484 - Km 02, Fronteira Sul,
CEP 89815-899
Telefone: (49) 2049-2600

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Barros, Gabriella Xavier de Medeiros
Indícios da Memória Histórica que vem sendo
construída em Erechim/RS / Gabriella Xavier de Medeiros
Barros. -- 2018.
114 f.:il.

Orientador: Dra. Adriana Maria Andreis .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em
História-PPGH, Chapecó, SC , 2018.

1. Memória Histórica. 2. Micro História. 3.
Erechim/RS. 4. Educação Básica. I. , , orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS

**INDÍCIOS DA MEMÓRIA HISTÓRICA QUE VEM SENDO CONSTRUÍDA EM
ERECHIM/RS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História
da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em
História, defendido em banca examinadora em 23 / 11 / 2018

Aprovado em: 23 / 11 / 2018

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dra. Adriana Maria Andreis-UFFS-SC

Presidente da banca/orientadora



Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério-UFFS-RS

Membro Titular externo



Prof. Dr. Antônio Marcos Myskiw-UFFS-PR

Membro Titular

Prof. Dr. Marlon Brandt – UFFS-SC

Membro Suplente

Chapecó/SC, novembro de 2018

Dedico a minha família, em especial aos
meus filhos Isabella e Otávio.

AGRADECIMENTOS

É com muita alegria que compartilho esse trabalho com todos. Chego ao tão esperado momento de entrega da dissertação e me recordo de todos os momentos de trabalho, diálogo e renúncias vividos, como também, lembro-me dos momentos de comemoração, das conversas na hora do intervalo das aulas, onde apreciávamos aquele café regado a boas risadas. Esses foram os momentos que marcaram esses dois anos, e que ficará registrado na minha memória, afinal de contas, a pesquisa é sobre memória!

Em fevereiro de 2009 entrei no curso de história da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- CERES-Campus Caicó/RN. Foi lá o lugar que me descobri “amante” da história, no entanto, nunca passou pela minha cabeça vir a fazer um curso de mestrado, sempre achei que não era capaz. No decorrer do curso tive a oportunidade de fazer parte de grupos de pesquisa e de conseguir uma bolsa de iniciação científica, esse contato com a pesquisa foi o responsável por despertar em mim essa vontade de ser pesquisadora, mas confesso que mesmo assim achava o mestrado muito distante.

Em 2011, conheci o meu companheiro, esse encontro (que acredito não ter sido só nessa vida) mudou significativamente minha vida, mudei de Estado como também de Universidade. Arrumei as malas, como se diz no meu Nordeste, e peguei a estrada rumo ao Sul do país. Foram momentos tensos e de muita saudade, essa que não deixa de existir. Mas, sentia que os ventos minuanos traziam boas novas, e trouxe. Passei no concurso para o magistério, e a partir daí venho me descobrindo enquanto professora.

Em 2016 consegui o tão sonhado mestrado, confesso que ainda me pergunto como fui capaz, mas aqui estou finalizando esse ciclo. Muitas noites de sono, isso posso dizer que ele me roubou, mas passaria por tudo novamente. No entanto, quero dedicar aqui um espaço não para falar de mim, mais para agradecer as pessoas que diretamente e indiretamente me ajudaram a chegar até aqui.

Nesse momento oportuno agradeço em primeiro lugar a Deus e a Sant’Ana por guiar meus passos, junto a eles, e mesmo distante, meu pai e minha mãe, que me passaram os ensinamentos necessários para me construir enquanto pessoa, lembro da minha mãe dizendo, Gabriella mãe boa é aquela que sabe dizer um não na hora certa! Hoje percebo que ela estava certa. Agradeço aos meus filhos, Isabella e Otávio, saibam que vocês são o estímulo maior disso tudo, sem vocês nada teria sentido. Agradeço

também ao meu companheiro, sempre comigo nas horas fáceis e difíceis, me apoiando com seus ensinamentos e palavras de estímulo.

Aproveito também para agradecer aos meus colegas de trabalho, quantas faltas abonadas, eles vão me cobrar isso o resto da vida, mas saiba que sem a ajuda de vocês essa pesquisa não teria se concretizado.

Nesse último momento, mas não menos importante, deixo registrado a minha gratidão a minha orientadora, professora Dra. Adriana Andreis por não soltar a minha mão em nenhum momento, (mesmo eu querendo soltar muitas vezes). Professora Adriana, serei eternamente grata pelo seu empenho e sensibilidade dedicados a mim nesses dois anos de intenso trabalho. Sei que não foi fácil, mas saiba que você também é responsável por esse momento tão importante da minha vida.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.

Michael PollaK

RESUMO

A história é construída diariamente pelas pessoas, e o modo como ela é veiculada é um potente construtor de memórias e identidades na sociedade. Essas são questões que estão presentes nesta dissertação, que tem como objetivo analisar qual a memória histórica que vem sendo construída em Erechim/RS. Para tal objetivo, analisamos como fontes, textos memorialísticos, a imprensa escrita e a escola de educação básica. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, documental e empírica em que consideramos uma perspectiva histórica sociocultural numa abordagem micro histórica, analisando as fontes por meio dos indícios, e buscando elementos da tessitura contextual e singular nos processos de construção da memória. Tomamos as três fontes para analisar por meio do paradigma indiciário, onde os sinais permitem entender quais pistas evidenciam como vêm sendo construída essa memória histórica. Para tanto, entre outros pesquisadores, dialogamos com Carlo Ginzburg, e no tocante da noção de memória histórica, buscamos sustentação em Jacques Le Goff. Organizamos a dissertação da seguinte forma, na primeira parte apresentamos “Uma História em Questão”, discutindo a micro história teórico e metodologicamente, bem como trazemos as especificidades de cada fonte analisada. A segunda parte é dedicada para à contextualização do lugar, em que ressaltamos a formação, localização e construção urbana de Erechim e sua relação com o projeto colonizador. Na terceira parte, destacamos o estudo (realizado por meio da metodologia indiciária), de registros dos memorialistas locais, do jornal A Voz da Serra e da escola (plano de ensino e desenhos dos alunos). No estudo das fontes, percebemos aspectos luminosos e esmaecidos. Os achados da pesquisa permitem depreender elementos ordinários pautados no princípio colonialista. Porém, na fonte escola, encontramos indícios extraordinários, como crítica sutil sem relação com a história oficial, expressando muros e paredes, o que permite inferir reexistências.

Palavras-chave: Micro história. Memória. Erechim. Educação básica.

ABSTRACT

History is built daily by people, and the way it is conveyed is a potent builder of memories and identities in society. These are questions that are present in this dissertation, which aims to analyze the historical memory that has been built in Erechim / RS. For this purpose, we analyze as sources, memorialistic texts, the written form and the school of basic education. It is a bibliographical, documentary and empirical research in which we consider a historical socio-cultural perspective in a micro-historical approach, analyzing the sources through the clues, and searching for elements of contextual and singular tessitura in the processes of memory construction. We take the three sources to analyze by means of the indiciary paradigm, where the signs allow us to understand which clues show how this historical memory has been constructed. To this end, among other researchers, we dialogue with Carlo Ginzburg, and with regard to the notion of historical memory, we seek support in Jacques Le Goff. We organized the dissertation in the following way, in the first part we present “A History in Question”, discussing the micro history theoretically and methodologically, as well as bringing the specificities of each analyzed source. The second part is dedicated to the contextualization of the place, in which we highlight the formation, location and urban construction of Erechim and its relation with the colonizing project. In the third part we highlight the study carried out by means of the index methodology, in the local memorialists, A Voz da Serra newspaper, teaching plan and students' drawings. By means of a reading of luminous and faded aspects, the findings of the research allow us to understand ordinary aspects, which reiterate the official history, but in the school source, we find extraordinary clues that infer reexistences.

Keywords: Micro history. Memory. Erechim. Basic education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quantificação da análise do jornal “A Voz Da Serra” de acordo com o recorte estabelecido e exemplar disponível.	30
Figura 2 – Mapa da localização do município de Erechim/RS	39
Figura 3 – Homenagem ao colono.....	46
Figura 4 – Praça ao imigrante.....	46
Figura 5 – Castelinho.....	46
Figura 6 – Mapa da localização do bairro Progresso.....	51
Figura 7 – Desenho 1.....	88
Figura 8 – Desenho 2.....	88
Figura 9 – Desenho 3.....	89
Figura 10 – Desenho 4.....	89
Figura 11 – Desenho 5.....	90
Figura 12 – Desenho 6.....	90
Figura 13 – Desenho 7.....	91
Figura 14 – Desenho 8.....	91
Figura 15 – Desenho 9.....	92
Figura 16 – Desenho 10.....	92
Figura 17 – PROMORAR no Jornal A Voz Da Serra I.....	98
Figura 18 – PROMORAR no Jornal A Voz Da Serra II	99
Figura 19 – PROMORAR no Jornal A Voz Da Serra III	99
Quadro 1 – Memorialistas locais de Erechim/RS: obras selecionadas.....	57
Quadro 2 – Relação entre memorialistas e as categorias: imigrante europeu e pioneirismo	57
Quadro 3 – Plano de ensino da disciplina de história do 5º ano da escola estadual de ensino médio Irany Jaime Farina.....	81
Quadro 4 – Grupos de imagens	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Crescimento urbano de Erechim/RS de 1918/2000.....	48
Tabela 2 – Matérias do Jornal A Voz da Serra.....	65
Tabela 3 – Caracterização da turma	87

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	UMA HISTÓRIA EM QUESTÃO.....	20
2.1	A MICRO-HISTÓRIA COMO PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA	20
2.2	MÉTODO DE ANÁLISE DE DADOS.....	26
2.2.1	Uma análise nos textos dos memorialistas locais	27
2.2.2	Um estudo no jornal	28
2.2.3	Um estudo na escola.....	31
2.2.3.1	Um estudo no Plano de Ensino	32
2.2.3.2	Desenhos dos alunos.....	34
2.2.3.2.1	<i>A imagem na construção da memória histórica.</i>	<i>34</i>
3	UM LUGAR EM PESQUISA: A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE ERECHIM/RS	37
3.1	O RIO GRANDE DO SUL E SUA ESPECIFICIDADE NO PROJETO COLONIZADOR	37
3.2	O MUNICÍPIO DE ERECHIM: LOCALIZAÇÃO E COLONIZAÇÃO	38
3.3	A CONSTRUÇÃO URBANA DE ERECHIM: ESPELHO DA COLONIZAÇÃO	42
3.3.1	Os “não lugares” dentro do espaço urbano: o bairro Progresso.....	47
3.3.1.1	A formação histórica do bairro Progresso de Erechim/RS	48
3.3.1.1.1	<i>O caso do “cachorro sentado”.....</i>	<i>54</i>
4	A LUZ DE UM MÉTODO: INDÍCIOS DA MEMÓRIA HISTÓRICA VEM SENDO CONSTRUÍDA EM ERECHIM/RS.	56
4.1	A HISTÓRIA E COLONIZAÇÃO DE ERECHIM PELO OLHAR DOS MEMORIALISTAS LOCAIS	56
4.2	O JORNAL “A VOZ DA SERRA” TEXTUALIZANDO A MEMÓRIA	65
4.3	A MEMÓRIA HISTÓRICA EM CONSTRUÇÃO PELA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	77
4.3.1	Os conteúdos de história pautados no plano de ensino	77
4.3.2	Leitura dos indícios: os desenhos como reflexos da memória histórica de Erechim/RS	85
4.4	O DIÁLOGO ENTRE AS FONTES: OS MEMORIALISTAS LOCAIS, JORNAL A VOZ DA SERRA E ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	97

SUMÁRIO

REFERÊNCIAS.....	107
ANEXO A	111

1 INTRODUÇÃO

Para investigarmos a construção da memória histórica em Erechim/RS, que é também sobre Erechim/RS, estabelecemos um diálogo com distintas fontes que nos permitem tecer apreensões sobre a memória histórica que vem sendo construída no referido município. Acentuamos a memória histórica que “vem sendo” contruída, no gerúndio para, deixar clara a ideia de processo histórico em permanente elaboração, portanto, do tempo enquanto a dimensão da mudança. Nesse movimento, debruçamo-nos sobre textos de memorialistas locais, de jornais impressos e do ambiente escolar. Buscamos pistas, indícios e sinais que permitem trazer à discussão, elementos importantes sobre a tessitura histórica que vem se formando na história e memória do município de Erechim/RS.

Essa empreitada exige compreendê-la como processo de pesquisa, implicado em ler e escrever uma complexa reflexão, que envolve a busca de pistas, indícios que nos levam ao encontro de uma construção narrativa. É um caminho revelador, onde o ofício do pesquisador compara-se ao de um caçador, que ao identificar suas presas por meio de pegadas na lama, odores estagnados, apreendem a registrar interpretar e classificar pistas (GINZBURG, 1989).

Essas pistas podem nos levar a fatos aparentemente negligenciáveis, (in)visibilizados na construção da realidade. A pesquisa nos leva por um caminho de investigação, trazendo elementos que nos permitem tecer novas apreensões a partir do concreto, da materialidade que nos está posta, das pegadas deixadas, pistas a serem decifradas. A nós, cabe ler, ou porque não “decifrar”? Fazer um minucioso reconhecimento de uma realidade, talvez ínfima, para identificar pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador (GINZBURG, 1989). Podemos afirmar que o historiador é antes de tudo, um caçador.

A leitura das fontes e da própria narrativa histórica, oferece ao historiador possibilidades de problematizações, mesmo que muitas vezes elas sejam desconexas, alheias ao território do historiador. A história é um campo aberto, e mesmo que não se possa mudar o que já está escrito, dado como História e muitas vezes como verdade, podemos buscar lacunas, indícios, pistas e sinais, que nos permitem problematizá-la. Para isso, contamos também com a participação do historiador pesquisador, que traz consigo uma intencionalidade, um propósito a ser pesquisado. É com essa premissa que relato abaixo o propósito e a vivência que nos fez chegar ao nosso problema de pesquisa.

Professora de história da educação básica no Estado do Rio Grande do Sul, desde o início do trabalho docente estive preocupada em como tornar o ensino de história significativo para os estudantes. Na minha concepção só existia um caminho, que fizesse com que os mesmos se reconheçam enquanto sujeitos históricos transformando-se em agentes transformadores da realidade. Esse desejo caminha junto comigo.

Quando mudei de cidade, mudei também de região, sai do Nordeste do país para o Sul, percebi como em um mesmo país podemos encontrar diversidades tão significativas, povos e espaços diversos, com costumes, ritos e identidades singulares, que ora se mistura e ora se distancia. O sentimento de não pertencimento ao lugar logo aflora e de certa forma, nos favorece, pois nos afasta dessa identidade compartilhada, direcionando o olhar para uma análise mais ampla, sem apego emocional e cultural. Melhor dizendo, sem compartilhar da mesma memória.

A cidade em que estabeleci moradia foi Erechim/RS, que assim como outras cidades da região do Alto Uruguai, a historiografia nos relata que foram constituídas em decorrência de um processo de colonização. Esses elementos colonizadores nortearam as relações sociais, organização rural e urbana, práticas culturais, identidades, espaços e simbolismos que compõem a memória local.

Narrativas se tecem a partir desse ponto em comum. De fato, a cidade nos apresenta isso com um simples caminhar. Podemos perceber que as áreas centrais da cidade apresentam um elemento simbólico, onde observamos o destaque dado ao pioneirismo, o trabalho e o progresso trazidos pelo imigrante europeu.

Em alguns momentos me questionei sobre o colorido da cidade, por que temos uma maioria “branca” tão gritante? Nessa cidade só existe italiano, alemão, “gringo”? Questionavam-me sobre meu sobrenome, causando-me estranhamento e ao mesmo tempo curiosidade. Com essa acepção e a pretensão de elucidar esses questionamentos, busquei conhecer mais sobre a historicidade da cidade, ou melhor, sobre a construção da memória histórica dessa cidade e os meios por onde ela era compartilhada.

A experiência pessoal narrada somou-se à vivência do cotidiano como professora de História da Educação Básica. Ao iniciar no magistério, a nomeação foi para uma escola localizada na região considerada periférica da cidade de Erechim, com alunos em sua grande maioria oriundos de dois bairros considerados de vulnerabilidade social: Cristo Rei e Progresso, mais conhecido como “baixadão”. O colorido que não era visto por mim na cidade¹ passou a ser visto naquele momento, pois aqueles alunos não eram de maioria branca e não traziam sobrenome europeu. A curiosidade só aumentava, e um momento em especial foi determinante para aguçar-la ainda mais. Em vários momentos em sala de aula quando os alunos se referiam a suas idas ao centro da cidade, usavam a seguinte frase “Professora eu fui para Erechim”. Logo me veio a indagação, mas eles não estão em Erechim?

¹ Quando me refiro à cidade estou falando da região mais central do núcleo urbano.

O dia-a-dia em sala de aula, como também, a intensa convivência com educandos e familiares contribuíram de maneira significativa para elucidar o problema de pesquisa.

Partindo da premissa de que a história só é significativa se dialogar com questões locais e regionais para entender a realidade, procurei investigar o que os alunos visualizavam como marcadores identitários da história da sua cidade. As respostas foram elucidadoras, nenhuma das respostas estabeleceu relação com a história oficial da cidade, ou seja, a cidade de imigrantes europeus. Os marcadores simbólicos da história da colonização que compõem os espaços da cidade não apareceram em nenhum momento.

A partir dessa vivência percebeu-se que essa identidade do colonizador² não os representava e, de certa, forma habitava naquelas respostas o sentimento de não pertencimento com a história tradicional do município, não compartilhando assim da memória oficial. A problemática da pesquisa se configura dessa forma, a partir da vivência pessoal e no cotidiano, como professora da educação básica.

Refletir sobre como foi e é construída a memória histórica do município de Erechim/RS, buscando indícios que nos revele possíveis silenciamentos se configurou em nosso problema de pesquisa. A partir disso traçamos nossa trajetória, buscando analisar como instrumentos que se encarregam de perpassar e registrar a memória histórica do município à apresenta, para dessa forma, entender as contradições, esmaecimentos dentro do processo histórico.

Entendemos que lugares e espaços abrigam histórias singulares, assim como, pontos de vistas diferentes de uma mesma história, que não podem deixar de ser contadas. Na história das sociedades nos deparamos com estruturas sociais, onde os sujeitos se organizam em grupos que se compõem através de uma memória coletiva, a qual desempenha importante função na sociedade. A memória apresenta-se como elemento próprio da consciência comum que, sob a forma de tradição, de culto ao passado, de previsões e de projetos, condiciona e suscita a ordem e o progresso humano de cada sociedade (HALBWACHS, 2006, p. 23). Paralelo a isso, a memória se constitui como elemento importante no jogo de lutas de forças sociais pelo poder, onde os silenciamentos e as revelações ganham intencionalidades (LE GOFF, 2003).

A organização social revela modos de vida e visões de mundo singulares nos diferentes tempos e lugares. As relações sociais e os espaços são configurados em detrimento da memória histórica dos indivíduos, assim como são reflexos de suas identidades. Dessa

² Quando me refiro a colonizador, refiro-me ao colono europeu de maioria italiana que se estabeleceu na região.

forma, os meios por onde perpassam as narrativas históricas são fortes influenciadores na constituição social dos sujeitos, que podem ou não, se reconhecer como parte integrante dessa história, assim como, dos espaços e lugares, pois, a história não se escreve fora do espaço, não existe sociedade a-espacial (SANTOS, 2008).

Com o entendimento de que a construção da história e memória reflete diretamente na organização da sociedade e que muitas vezes, nos oferece uma visão que não contempla todos os grupos sociais, a análise da história de Erechim através de objetos e lugares distintos no município, como no caso, as apresentações que os alunos de uma escola de educação básica do bairro Progresso, oferecem singularidades observáveis dentro da história do município.

Com esse entendimento partimos para a estrutura organizacional da pesquisa, dando um norte ao escrito. Dessa forma, configura-se como uma pesquisa bibliográfica e documental em que partimos do paradigma da história sociocultural, com o entendimento metodológico da micro-história de Carlos Ginzburg, pois, esse gênero historiográfico nos oferece elementos para ler e pensar os documentos como dados potentes.

Nossa escolha teórica e metodológica permite pensar o contexto histórico em um dado momento, aqui no caso, o projeto colonizador como norteador das relações e condensador da memória histórica. Para isso, definimos como fontes analisadas, os textos de memorialistas locais, a imprensa, através do jornal impresso e a escola de educação básica, essa última se dividindo em duas fontes, plano de ensino de história e desenhos dos alunos.

Os elementos presentes nos documentos nos revelam singularidades da história do município de Erechim/RS e suas apresentações. Apontaram indícios, que torna a nossa escolha pela micro-história muito mais que um método de análise de fontes documentais, e sim, como um gênero específico de narrativa e modo de fazer história (VAINFAS, 1997, p. 147).

Nesse complexo, os indícios levantados nas análises das fontes são reveladores. Podemos perceber que o privilégio à história oficial, dos vencedores, tomados aqui como o processo de colonização da região do Alto Uruguai e a lógica positivista de organização do espaço urbano interferiu diretamente na distinção de grupos sociais na cidade. Redundando em tratamento discriminatório e excludente de povos e lugares dentro do espaço urbano, principalmente nos espaços considerados periféricos. São sujeitos que não compartilham da mesma memória coletiva dominante.

Nesse sentido, o estudo em questão, contribui enquanto reflexão acadêmica no campo da pesquisa historiográfica da região e de outros contextos, assim como, para as reflexões nas

escolas, pois, permite que as mesmas analisem o modo como vem apresentando a história do lugar e dos seus sujeitos. Dessa forma, organizamos a pesquisa da seguinte forma.

Para uma melhor orientação da nossa escolha teórico-metodológica e método de análise das fontes, iniciamos nossa caminhada apresentando nossos objetos e o tratamento dado a eles. Partimos da elaboração de considerações sobre a micro-história, pois essa metodologia e modo de fazer história estabelece relações entre as minúcias extraídas das fontes com questões de ordem mais amplas dentro da constituição histórica do município e região de Erechim/RS. Com nosso pressuposto teórico-metodológico elucidado, o método para análise de dados está em diálogo com o paradigma indiciário e com a análise microgenética. Ambos estão ancorados em uma definição empírica da antropologia cultural, onde o estudo de uma dada sociedade pode ser analisado a partir de pormenores, elementos esquecidos ou silenciados pela historiografia oficial em conexão com estruturas globalizantes. A partir da análise microscópica e do estudo intensivo da documentação é possível demonstrar como determinado indivíduo ou sociedade mantém uma relação complexa com a sua estrutura. Acredita-se que elementos indiciários de um fato histórico levantam hipóteses que nos permite ter visões distintas de um mesmo fato ou objeto (GINZBURG, 1989). Para tanto, nosso primeiro capítulo traz elementos da escolha teórico-metodológica, o método de análise de fontes, assim como, especificidades que as fontes trabalhadas exigem, como o trabalho com imagens e recorte temporal estabelecido. A discussão que nos propomos acima corrobora com a tessitura da dimensão contextual da pesquisa, localizando-a no espaço-tempo.

Para entender a dimensão contextual do objeto, o qual nos referimos acima, nos detemos no nosso segundo capítulo a apresentar o universo da pesquisa, ou seja, a formação história do município de Erechim/RS. Para isso, apresentamos uma discussão sobre o processo colonizador do Estado do Rio Grande do Sul, formação do município de Erechim, assim como, a formação histórica do bairro Progresso. A proposta é estabelecer diálogo com a bibliografia existente sobre o processo de colonização do Rio Grande do Sul e de Erechim, assim como, a bibliografia existente sobre a construção histórica do bairro Progresso. Esse é o plano de fundo da pesquisa, pois a partir dessa leitura, podemos analisar a construção espacial que condiciona a formação da memória histórica e de identidades dentro dos lugares significados, e da formação dos “não lugares”.

A explicitação teórico-metodológica e a definição do método de análise das fontes, em diálogo com o contexto espaço temporal que se desenvolve a pesquisa, oferece sustentação para tecermos nossa problematização.

Nos indícios levantados através da pesquisa nas fontes, identificamos potentes indicadores de constituição e afirmação de uma memória histórica. Na confluência final da pesquisa indícios ordinários e extraordinários são perceptíveis nos estudos nas fontes. Silenciamentos e reavivamentos da história do lugar são sinalizados por meio dos textos memorialísticos, das matérias do jornal e escola. Categorias desencadearam nossa análise, como: pioneirismo, imigrante europeu e trabalho, se apresentaram como elementos luminosos, definindo-se como estandartes, onde a história do município gira em torno.

A proposição argumentativa presente nos capítulos listados acima possibilita elucidar epistemologicamente e metodologicamente a problemática em questão e responder à pergunta que nos fizemos a partir da experiência de pessoal e profissional da vivência na educação básica. Algumas histórias que se traduziram em memória ganharam destaque em relação a outras, silenciando dessa forma outras identidades dentro do espaço estudado. Com essa elaboração destacamos a pertinência da proposição da pesquisa, visto que, os argumentos teóricos e problematização dos objetos nos propiciam aberturas para analisar a força das singularidades de natureza social, considerando perspectivas diferentes, e entendidas por meio do olhar desde diferentes pontos de vista aqui representados pelos memorialistas locais, jornais e escola de educação básica.

2 UMA HISTÓRIA EM QUESTÃO

Problematizar os meios por onde perpassa a construção da memória histórica é trazer à tona a discussão sobre narrativas historiográficas. As interpretações dessas decorrem de uma escolha por uma orientação de leitura, onde teorias e métodos agem como fio condutor.

Nesse complexo onde habita a teoria da história, viajamos do positivismo até a “pós-modernidade”, passando por vários métodos e modelos epistêmicos de tratar a narrativa, nos oferecendo assim, um tabuleiro de opções, ou “domínios da história” (CARDOSO; VAINFAS, 1997). Nesse tabuleiro, cabe ao pesquisador escolher qual caminho irá seguir, ou seja, qual a opção teórico-metodológica, que dará identidade ao seu escrito.

Com o olhar sobre o tabuleiro e nos caminhos percorridos durante as orientações da escrita da dissertação, fomos amadurecendo qual opção iríamos seguir para auxiliar tecer nossa narrativa. Em longas conversas e lamentos com a orientadora, que cabe aqui ressaltar, renderá vários escritos pela abrangência dos temas discutidos, chegamos ao consenso que a micro-história seria a melhor escolha, pela possibilidade que esse gênero historiográfico nos oferece de transitar por várias áreas do conhecimento.

Assim sendo, demos largada na caminhada, em vistas de mergulhar no universo do gênero historiográfico configurado pelo autor. A escolha estava feita, agora o que nos cabe é mostrar como ela os auxiliou na construção do nosso escrito.

Isto posto, trazemos no nosso primeiro capítulo a escolha teórico-metodológica de análise de fontes, que nos auxilia na busca por indícios da memória histórica que vem sendo construída em Erechim/RS, por meio dos registros dos memorialistas locais, do jornal impresso e pela escola.

Apontamos em um primeiro momento as especificidades desse gênero historiográfico e sua contribuição para os estudos em história, perpassando pelas especificidades que cada fonte nos oferece, refutando a sua importância no estudo bibliográfico dos textos memorialísticos, no olhar sobre os jornais e na composição de fontes do ambiente escolar.

2.1 A MICRO-HISTÓRIA COMO PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

Para entender como se configurou o gênero historiográfico da micro-história e as especificidades do paradigma indiciário na história, cabe trazer aqui alguns apontamentos.

Entendemos que a história é construída por meio de diferentes perspectivas, protagonizadas pelos sujeitos. A par disso, a micro-história nos dá o suporte necessário por se tratar de um gênero historiográfico que permite utilizá-la para além de um método de análise dos dados, ela se apresenta como uma perspectiva histórica de construção de uma narrativa.

Na historiografia, temos a consolidação da micro-história por volta dos anos 80, onde alguns autores consideraram esse gênero, como uma das manifestações da história das mentalidades (VAINFAS, 1997). No entanto, a proposta que ele oferece vai muito além de uma simples manifestação da escola das mentalidades, ela surge em um cenário conhecido como Nova História cultural, distinguindo-se daquela história cultural tomada como disciplina acadêmica.

Mas o que realmente essa nova história cultural apresenta de novo? A Nova História cultural traz elementos que recusa o conceito de um estudo dado como linear e homogêneo. Modelo esse, que para muitos se tornou a parte genérica das mentalidades e descontentou vários historiadores.

As críticas vinham dos mais variados autores, e dentre esses, Vainfas nos lembra da tecida por Ginzburg, onde o mesmo acredita que esse tipo de estudo,

[...] insistindo nos elementos comuns e homogêneos, das mentalidades de um certo período, somos inevitavelmente induzidos a negligenciar as divergências e os contrastes entre as mentalidades das várias classes, dos vários grupos sociais, mergulhando tudo em uma mentalidade coletiva indiferenciada e interclassista (VAINFAS, 1997, p. 151).

Como nos mostra o autor, pa

ra Ginzburg existia o entendimento que as mentalidades acabavam negligenciando as singularidades das relações sociais, e que com isso uma análise detalhada dos casos se fazia necessária para o entendimento de eventos mais complexos. Ou seja, a análise microscópica, que evidencie os pormenores é tão significativa para o entendimento do contexto que se deseja pesquisar, do que os próprios estudos por meio de eventos mais amplos como podem ver nos acasos dos estudos em comunidades, muito difundidos pela escola das mentalidades.

Podemos perceber que em se tratando desses estudos, Ginzburg (1989) dá um tratamento diferente, o ponto de partida através de casos pontuais, como o do moleiro Friuliano, trazem à tona as singularidades no processo histórico, que embora esteja envolto a elementos de uma comunidade comum, aponta para heterogeneidade nos discursos, sinalizando, dessa forma, a negação de uma homogeneidade atribuída a uma única cultura dentro de um grupo, de uma sociedade.

No estudo citado acima, o autor atenta para o fato de ler o mundo por meio da relação dialética, para, com isso, entender a configuração e construção social por meio de mecanismo que se definem a partir da circularidade cultural³ que envolve os sujeitos e o contexto no qual estão inseridos.

A preocupação em mostrar as relações de classes através de particularidades do plano cultural, como no caso do moleiro, não os desarticula das totalidades estruturantes e nem nega a longa duração do tempo, no funcionamento das estruturas. Ginzburg deixa claro sua preocupação em estabelecer relações entre as características do moleiro, seu papel dentro daquela sociedade e os contextos da época. Ou seja, elementos presentes no discurso do moleiro, tanto apontam oposição a cultura dominante (erudita) da época, como traz elementos dessa cultura imbricada ao seu discurso. Dessa forma, o autor traz em sua análise, elementos comuns nos discursos, elaborados dentro de um contexto de classes aparentemente definidas.

Os discursos sobre a história de Erechim trazem de forma clara a memória hegemônica que permeia no imaginário da população e lugares da cidade. No entanto, os indícios oferecidos pela experiência pessoal vivida na educação básica, nos faz ter o entendimento que essa não é a única memória que existe na cidade, pois ao empreendermos sobre a temática, os sinais nos mostraram que embora essa memória circule pelos lugares, alguns de maneira mais forte que em outros, existem pistas que apontam para contrastes do discurso dominante. Apontamos, dessa forma, que existe uma circularidade de ideias e olhares sobre a história do município, que perpassa por lugares distintos, e que compõem discursos diferentes dentro de um contexto.

A especificidade da micro-história é justamente estabelecer o diálogo entre essa estrutura contextual mais abrangente, com os pormenores indiciados por meio da pesquisa. A proposta não é reduzir o objeto, mas sim, entendê-lo por meio da análise dos detalhes, indícios, sinais e pistas, que muitas das vezes não são vistos em primeira análise, ou apontadas por meio da análise de um macro contexto isolado. Entendemos que,

[...] existem abordagens analíticas que enfatizam a necessidade de registros detalhados, mas distanciam-se da metodologia ora considerada por estarem inscritas em referenciais teóricos que não assumem a centralidade do entrelaçamento das dimensões cultural, histórica e semiótica o estudo do funcionamento humano (GÓES, 2000, p. 10).

³ Ginzburg traz esse conceito como herança de Mikhail Bakhtin e seus círculos. Ginzburg acredita que seria um erro afirmar que existe uma cultura homogênea. Em estudo sobre os discursos utilizados pela cultura dominante e as consideradas subalternas (Bakhtin atribui a cultura de classes), uma não se sobrepunha da outra, pois encontraríamos elementos comuns em ambas. Assim, ele conseguiu mostrar em estudo sobre o moleiro Menóquio, analisando os discursos em um contexto de culturas antagônicas.

Dessa forma, assumimos a proposta metodológica que o gênero histórico nos oferece, pois, nosso interesse reside nas singularidades. Despregando-nos de críticas principalmente feitas no âmbito das ciências modernas e que traz à tona uma discussão muito maior, que reside no excesso de leis e regras aplicadas aos estudos. Entendemos que esses excessos acabam matando o conhecimento individual do sujeito, tratando o objeto como algo distante do poder conjectural do sujeito envolvido no processo (GOÉS, 2000).

Dar como potente, os dados apontados pelas fontes analisadas, e em especial nos desenhos dos alunos, que de certa forma destoa das fontes tradicionais trabalhadas nos estudos de história e memória, reflete a nossa busca por destacar a singularidade do sujeito no processo de construção de uma narrativa, se desprendendo de críticas e leis. Dessa forma, a interpretação do historiador também está presente no processo dialético da pesquisa.

No entanto, esse poder dado a interpretação do historiador/pesquisador não pode acontecer de forma aleatória. Essa análise profunda e microscópica proposta por Ginzburg e que nos dá liberdade de interpretação, exige um método. Embora valorize as singularidades dos sujeitos sem o desprendimento do objeto, o rigor metodológico dado ao tratamento com as fontes deve ser seguido. Em outras palavras, não podemos analisar a memória histórica que perpassam pelas fontes sem conectá-las aos contextos mais amplos da formação da sociedade e nem tecermos nossas interpretações a partir de uma leitura genérica das fontes. Para resguardar-se desse problema, o autor nos propõe como método o Paradigma indiciário.

Esse método que foi formulado através de diálogos com outros campos de estudo como a antropologia, a genética e os estudos etnográficos, busca captar indícios, sinais que permitam decifrar em um caso particular, uma realidade mais complexa.

A partir do paradigma indiciário, Ginzburg introduziu uma nova maneira de fazer História, alimentando a ideia de transgredir as proibições da disciplina e ampliando seus limites, em uma abordagem que privilegia os fenômenos aparentemente marginais, intemporais ou negligenciáveis: as estruturas arcaicas e os conflitos entre diferentes configurações socioculturais. Uma abordagem capaz de remontar uma realidade complexa, não experimentável diretamente, que parte da análise de casos bem delimitados, cujo estudo intensivo revela problemas de ordem mais geral e contesta ideias solidificadas sobre determinados fatos e épocas (TINEM; BORGES, 2003, p. 1).

A redução do método de observação, partindo das minúcias, de casos bem delimitados como nos lembra as autoras, implicam em estabelecer elos coerentes com contextos amplos, e por isso o componente narrativo faz parte das interpretações (GOÉS, 2000, p. 19).

No tocante da nossa problemática de pesquisa, que reside em compreender a memória histórica que vem sendo construída em Erechim/RS, por meio do estudo em um lugar específico da tessitura da história do município, como no caso do Bairro Progresso, e a partir de indícios apreendidos nas análises dos registros memorialísticos, do jornal impresso e pela escola, a utilização desse método nos permite entender que para descrever sobre a memória tecida em contextos sociais complexos, não podemos perder a visão do lugar social de cada indivíduo, e partir dessa leitura entender o entrelaçamento das memórias construídas sobre a história do município de Erechim/RS.

Investigação, indícios, decifração, são palavras que representam o método proposto por Ginzburg. O autor se serve do método Morelliano tão conhecido dos historiadores de arte, assim como, os pormenores das investigações de Sherlock Holmes, investigador inglês criado por Conan Doyle para tessitura do seu Paradigma.

Ambos consideram os indícios presentes nas obras de arte e nos crimes a desvendar potentes dados de leitura. Ginzburg (1989) aponta que Morelli dizia ser necessário não se basear em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis dos quadros, era preciso se deter ao não visto, as minúcias da obra para tecer a leitura mais complexa sobre a mesma.

Partindo do pressuposto que, desta maneira, valorizamos a singularidade do autor e da obra em sua especificidade, podendo assim, apontar inclusive sua veracidade na autoria.

De acordo com o método Morelliano descrito por Ginzburg (1989), dados considerados marginais eram mais reveladores do que os que estavam visíveis aos olhos de imediato, assim como, as pistas seguidas por Holmes em suas investigações, ambas as abordagens nos oferecem o caráter revelador dos indícios que os objetos nos proporcionam.

A importância que as minúcias têm no método Morelliano e as pistas e sinais abordados nas investigações de Holmes trazem para o estudo da história das sociedades, e porque não de memória, pistas sobre os caminhos ou caminho que escolhemos como trajetória. Essas nos levam a apreensões diferentes sobre uma mesma narrativa.

Em diálogo com Ginzburg, entendemos que nas sociedades observa-se a necessidade de distinguir os seus componentes, no entanto, os modos de enfrentar essa necessidade variam conforme os tempos e lugares (GINZBURG, 1989, p. 171). Como no caso da oposição entre os que dominavam na época medieval a cultura erudita e os que detinham apenas a cultura popular, como forma de distinção de classes sociais na época.

Entendemos também que a configuração dos contextos e a constituição dos lugares que uma dada sociedade pré-define são resultado de jogos de poder, onde alguns elementos são utilizados para dar significado e afirmar a sua cultura como cultura hegemônica, e essa por sua vez é ponto de inflexão para construção de uma memória homogeneizante.

No caso da construção social de Erechim, podemos perceber que, no tocante do contexto urbano, aparecem lugares dotados de singularidades, assim como os sujeitos que o compõem. Na configuração desses lugares percebemos intencionalidade em distinguir um grupo de outro como, por exemplo, o uso de simbologias para demarcar uma cultura no seu tempo e espaço, ancorando elementos que constrói a memória histórica de alguns. Embora, fique claro que mesmo com essa distinção e correlação de forças, que podemos traduzir em lutas culturais, os lugares apresentam elementos heterogêneos, fato que se explica na circularidade cultural dos estudos de Ginzburg.

É com esse entendimento que utilizamos a micro-história como um conceito que vai além de uma metodologia de análise de fontes, se trata também de uma postura do historiador perante a narrativa posta pelo processo histórico. Como apontamos acima, temos claro que jogos de intencionalidades se formam em torno das relações sociais do município de Erechim e na construção da sua memória histórica. Mas também temos claro que mesmo toda ação social sendo resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo diante de uma realidade normativa, que embora difusa, não obstante, oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais (LEVI, 1992, p. 135).

Nessa perspectiva, os indícios apontados a partir da análise dos registros de memória, que perpassa pelos lugares e sujeitos no município de Erechim, nos oferecem uma possibilidade de interpretação e descrição dos significados. Sistemas simbólicos nos apontam para o entendimento que existe uma narrativa histórica que reforça uma memória em sua totalidade. Mas entendemos que, as singularidades de alguns lugares, como o bairro Progresso, lugar onde a escola está inserida, nos dão pistas e sinais que permitem tecer novas narrativas sobre a memória do município.

Partindo da premissa que mecanismos são utilizados para configurar o contexto espaço-temporal, e esses, por sua vez, atribuem significados ao lugar, entendemos que esse lugar também é configurado por meio dos sentidos que o sujeito apreende, como identificação e pertencimento (ANDREIS, 2012, p. 77). Nesse sentido, a formação histórica do bairro Progresso de Erechim e sua particularidade no processo histórico, apresentam elementos significativos para compor a memória construída, ressaltando as identidades resultantes dos processos de constituição histórica e as singularidades no contexto, aqui representados. São

eventos que acontecem de forma particular, mas que abre o leque para análises mais complexas, que interagem de forma mútua nos revelando características peculiares da constituição dos sujeitos e, por conseguinte, da história e memória.

A leitura desse complexo de fontes documentais e empíricas nos permite pensar as narrativas presentes nos documentos propostos e desenhos dos alunos como potentes construtores de memória, trazendo elementos singulares sobre a construção da memória histórica de Erechim e suas representações.

Entendemos, dessa forma, que não é a natureza dos temas nem a relevância deles que define o campo temático da micro-história, mas a redução da escala de observação, a exploração exaustiva das fontes, a descrição etnográfica e a preocupação com a narrativa literária (COELHO, 2006, p. 2). Esse complexo nos dá elementos necessários para configurar nossa problemática.

2.2 MÉTODO DE ANÁLISE DE DADOS

Alicerçados na história sociocultural expressada no gênero teórico metodológico da micro-história e no paradigma indiciário, tomaremos como nomenclatura de método de análise das fontes a abordagem microgenética de Góes (2000). A autora parte da matriz histórico-cultural e análise de fontes ligadas a outros aportes teóricos. Para a autora, o método articula o nível microgenético das interações com o exame do funcionamento dialógico-discursivo, salientando, ainda, as propostas de vinculação com proposições do paradigma semiótico-indiciário (GÓES, 2000, p. 9). Justifica-se a escolha pelo fato da mesma apresentar em seu aspecto central a valorização das singularidades e o entendimento de micro, como indicador de minúcias indiciais,

[...] é genética no sentido de ser histórica, por focalizar o movimento durante processos e relacionar condições passadas e presentes, tentando explorar aquilo que no presente, está impregnado de projeção futura. É genética, como sociogenética, por buscar relacionar os eventos singulares com outros planos de cultura, das práticas sociais, dos discursos circulantes, das esferas institucionais (GÓES, 2000, p. 15).

Dessa forma, nos debruçamos sobre o campo da análise documental, trazendo elementos peculiares das fontes e o tratamento empírico dado a elas na pesquisa. As fontes que nos debruçamos para empreender sobre a memória histórica que vem sendo construída

em Erechim são: os textos de memorialistas locais, jornal impresso e escola de educação básica, através do seu plano de ensino e desenhos dos alunos.

Entendemos que as três fontes trazem elementos significativos que nos permitem tecer nossa elaboração. Pois ambas se apresentam como potentes veículos de comunicação e construção de identidades dos sujeitos no município.

Nesse complexo, reiteramos que critérios e categorias foram utilizados para compor nossa análise. Entendemos que experiência pessoal e a leitura do pano de fundo da pesquisa que é a leitura da história do município trazem indicadores que permitem destacar como elementos fundantes da memória e história do município as categorias: imigrante europeu, pioneirismo e trabalho. Sendo essas as categorias definidas a priori, nos detemos a descrever os critérios e especificidades das fontes trabalhadas, destacando o uso das mesmas nos estudos historiográficos, e seu devido rigor metodológico, como recorte espaço-temporal e delimitação temática.

2.2.1 Uma análise nos textos dos memorialistas locais

Para a nossa análise de textos de memorialistas locais partimos da premissa que o papel desempenhado por esses “genealogistas” ou “memorialistas”, como se costuma chamar, representa importante papel na construção da memória histórica nas sociedades.

Esse entendimento pode ser constatado em especial na historiografia regional, sobretudo nas histórias dos municípios que tiveram sua origem oriunda do processo de colonização, como é o caso de Erechim. É recorrente o protagonismo desses contadores de histórias nos textos de suas autorias trazer,

[...] a fundação da colônia sempre aparece como ponto de inflexão na história e associada à ideologia de progresso e do pioneirismo [...] São histórias tradicionais redigidas por historiadores diletantes e que muito influenciaram o imaginário local, ajudando na construção de uma determinada cultura histórica dominante por décadas (ZARTH, 2015, p. 14).

Nesse sentido, a memória, os registros e narrativas elaboradas por esses “historiadores” desempenham um papel importante na constituição de uma sociedade. São registros que podem nos revelar uma visão de mundo, uma narrativa, que por sua vez elege aspectos que serão visibilizados e invisibilizados na história. Com essa compreensão, fomos em busca dos textos que fossem mais lembrados quando se tratasse do registro histórico do município de Erechim.

Segundo os documentaristas do arquivo histórico do município, os mais consultados em se tratando da história do município são: Juarez Illa Font ⁴(“*Serra do Erechim: Tempos heroicos*”), Ducatti Neto⁵ em (“*O Grande Erechim e sua História*”), Oscar da Costa Karnal⁶ em (“*Subsídios para história de Erechim*”). Ambos oferecem subsídios para analisar a história do lugar com bases nos seus escritos. Com as obras e autores delimitados, buscamos nas obras indícios que apontassem para as categorias que demarcamos a priori.

2.2.2 Um estudo no jornal

A nossa escolha em trabalhar com jornais impressos se dá pela importância que os mesmos tiveram e tem na construção e difusão da história do município. É importante deixar claro que, embora hoje em dia se tenha um leque de opções com uso da internet, o uso de jornal impresso como fonte historiográfica é imprescindível tanto nas pesquisas da imprensa como por meio dela.

A análise de jornais enquanto fonte histórica era relativamente pequena, tanto no Brasil como em outros espaços relutava-se muito em utilizar esse material como fonte, pois a tradição historiográfica no século XIX e início do XX, admitia apenas um método de crítica textual preciso, ou seja, para que as fontes fossem reflexos da verdade teria que ser fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente, distanciadas do seu próprio tempo. Nesse contexto, os jornais pareciam poucos adequados para a recuperação do passado (DE LUCA, 2006). No entanto, nas décadas finais do século XX, com as mudanças nas práticas historiográficas, os estudos de novos objetos surgiram, assim como, novas fontes foram ganhando seu lugar.

No nosso cotidiano somos bombardeados de notícias e informações que veiculam nas mais diversas tecnologias, computadores, smartphones, tvs e os mais variados meios de comunicação “moderno”. Nesse universo, os jornais impressos foram perdendo espaço, mas em um passado não muito distante eles foram um dos principais meios de comunicação de massa que tínhamos disponível, formador de opinião e replicadores de memória histórica.

⁴ Nasceu em 07 de Dezembro de 1911, na cidade de Quaraí - RS. Foi jornalista, radialista, historiador e colunista. Faleceu e foi enterrado em Erechim, cidade onde viveu desde 1924, em 09 de Setembro de 1989 (ARQUIVO HISTÓRICO DE ERECHIM)

⁵ Ducatti Neto integra a geração que consolidou e iniciou uma nova fase de vida nas colônias. Nasceu em Bento Gonçalves, no Passo Velho do rio das Antas, em 1904 (ARQUIVO HISTÓRICO DE ERECHIM)

⁶ Foi agrimensor e político. Trabalhou na Comissão de Terras da Colônia Erechim, ajudando na demarcação das Terras da região. Como político, atuou principalmente na sua cidade de origem, Lageado, como prefeito municipal (ARQUIVO HISTÓRICO DE ERECHIM)

Por muito tempo o uso da imprensa como fonte era vista com maus olhos, não dispunha de credibilidade. No entanto, as novas perspectivas teórico-metodológicas propiciaram trazer credibilidade ao uso desse documento, ou seja, deixar o documento falar por si, a partir de uma análise crítica e partindo da perspectiva que todo documento, não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo da subjetividade e da intencionalidade com a qual devemos lidar (CRUZ; PEIXOTO, 2007).

A posição do historiador frente a análise documental deve levar em consideração a importância desses meios na configuração da sociedade, assim como, o tempo e espaço que o documento habita. Entendemos que,

[...]a imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo de pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata imprensa se desmitifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social (CAPELATO; PRADO, 1988, p. 21).

O movimento vivo das ideias que a autora nos escreve acima é dotado de intencionalidade, que cabe ao historiador interrogá-las de forma crítica e cuidadosa. Em nossa pesquisa, onde partimos de categorias pré-determinadas para análise da narrativa, o não dito, os pontos esmaecidos, também são fortes indícios da construção de uma história e uma memória. Nesse contexto, os jornais passam a fazer parte, tanto nas pesquisas da imprensa como através da imprensa. Reconhecendo a importância dos jornais na formação de uma visão de mundo, elegemos como determinante para essa pesquisa fazer uso dos mesmos.

O jornal “A Voz da Serra”, de Erechim, o qual temos registros da década de 40 até os anos 2001, de circulação diária, apresenta-se como importante veículo de análise histórica da cidade de Erechim. Em entrevista proferida em 1984, a esposa do fundador do jornal Gelsomina Noal Carraro, traz elementos explicativos de como se deu o nascimento do jornal,

Havia um tal Manuel Pinheiro, ele falou, vamos colocar um jornal Carraro? E o dinheiro falou Carraro! As máquinas não são tão caras, argumentou Manuel. Então meu marido foi comprar as máquinas com 10 cruzeiros, mas só a máquina custava 18 cruzeiros. O resto ele conseguiu financiamento e então comprou tudo que necessitasse para montar um jornal, vindo então de São Paulo em 1928. Meu marido era agente do correio, e não podia trabalhar em outra profissão; então ficou em meu nome. Ele então diretor o Sr. Plácido Puccini, redator, o sr. Souto Neto, que era secretário da prefeitura, gerente o sr. Manuel Pinheiro, em 1931 entrou o gerente Vitório Alovisei. Depois veio a revolução de 1930, o Estevão queria ir à Revolução; no fim acabou indo Manuel Pinheiro. Que deixou de ser sócio. Em 1938, no dia 18 de outubro de 1938, nasceu o primeiro filho, Gilson. No dia 26 foi publicado no jornal o nascimento do Gilson. (ERECHIM/RS, 1984).

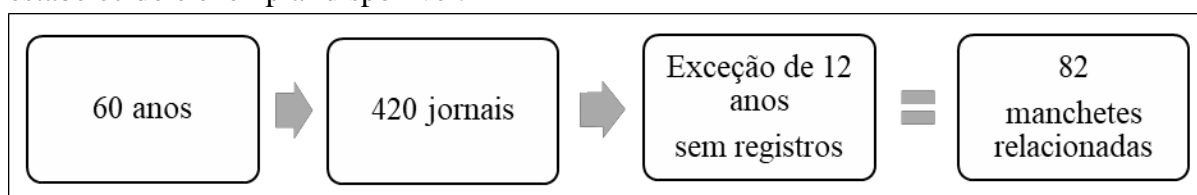
O jornal entra em circulação em 1938, e passa a fazer parte da história do município; se firmando como importante veículo de comunicação e compondo parte importante nos jogos de memórias e identidades do lugar.

Reconhecendo a importância dos jornais como documento histórico, os elegemos como determinante para nossa pesquisa. O jornal analisado será “A Voz da Serra” em circulação no município de Erechim, no período de 1941 a 2001.

Nosso recorte espaço-temporal de análise se dá da seguinte forma: são 60 anos de jornais em circulação, onde nos detemos aos exemplares em circulação na semana de comemoração de aniversário de emancipação do município, do dia 26 de abril a 02 de maio de cada ano, somando ao todo 420 jornais. Desses 420, procuramos por matérias que trouxeram elementos sobre a construção da história do município, reduzindo nosso número para 82 manchetes relacionadas.

Vale ressaltar que com o desenrolar da pesquisa nos deparamos com problemas, alguns exemplares não estavam disponíveis para pesquisa, foram extraviados, mal conservados, e não registrados pelo arquivo histórico de Erechim. Somando-se 12 anos que não apresentavam documentação disponível, os anos de 1941, 1942, 1943, 1946, 1947, 1948, 1950, 1964, 1969, 1994, 1997, 1999. Para uma melhor compreensão esboçamos em forma de gráfico a estrutura de análise da fonte:

Figura 1 – Quantificação da análise do jornal “A Voz Da Serra” de acordo com o recorte estabelecido e exemplar disponível.



Fonte: Elaborado pela autora.

Dessas matérias selecionadas, utilizamos como critério de análise os modos como vem sendo apresentada as categorias que identificamos a priori, ou seja, o tratamento dado a: imigrante europeu, trabalho e ao pioneirismo, dentro da narrativa histórica do município.

A escolha pelo recorte temporal referentes à semana de comemoração de aniversário de emancipação do município, que se justifica pois são em momentos cívicos como esses que identificamos momentos de rememoração da história do lugar, identidades e simbolismo que

marcam a sociedade. Nesse sentido acreditamos serem fortes constituidores de memória social.

2.2.3 Um estudo na escola

Assim como relatamos a importância e os papéis desempenhados pelos memorialistas locais e jornais na construção da história e reafirmação da memória do município. Entendemos que a escola, nesse complexo, também se configura como lugar de igual potência nessa composição.

Os sujeitos que compõem esse contexto são dotados de historicidade e portadores de singularidades no processo de construção da memória. Uma parcela significativa dessa singularidade que apontamos, se dá pela localização geográfica que a escola está inserida, por se tratar de uma área periférica acaba sofrendo tratamento discriminatório e preconceituoso dentro do contexto urbano da cidade de Erechim.

A escola analisada é a Escola Estadual de Ensino Médio Irany Jaime Farina, fundada em 1990 com o objetivo de atender o público carente oriundos de dois bairros carentes da cidade de Erechim, o bairro Progresso e o Cristo rei, comumente identificado pelos moradores e alunos como “baixadão”. De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a escola caracteriza-se da seguinte forma:

[...] Os educandos matriculados pertencem em sua maioria aos bairros Cristo Rei e Progresso. O mesmo não ocorre com os professores e funcionários que se deslocam de diferentes pontos da cidade, em muitos casos até 15 quilômetros de distância da Escola. Quanto ao aspecto físico, a Escola apresenta uma arquitetura moderna, dentro das características do Projeto Nova Escola. A mesma é de periferia, de difícil acesso devido a sua localização (abaixo da BR153 segundo o Pórtico da cidade esses bairros ficam fora do município) frente a pontos críticos. A Escola atende aproximadamente 600 Educandos (conforme dados demonstrativos de março 2014 da pesquisa sócia antropológica) e a partir de junho do corrente ano 310 alunos do Ensino Fundamental terão educação em tempo integral e a escola atenderá 910 alunos) de classes populares, oriundos de famílias de baixo poder aquisitivo. A renda média de 70% das famílias está entre 1 e 3 salários mínimos e 30% dessas famílias sobrevivem com menos de 1 salário mínimo. O que comprova essa realidade é o elevado número de alunos que recebem ajuda de órgãos governamentais, como a Bolsa Família e Bolsa Escola para auxiliar na renda familiar (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2018).

Trata-se de uma escola de periferia, como descrito acima, com estudantes oriundos de um espaço de vulnerabilidade social. Sujeitos em sua grande maioria com descendência afro-

brasileira, indígenas e caboclos, composição que é reflexo das condições históricas que se deu a formação do bairro Progresso.

Diante do contexto, entendemos que a escola é um espaço que além de formar cidadãos críticos, apresenta-se como espaço privilegiado que ocupa um lugar significativo na formação dos sujeitos. Apresentando-se dessa forma, como formadora de opinião e difusora de memória histórica, uma vez que, os sujeitos, e em especial os oriundos de classes mais baixas, só tem contato com a história local através dos conteúdos escolares.

Com esse entendimento, trouxemos desse contexto escolar duas fontes analisadas, o plano de ensino da disciplina de História e os desenhos dos alunos, ambos do 5º ano do ensino fundamental do ano de 2018.

Para a realização da pesquisa no ambiente escolar citado, submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa contendo todas as informações da proposta do estudo, assim como, os detalhes das fases da pesquisa. O parecer favorável de número nº 2.585.254/2018 (Anexo A), nos deu assentimento para realização da proposta, e a partir do aceite, fomos a campo para realização da pesquisa empírica.

Partindo do pressuposto que a nossa discussão gira em torno da análise micro-histórica, em diálogo com estudos de memória histórica, identidades e especificidades dos lugares. Na nossa escolha pelo o nível de ensino e alunos envolvidos, levamos em consideração respectivamente as recomendações sugeridas na Proposta Curricular Nacional (PCNs) de História, onde o ensino da disciplina deverá conter elementos da história regional e do lugar o qual o estudante está inserido, e o lugar o qual eles estão inseridos.

Vale salientar que a proposta inicial de pesquisa abrangia os alunos do 3º ano do ensino médio, pois a ideia era abranger o estudo a outro nível de ensino. Ao centro disso, relacionar uma leitura com a outra. Contudo, no decorrer da pesquisa e conforme tivemos problema devido a indisponibilidades dos educandos, tornou-se inviável a pesquisa com os mesmos.

2.2.3.1 Um estudo no Plano de Ensino

Com a compreensão que os conteúdos presentes no plano de ensino trazem indícios reveladores sobre a história que se quer contar, partimos do entendimento que,

[...]os objetivos ou finalidades do ensino de uma disciplina escolar é importante observar como tais objetivos se inserem e se integram na constituição ou transformação paradigmática de um determinado campo de conhecimento produzido na escola e para escola (BITTENCOURT, 2010, p. 17).

As elaborações do Projeto Político Pedagógico de uma escola e a opção de conteúdos apresentados nos planos de ensino das disciplinas escolares nos oferecem elementos para pensar qual a sua articulação com a sociedade, em especial na disciplina de História, pois a disciplina nos oferece elementos para pensar criticamente sobre o nosso lugar e a própria história.

Para Bittencourt (2008), os estudos da história local devem tentar buscar através do olhar micro estabelecer relações com a totalidade social a qual os sujeitos estão inseridos, rastreando-se por outro lado, os indícios das particularidades dos homens e as mulheres de carne e osso.

O estudo no plano de ensino o qual nos propomos busca elementos que evidenciam a proposta de ensino destinada a história local, pois, partimos da perspectiva que,

Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história (HOLANDA apud BITENCOURT, 2008, p.203).

A importância dada a disciplina de História, no que se refere a história regional, muitas vezes se dá deslocada do lugar onde os sujeitos estão inseridos, ou parte de uma narrativa dada como acabada, fato esse que acaba apartando o sujeito (aluno) do processo de construção dessa narrativa.

Em diálogo com Oriá (1998) sobre o estudo de memória e ensino de história, o mesmo assinala a importância da disciplina de História como detentora de um *locus* privilegiado para o exercício de formação da cidadania, e esse conhecimento emana do conhecimento e valorização do seu lugar e do seu eu enquanto parte significativa da tessitura histórica.

Dessa forma, o entendimento por parte dos alunos de como se configurou o seu bairro e sua cidade são determinantes na construção da sua memória sobre a história do seu lugar. Reafirmando a importância do estudo no plano de ensino e nas representações que os alunos trazem sobre a construção da memória do seu lugar, trazendo a discussão a nossa segunda fonte nesse contexto educacional. Com isso, estamos valorizando as singularidades dos sujeitos e dando voz a multidão de figurantes mudos.

Portanto, a nossa segunda fonte (desenhos dos alunos) nos apontam pistas, sinais e indícios da construção da memória histórica de Erechim que eles conhecem, ressaltando dessa forma a importância das imagens como fonte de interpretação histórica.

2.2.3.2 Desenhos dos alunos

Em diálogo com os demais contextos das fontes explicitadas, a nossa pesquisa empírica se dá por meio da análise dos desenhos dos alunos. Em diálogo com a abordagem microgenética de Góes (2000) e as possibilidades que a micro-história nos oferecem, onde as minúcias recebem destaque em relação as elaborações mais visíveis, nossa análise sobre essa fonte se dá pela singularidade que a metodologia nos apresenta, assim como, a possibilidade de interpretação que ela permite por parte do pesquisador.

A nossa escolha por trabalhar desenhos dos alunos como fonte traz consigo a necessidade de tecermos apontamentos sobre o uso da imagem como fonte histórica, pois entendemos que dentro da nossa proposta ela se fez necessária, pelo lugar de destaque que a fonte revela, trazendo para discussão o olhar dos sujeitos sobre a temática.

2.2.3.2.1 *A imagem na construção da memória histórica.*

Para apreensão do nosso problema de pesquisa que é compreender como vem sendo construída a memória histórica de Erechim/RS, por meio do estudo no bairro Progresso e a partir de indícios apreendidos nas análises dos memorialistas locais, jornal impresso e na escola, tomamos na nossa empreitada a análise de fontes que vão das escritas às imagéticas, expressa nos desenhos dos alunos. Nesse sentido, e por entender o poder que as imagens ocupam na construção da história e memória dos sujeitos, dedicamos a analisar a dimensão social que a imagem ocupa na construção das memórias das sociedades.

Os processos visuais são dotados de singularidades e no caso dos desenhos dos alunos aqui utilizados, o uso da imaginação e ludicidade nos oferecem elementos, indícios, sinais que apontam para caminhos de reflexão sobre a configuração histórica do município e suas apreensões nos diferentes lugares.

Os desenhos serão tratados como elaborações reveladoras de história, são processos visuais que vão além que um simples elemento representativo. Segundo Baxandall (2005) “o processo visual é muito mais do que uma simples exploração com os olhos: usamos nossa

mente, a mente se vale de conceitos” e esses conceitos são explicados e descritos na forma como o sujeito vê a imagem e produz no seu tempo e espaço.

As imagens sempre se fizeram presentes na história da humanidade. Todas as sociedades humanas criaram representações culturais, que esboçavam na visão e no visível seus focos de ação. Embora hoje, acreditemos que o “não visível” também apresente potencial de leitura, e elementos reveladores do processo histórico. No entanto, apesar desse extenso material visual, o documento escrito sempre foi privilegiado.

No século XIX, quando a história passou a ser considerada uma ciência dotada de método, a investigação histórica privilegiou a escrita e os documentos oficiais como expoente da história, relegando as imagens a uma posição subalterna. Entretanto, a partir de 1960, os historiadores passam a perceber que para compreender as sociedades e sua formação ao longo do tempo, o uso das imagens como fonte seria determinante.

Não podemos negar a importância da história da arte como expoente desse casamento entre história e imagem, que apesar de ter sido por muito tempo uma disciplina isolada da História, essa se incorporou a espinha dorsal dos estudos dessa disciplina, trazendo consigo um vasto conhecimento de técnicas e apreensão do estudo de imagens.

O uso da imagem como fonte histórica trouxe uma série de métodos de análises para as mesmas. O pressuposto metodológico defendido por Paulo Kanauss (2006), denominado de Estudos Visuais, nos auxilia, à luz do paradigma indiciário e da abordagem microgenética, na análise das nossas imagens.

Os Estudos Visuais surgiram por volta de 1980 e tem como objetivo entender a cultura visual em diálogo com o contexto a qual ela está inserida. Acredita-se que,

[...] essa postura, que compreende o processo social como dinâmico e com múltiplas dimensões, abre espaço para que a História tome como objeto de estudo as formas de produção de sentido. O pressuposto de seu tratamento é compreender os processos de produção de sentido como processos sociais. Os significados não são tomados como dados, mas como construção cultural. Isso abre um campo para o estudo dos diversos textos e práticas culturais, admitindo que a sociedade se organiza, também, partir do confronto de discursos e leituras de textos de qualquer natureza — verbal escrito, oral ou visual. É nesse terreno que se estabelecem as disputas simbólicas como disputas sociais (KANAUSS, 2006, p. 4).

As imagens produzidas pelos alunos se portam nesse sentido como expoente manifestação e forma de produção de sentidos, onde a sua leitura em diálogo, como outros objetos analisados, estabelecem conexões com o meio social o qual estão inseridos, assim como, sua inserção em um contexto mais amplo. Contexto esse que identificamos como a

história do município e as singularidades apresentadas na formação do lugar em que eles vivem, ou seja, o bairro Progresso.

O olhar da criança é dotado de significados e apresenta potencial poder de comunicação. Como nos afirma Kanauss (2006), quando dialoga com John Berger, “a visão vem antes das palavras – as crianças enxergam e reconhecem antes de falar”.

Nesse ponto de vista, o uso das produções imagéticas dos alunos se justifica e nos oferece férteis elementos para pensar as singularidades, e interpretações da acerca da memória histórica e as identidades que se constroem nos lugares no município de Erechim/RS. Com essa premissa, acreditamos que,

[...] Esse instrumento, o desenho, manifesta-se por presença e ausência de elementos. Ao selecionar e excluir outros objetos, a imagem reflete e revela o entendimento generalizado que o estudante tem do assunto. O estudante, ao ser convidado a desenhar, busca na memória os seus entendimentos mais marcantes (ANDREIS, 2012, p. 142).

Os sistemas simbólicos que são apresentados por meio dessas escolhas nos permitem analisar a constituição da memória através desses reflexos expressados em forma de desenhos. Os indícios que são apontados nos apresentam uma postura diante das construções da memória coletiva, difundida pelos meios de comunicação (jornais, memorialistas), documento escolar (plano de ensino) e a memória individual dos alunos.

Entendemos que os esquecimentos e os silêncios da memória são reveladores destes mecanismos da memória coletiva (LE GOFF, 2003). E, para isso, a análise minuciosa diante do complexo de fontes que apresentamos se faz necessária e elucidadora sobre os mecanismos que a história é utilizada para configurar a memória histórica.

Desse modo, diante da complexidade das fontes analisadas, assim como, as singularidades presentes no processo de configuração histórica do contexto espaço-temporal do estudo, dedicaremos-nos, a seguir, a empreender sobre o plano de fundo da pesquisa, ou seja, a construção histórica do município de Erechim e a peculiaridade apresentada na configuração do Bairro Progresso nesse contexto.

Pretendemos com isso, explicitar elementos históricos que são determinantes para o entendimento da escolha das fontes analisadas, principalmente, da escola de educação básica e os alunos em questão.

3 UM LUGAR EM PESQUISA: A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE ERECHIM/RS

3.1 O RIO GRANDE DO SUL E SUA ESPECIFICIDADE NO PROJETO COLONIZADOR

O Rio Grande do Sul integrou-se tarde na dinâmica colonial do restante do Brasil, depois de passada a primeira fase do processo colonizador português, apresentando peculiaridades em seu processo colonizador, pois a sua economia baseada na pecuária era produto secundário na terceira fase de colonização portuguesa. O número significativo de imigrantes europeus que começaram a chegar nesse território no século XIX endossaram a vasta bibliografia e história do Estado, assim como, de regiões específicas que passaram ter sua história escrita por esses atores sociais.

Para essa pesquisa, voltaremos nossa atenção à região Norte do Rio Grande do Sul, em especial à cidade de Erechim, a qual faz parte da segunda fase do processo colonizador. Paralelo a isso, faremos uma breve análise de como se desenhou espacialmente o processo colonizador no Rio Grande do Sul e do Norte Gaúcho, pois acreditamos que não existe um lugar isolado, ou seja, as cidades, distritos, vilas, bairros, são reflexos de um conjunto de fatores, que interferem na formação das sociedades e das identidades culturais fomentando elementos para formação da memória histórica.

O Rio Grande de São Pedro⁷ permaneceu inexplorado por mais de um século, o desinteresse dos portugueses nas terras dos Sul do país se deu pela sua não incorporação ao lucrativo comércio colonial desenvolvido por Portugal. Apesar de que é importante citar que os espanhóis já habitavam a região e desenvolvia um comércio próprio, em especial, na região próxima a bacia platina. Só a partir do século XVII é que as atividades econômicas desenvolvidas nas terras ao Sul do Estado, baseada na pecuária de corte, que servirá ao contexto colonial, em especial na sua fase mineradora. Sobre esse período entendemos que,

Ao findar o século XVII, o contexto colonial brasileiro sofreu um processo de renovação. A decadência do açúcar foi compensada pela descoberta das minas na zona das Gerais. Interiorizou-se o polo econômico de atração da colônia portuguesa. A mineração, atividade altamente especializada, concentrando densas massas populacionais, com grande poder aquisitivo e localizado a distância do litoral, fez com que surgisse o mercado interno no Brasil. É nesse momento que assumiram relevância os rebanhos de gado no Sul do País, concentrando-se no Rio Grande do Sul às zonas Gerais com economia subsidiária da economia central de exportação (PESAVENTO, 1994, p. 13).

⁷ Nome genérico encontrado nos primeiros relatos de expedições na costa gaúcha no início do século XVI.

O Estado passou a desempenhar uma função estratégica passando a abastecer o mercado das Minas Gerais, como também, promovendo e orientando o povoamento da área, conservando o domínio na região do Prata.

A distribuição de sesmarias veio no século XVIII, a coroa passou a distribuir lotes de terras, estabelecendo assim as estâncias. Muitas dessas terras foram doadas a tropeiros e militares que deram baixas do exército e se afazendaram (PESAVENTO, 1994, p. 15). No final desse mesmo século, tivemos uma decadência na atividade mineradora que acabou ocasionando a baixa na procura pelo gado sulista, esse novo contexto faz surgir dois novos produtos que se incorporam a economia: o trigo e o charque. Com esse segundo produto, tivemos a incorporação massiva de escravos na economia do Rio Grande do Sul. No entanto, embora tenha impulsionado a economia do Estado, a posição da economia no cenário do país continuou a ser periférico, dado ao fracasso diante da demanda internacional, pautados na busca de mercado consumidor e manufaturas para indústria.

Esse modelo de desenvolvimento capitalista exigia a substituição da mão-de-obra escrava pela mão-de-obra-livre, transição essa que começa a ser incorporada pelo centro cafeeiro de São Paulo, com a substituição da mão de obra escrava pelo imigrante europeu, em especial italiano.

Cabe destacar que no século XIX tivemos um processo migratório expressivo no Brasil, que não podemos resumir a necessidade de mão-de-obra livre na economia brasileira, a entrada desses imigrantes em solo brasileiro demanda uma explicação mais ampla, que se insere em eventos diversos que compuseram o cenário político e econômico dos seus países de origem. Esses imigrantes passaram a compor os espaços, em especial no eixo centro-sul do país, e no Rio Grande do Sul, especialmente no Nordeste e Norte do Estado.

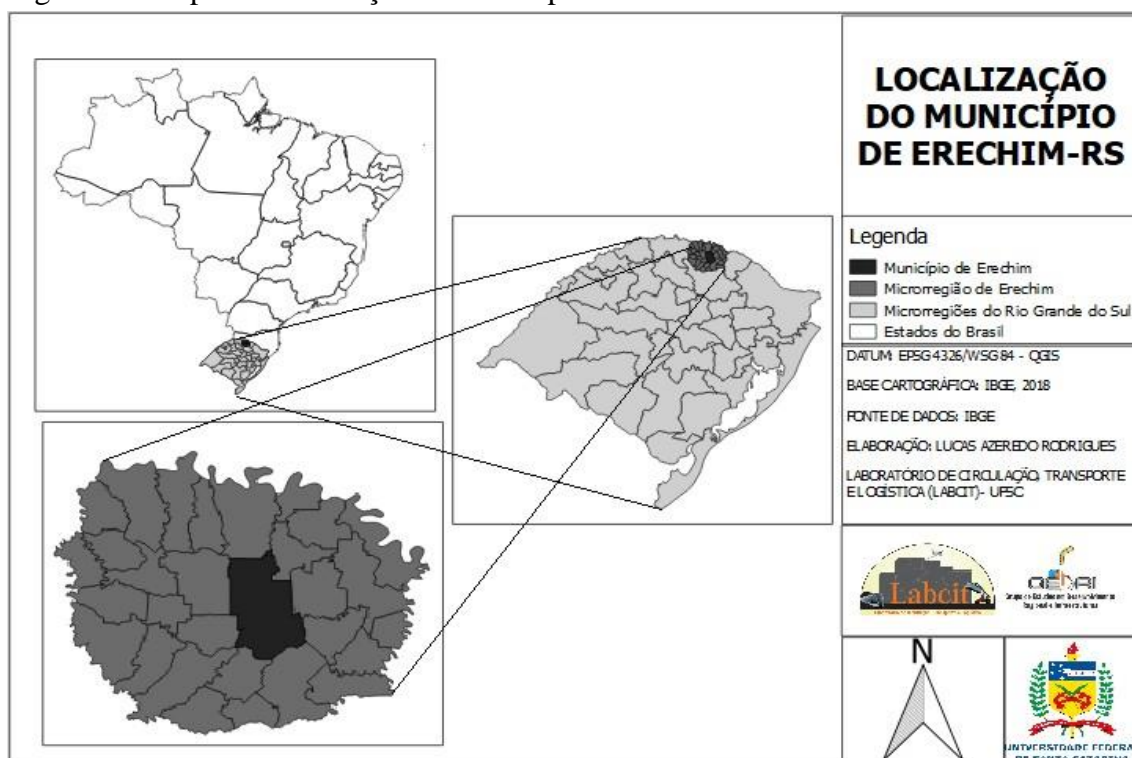
No tocante da presença da imigração Europeia no Norte do Rio Grande do Sul, demonstra que para além de características econômicas, elementos culturais marcantes condicionaram a formação espacial e social dessa região. E, é com essa perspectiva que nos debruçamos em entender como se deu esse processo colonizador na cidade de Erechim/RS.

3.2 O MUNICÍPIO DE ERECHIM: LOCALIZAÇÃO E COLONIZAÇÃO

Localizada na região Norte do Rio Grande do Sul, na região denominada de Alto Uruguai, a cidade de Erechim/RS tem como limites ao norte os municípios de Aratiba e Três Arroios, ao sul Getúlio Vargas e Erebangó, ao leste Gaurama e Áurea e ao oeste os

municípios de Paulo Bento e Barão de Cotegipe. O município está localizado a cerca de 360 km da capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, sendo 330 km em distância rodoviária. A latitude da cidade é de 27° 38' 3" Sul e a longitude 52° 16' 26" Oeste. Conforme podemos visualizar no mapa abaixo:

Figura 2 – Mapa da localização do município de Erechim/RS



Fonte: Produzido por Lucas Azeredo Rodrigues, 2018

Erechim hoje se constitui como município de referência na região do Alto Uruguai, com importante polo industrial que gera emprego para população dos municípios menores em seu entorno.

Segundo dados da Prefeitura Municipal, o setor primário diminuiu consideravelmente nos últimos vinte anos devido ao reflexo do crescimento urbano e a crise do segmento cooperativista na região. O setor primário reúne atualmente 6,39% da arrecadação municipal, e a cidade contém cerca de 2.520 pequenos produtores. Eles produzem basicamente soja, milho, trigo, feijão, cevada e frutas e criam aves, bovinos e suínos, respectivamente (PREFEITURA MUNICIPAL DE ERECHIM, 2018).

Fica clara a importância que Erechim exerce sob a região e para os municípios do seu entorno. Os dados contemporâneos nos mostram isso, mas acreditamos que para entendermos como a cidade se formou e transformou-se, se faz necessário entendermos como se deu a

ocupação do seu território, ou seja, o seu processo de colonização dentro do espaço do Rio Grande do Sul.

A colonização da região Norte do Rio Grande do Sul, em especial o território denominado Alto Uruguai, se dá no início do século XX e ocorre em virtude da política de incorporação dessa área como subsidiária do desenvolvimento econômico e social do período. As “velhas colônias”⁸, que se concentravam na região de São Leopoldo e Serra gaúcha não comportavam mais o elevado número de imigrantes, a demanda por áreas agricultáveis crescia demasiadamente com o crescimento das famílias.

As novas gerações necessitavam de terras para exercício da agricultura e sobrevivência, ou seja, essa integração teve a finalidade de expandir a fronteira agrícola e diminuir a pressão social com novas áreas agricultáveis, uma vez esgotadas as terras nas velhas colônias. A reprodução do modelo de colonização iniciado no Sul do país a partir da segunda metade do século XIX e que se reconfigurou no século XX, originou dentre outras colônias na região Norte do território, a Colônia de Erechim.

Essa estrutura colonial que se desenhou na região não se deu de forma isolada, houve um alinhamento a um modelo político em vigor na época, o positivismo serviria como base para a organicidade do governo do Rio Grande do Sul no tocante desses núcleos colonizados, exercendo um importante papel dentro desse contexto.

Em estudos⁹ dedicados a apresentar a interferência positivista no modelo colonizador incorporado pelo Estado do Rio Grande do Sul, acredita que esse modelo teve como empresa responsável a Secretaria de Obras Públicas, encarada como reduto positivista e protagonizada pelo diretor de terras e colonização em 1908, o engenheiro Carlos Torres Gonçalves. Vale salientar que o engenheiro teceu demasiadas críticas ao modelo de imigração que incorporado pelo governo do Estado, a espontaneidade adotada pelo governo não limitava o número de imigrantes que aqui chegava, para Carlos Gonçalves deveria passar por um ordenamento, uma organização, tendo em vistas que o número de imigrantes só crescia.

A organicidade defendida pelo engenheiro foi posta em prática na colônia de Erechim, interferindo em seu ordenamento urbano. A colônia de Erechim, criada em 1908 por Carlos Barbosa, obteve sua emancipação em 1918, constitui-se como primeiro exemplo no Rio Grande do Sul em que houve planejamento para a ocupação da terra (GRITTI, 2013, p. 2).

⁸ Faz referências às primeiras colônias de imigrantes de se estabeleceram no Rio Grande do Sul.

⁹ Refiro-me ao estudo intitulado *O positivismo e a Colonização do Norte do Rio Grande do Sul*, de autoria de Breno Antonio Sponchiado.

O regime Republicano incorporado pelo Rio grande do Sul adotou a ideologia positivista como fio condutor de sua política, o PRR (Partido Rio Grandense Republicano) era uma mescla de conservadorismo com latifundiários liberais, encontrando no ideal de August Comte os princípios necessários para manter os interesses da burguesia e aliar isso a um ideal social mais abrangente, o da ordem social.

Almejar o progresso, assegurando o domínio das classes conservadoras do Estado (PESAVENTO, 1994). A inserção positivista no Rio Grande do Sul está ligada diretamente ao modelo capitalista que condicionou a política colonizadora, e como consequência, o ordenamento do meio urbano.

A modernização da agricultura na década de 70 ocasiona a “fuga” do campo para a cidade, interferindo diretamente na configuração do espaço urbano. Esse “casamento” positivismo x capitalismo é notório na relação apresentada abaixo,

No contexto europeu, a ideologia positivista surgiu como defensora da sociedade burguesa em ascensão e do desenvolvimento capitalista. Para conservar a ordem burguesa, era essencial que se acelerasse o desenvolvimento industrial. Dessa forma, a ordem era a base do progresso; o progresso era a continuidade da ordem. Assim a visão positivista era progressista e conservadora ao mesmo tempo, ou seja, pretendia conciliar o progresso econômico com a conservação da ordem social. No contexto gaúcho, tratava-se antes de implantar o capitalismo, para que se representava uma série de entraves. Antes tais problemas que se antepunha, o PRR propunha-se a realizar a modernização econômica exigida. A ideologia importada, posta a condições histórico-objetivas locais forneciam os elementos básicos que norteariam a ação do grupo no poder, desenvolver as forças produtivas do Estado, favorecer a acumulação privada de capital e propiciar o progresso harmônico de todas as atividades econômicas (PESAVENTO, 1985, p. 67).

A ideia de progresso citada acima, embora não tenha sido trazida pelos imigrantes europeus para região Sul, a vinda desses foi justificada como a saída para o atraso social da estrutura da sociedade brasileira. O alinhamento do cenário político republicano do século XIX e início do XX, onde o governo brasileiro apoiado por ideias positivistas e nas discussões de raças que estavam em evidência na época, acreditava que os povos nativos que habitavam o interior do país não eram capazes de promover o progresso, eram “atrasados” para tal feito.

No entanto, mesmo não trazendo consigo a mesma ideia de progresso presente no governo brasileiro, o imigrante trazia uma cultura que se alinhava perfeitamente a do governo, a ideia “civilizar”, e cultivar a terra prometida. Não era apenas ocupar a terra,

A colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do *colo*: ocupar o novo chão, explorar os seus bens, submeter seus naturais. Mas os agentes desse processo não são apenas suportes físicos de operações econômicas; são também crentes que trouxeram nas arcas da memória e da linguagem aqueles mortos que não devem morrer (BOSI, 1992, p. 15).

Assim, o processo de colonização se configura como uma estrutura bem maior do que a simples ocupação de uma terra, mas de certa forma, uma transferência de valores, bens simbólicos, identidades e memória, ou, será que podemos chamar de imposição? O traço grosso da dominação é inerente a diversas formas de colonizar e, quase sempre, as sobre determina (BOSI, 1992, p. 12).

Embora o autor se refira a elementos do processo colonizador de forma mais abrangente, não se referindo especificamente para a região Sul, esse sentimento esteve presente no ideário colonizador dos imigrantes que chegaram à região. Em estudo sobre a contextura histórica do processo de colonização do Oeste de Santa Catarina e região do Alto Uruguai Gaúcho relata-se essas duas características do processo de ocupação dos espaços, os migrantes italianos, alemães e poloneses eram identificados, geralmente, como civilizadores e com visão progressista de trabalho e futuro (RADIN, 2009, p. 19).

Temos elementos importantes norteando nossa discussão, onde as palavras colonização, imigração e ideal político se fazem presente. Esses condicionantes levaram a configurações dos territórios do Rio Grande do Sul, assim como, a organicidade dos espaços e lugares, como no caso da colônia de Erechim e seu ordenamento urbano.

A organização do espaço urbano de Erechim também seguiu essa regra. Shimidt (2016), em seu estudo: *Erechim/RS cidade construída para imigrantes: o poder do simbólico na conquista do espaço urbano*, nos traz elementos fundamentais para o entendimento da organização do espaço urbano de Erechim a partir do projeto colonizador e positivista do Estado, apresentando importantes elementos na configuração das relações sociais dos sujeitos envolvidos nessa contextura histórica.

Sobre essa organização do espaço urbano, fazemos uma breve análise no tópico seguinte.

3.3 A CONSTRUÇÃO URBANA DE ERECHIM: ESPELHO DA COLONIZAÇÃO

Quando falamos em memória, não podemos analisá-la de forma isolada, a relação espaço-tempo que vai se moldar em decorrência dela é de suma importância para o entendimento das relações sócias que vão se configurando nesses espaços e lugares.

O entendimento das relações humanas, assim como, as questões econômicas e sócio históricas, como a cultura e as identidades, são alimentadas e reavivadas nesse contexto.

Acreditamos que os lugares são parte de um todo, mas se constituem de forma singular. Com esse entendimento, a relação espaço-temporal em que se dá a construção de memória podem ser vistas e analisadas de diferentes perspectivas, assim como, os sujeitos que os compõem suscitam diferentes identidades e apropriação dessa memória. Acreditamos que a história é escrita em diálogo dessa configuração espaço-tempo, nos revelando singularidades do processo histórico.

Entendemos que a história de uma sociedade é refletida nos seus diversos espaços. Quando andamos pelas ruas de uma cidade, e ainda mais se essa cidade for a nossa, onde nascemos e vivemos, essa simples caminhada se transforma em um momento de rememoração, acionamos a memória que nossa história criou e atribuímos sentidos aos espaços. As calçadas, praças, árvores, monumentos, bairros, ou seja, lugares parecem que ganham uma legenda fazendo com que os mesmos ganhem significados em nossas vidas. Dessa forma, a organização dos espaços é fruto do compartilhamento de histórias e memórias.

Dessa forma, as histórias das cidades são fruto dessa memória, que ao se tornar coletiva, ganha força dentro desses espaços. No tocante da nossa pesquisa, as cidades desenhadas pelo processo colonizador configuram lugares singulares, que são rememorados por seus moradores com uma simples caminhada, e reafirmada pelos escritos da História, que muitas vezes partem de uma perspectiva tradicional de fazer história.

Em se tratando de escrita da história, a reafirmação de uma perspectiva tradicional na escrita historiográfica oferece uma intenção clara,

A história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido que tem sempre se concentrada nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história (BURKE, 1992, p. 12).

Dessa forma, percebemos que a relação da memória com o espaço-tempo que configura os lugares estão intimamente ligados à construção de memórias e identidades, pois esses lugares são habitados por significados que foram e vão se construindo com o tempo. Percebemos que,

[...] todas as identidades são localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias” (1990): suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar”, ou heimat, bem como suas localizações no tempo, nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes (HALL, 2014, p. 41).

Os mitos fundantes sobre a História do lugar que se conectam ao indivíduo por eventos históricos e, por conseguinte, criando elementos identitários e memorialísticos com o lugar e espaço bem delimitados.

Outro fator que condiciona nossa apreensão pelos conceitos de espaço-tempo e lugar se dá pela utilização da geografia como ferramenta da conquista colonial.

Em todos os países colonizadores, houve geógrafos empenhados nessa tarefa, readaptada segundo as condições e renovada sob novos artifícios cada vez que a marcha da história conhecia essa inflexão. Freemann (1961, p. 9) considera que existe mesmo uma relação entre a expansão da geografia e a da colonização. O ímpeto dado à colonização e o papel nela representado por nossa disciplina teria sido um fator de seu desenvolvimento (SANTOS, 2008, p. 31).

Observamos isso de forma muito clara nos textos do Waibel (1949), na revista brasileira de geografia, nela ele traz uma divisão dos territórios da colonização na região Sul do país. Uma espécie de “atlas da colonização”, como o mesmo denominou, que justifica a locação de cada etnia.

É notório que o espaço-tempo está intimamente ligado à questão histórica, pois entendemos que não há sociedade a-espacial (SANTOS, 2008) a história não se escreve fora do espaço. Assim como, reconhecemos o espaço como produto das inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno (MASSEY, 2013, p. 29).

É reconhecê-lo em sua multiplicidade. O espaço é a condição tanto da existência da diferença quanto do encontro dos diferentes, que fazem parte de um processo, com conflitos e identidades diletantes, tornando ou não os lugares significativos ou não para um grupo social particular, mesmo que,

[...] o especial a respeito do lugar não é algum romantismo de uma identidade coletiva preconcebida ou de uma eternidade das montanhas. Ao contrário, o que é especial sobre o lugar é, precisamente, esse acabar juntos, o inevitável desafio de negociar um aqui-e-agora (ele mesmo extraído de uma história e de uma geografia de “entãos” e “lás”), e a negociação que deve acontecer dentro e entre ambos, o humano e o não humano (MASSEY, 2008, p. 203).

Entendemos, dessa forma, as noções de pertencimento e identidades dos sujeitos, que embora seja um ser autônomo, estabelecem relações e identificação da sua existência com algo mais amplo, ou seja, sociedade, lugar, grupo, classe (HALL, 2014).

A memória, as identidades e suas relações espaço-tempo com o lugar, são as aberturas que buscamos para nos apropriar dos indícios, sinais que apontaram para a pluralidade de identidades que se formaram nesse contexto de colonização. De alguma maneira resultante desse processo de construção de uma memória hegemônica que a história tradicional ajuda a fixar, e que condiciona o desenho do espaço urbano da cidade de Erechim/RS, como vamos perceber no decorrer do texto.

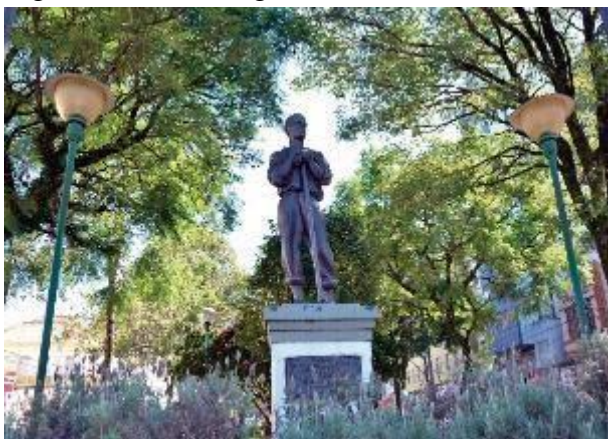
No tocante do espaço urbano, a então colônia de Erechim passa a receber seus imigrantes em 1910, já sob a gerência de Torres Gonçalves, com padrão de organicidade. A Ideologia política pautada na filosofia positivista influenciou não só a formação social, mas também, mas também a formação material e imaterial da cidade, seu traçado, monumentos, dentre outros.

Sobre os monumentos históricos, a prefeitura da cidade de Erechim faz referência através do roteiro turístico intitulado “monumentos e monumentos”, afirmando que,

Conhecer lugares cívicos, monumentos e construções relacionadas à nossa história, é o que propõe o roteiro turístico Monumentos & Monumentos. Não deixe de conhecer, na Praça da Bandeira, o Chafariz, construído em 1953, em modelo italiano, e o Painele ao Colono, homenageando os colonizadores, em especial, o trabalho da mulher no campo. Na mesma Praça, em 1998, um mastro de 35 metros de altura, foi erigido, com a Bandeira Nacional, permanentemente iluminada, e que pode ser avistada de qualquer ponto da cidade. Já o Monumento em Homenagem ao Colono, foi inaugurado por ocasião da 3ª Festa Nacional do Trigo, em 28 de novembro de 1953. Escultura de Vasco Prado, contém os seguintes dizeres: “Ao defrontares com este símbolo, pensa naqueles que, alheios aos gozos mundanos, só tem como glória o suor do seu esforço”. Conheça, ainda, a Praça dos Imigrantes, o Viaduto Ruben Berta, a Praça Jaime Lago e a Praça Júlio de Castilhos (PREFEITURA MUNICIPAL DE ERECHIM, 2018).

Dentre os listados acima destacaremos o monumento em Homenagem ao colono (Figura 3), e a Praça do Imigrante (Figura 4). Além desses monumentos, podemos destacar também o prédio de madeira localizado no centro da cidade e que recebe o nome de Castelinho (Figura 5), sede da antiga comissão de Terras e Colonização, que aparece como expoente significativo de patrimônio histórico da cidade.

Figura 3 – Homenagem ao colono



Fonte: Disponível em: <<http://www.jornalbomdia.com.br/noticia/3301/monumentos-um-legado-a-memoria-coletiva>>. Acesso em: 10 abr. 2018

Figura 4 – Praça ao imigrante



Fonte: Disponível em: <<http://www.jornalbomdia.com.br/noticia/3301/monumentos-um-legado-a-memoria-coletiva>>. Acesso em: 10 abr. 2018

Figura 5 – Castelinho



Fonte: Disponível em: <<http://www.pmerechim.rs.gov.br/pagina/352/castelinho>>. Acesso em: 10 abr. 2018

O propósito de trazer para nossa pesquisa os monumentos e patrimônio cultural de Erechim não está em determos nosso foco a discussão de patrimônio, mas sim, estabelecer um diálogo entre a sua construção de memória historiográfica com esses marcadores identitários da sociedade. Sabemos que a construção de um espaço, aqui no tocante, do espaço urbano é resultado de escolhas que perpassam a história do lugar.

Os monumentos apresentados acima reafirmam que essa história transpassa a escrita e que são refletidas no meio social em forma e memória, como podemos perceber na matéria que o jornal A Voz da Serra traz no ano de inauguração do monumento “Homenagem ao colono” em 1957,

[...] Cerca de um século que conhecemos o valor do colono, descendente de italiano e alemão que conquistaram méritos graças aos esforços e dedicação de homem e amor a terra e coragem sem par em prol do progresso [...] O município de Erechim vê nessa figura um verdadeiro símbolo, uma personalidade marcante, um homem simples e áspero, um místico a cativante e um amigo, enfim, um complexo de cotejo com a natureza para o engrandecimento do Brasil (A VOZ DA SERRA, 1957).

O ponto de inflexão centralizado na figura do pioneiro e colono europeu, como nos afirma Zarth, aparece de forma intrínseca no fragmento acima, como também vai aparecer nas palavras de Vitorio Ricciardi, fixada junto ao monumento, “Ao defrontarem com este símbolo imagem, pense naqueles que alheios ao gozo mundanos, só tem como glória o suor do seu esforço” (A VOZ DA SERRA, 1957).

A história representada nos monumentos da cidade, implicando em espaços e lugares repletos de significados e que compõem a dinâmica social da cidade, perpassa também a história escrita. Esses elementos nos fazem questionar essa hegemonia luminosa, e trazer à tona os “não lugares”, aqueles sem tanta significação dentro desse contexto maior. Que, no tocante da nossa pesquisa, é determinante para entendermos como esse contexto hegemônico que se desenhou a partir do ideal colonizador e político, se traduz na memória histórica de um contexto singular, produzidas pelos sujeitos que compõem os “não lugares”, aqui identificado como o bairro Progresso.

3.3.1 Os “não lugares” dentro do espaço urbano: o bairro Progresso

Assim como apontamos o lugar significado pela história tradicional do município de Erechim, não apenas no seu aspecto físico, mas sim, como um resultado das relações sociais, cabe a nós trazermos os silenciamentos e as contradições desse processo. Partindo do

pressuposto que essa história ajudou a formar os lugares de encontro, com compartilhamento de memórias e identidade social, essa mesma história ajudou a desenhar os “não lugares”.

Para Augé (2012, p. 73), se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um lugar que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar.

É nessa perspectiva que entendemos o não lugar, esse lugar que não se apresenta como lugar de memória dentro do município de Erechim, memória essa construída pela história entendida aqui como tradicional e apresentada pela historiografia do município. No entanto, o não lugar e o lugar não são isolados e dados como acabados neles são estabelecidos uma relação de “confroencontro”, onde as memórias que ao mesmo tempo em que se separa, funde-se, deixando mais evidente as identidades contraditórias que nascem desse contato.

A atribuição de “não lugar” para nós tem nome e endereço, ele é o bairro Progresso de Erechim. A historicização desse contexto nos revela indícios, que nos permite inferir que sua criação foi resultado da intenção organizacional do espaço urbano da cidade, norteados no ideal colonizador e no modelo positivista. Sobre a formação histórica do bairro progresso, tecemos alguns apontamentos.

3.3.1.1 A formação histórica do bairro Progresso de Erechim/RS

O bairro Progresso é formado no contexto de modernização da agricultura, condicionado pela modernização capitalista no campo. As cidades passam a receber um contingente populacional que não era esperado.

Essa população vinda do campo tem que se realocar em lugares dentro do espaço urbano. Zanella (2004), em estudo sobre o sindicalismo na região do Alto Uruguai, nos traz dados interessantes sobre o aumento populacional da cidade de Erechim no período de 1918 o ano 2000 expostos na Tabela 1.

Tabela 1 – Crescimento urbano de Erechim/RS de 1918/2000.

(Continua)			
Anos	Total da população	População urbana	População rural
1918	38.526	1.700	36.826
1924	47.364	2.750	44.614

Fonte: (adaptado pela autora) de ZANELLA, Anacleto. A Trajetória do Sindicalismo no Alto Uruguai Gaúcho (1937 – 2003). Passo Fundo: UPF, 2004, p. 29.

Tabela 1 – Crescimento urbano de Erechim/RS de 1918/2000.

Anos	Total da população	População urbana	(Conclusão)
			População rural
1930
1940	107.035	7.511	99.524
1950	119.529	14.663	104.866
1960	65.972	29.590	36.382
1970	48.677	33.934	14.743
1980	61.114	48.224	12.890
1990	70.313	60.023	10.290
2000	87.351	78.621	8.730

Fonte: (adaptado pela autora) de ZANELLA, Anacleto. A Trajetória do Sindicalismo no Alto Uruguai Gaúcho (1937 – 2003). Passo Fundo: UPF, 2004, p. 29.

Percebe-se que a partir de 1970 começa a ter um aumento significativo da população urbana e diminuir progressivamente a rural. Nesse período, uma série de fatores contribuiu para esse êxodo rural.

O processo de modernização agrícola como já citado acima, aliado ao aumento da industrialização exige que a região e a cidade de Erechim, em especial, se modelem para receber esse novo morador. A cidade considerada polo da região do Alto Uruguai, passa a receber um enorme contingente populacional e esses novos sujeitos que se integraram a cidade passam a ocupar novos espaços, dentro da já planejada cidade, passando a ocupar principalmente as zonas periféricas. E, uma dessas, é o bairro Progresso.

Para construção histórica do bairro Progresso cabe salientar que a bibliografia que dispomos são algumas poucas elaborações que encontramos no Arquivo Histórico de Erechim e dois trabalhos em nível de graduação que abordam o tema. Nesse sentido, cabe aqui atentar para a relevância do estudo que propomos, pois, dessa forma, podemos contribuir para fomentar a produção bibliográfica sobre esse “não lugar”, aqui delimitada ao bairro Progresso.

Entender o Bairro Progresso como não lugar, também é entendê-lo como fronteira, é abordá-lo a partir do conceito sociológico descrito por José de Souza Martins, um lugar de alteridade e expressão. Para o autor,

À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como índios de um lado e os civilizados do outro; como os grandes proprietários de terra de um lado, e os camponeses pobres, do outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro de diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro da fronteira é o desencontro das temporalidades históricas, pois em cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História (MARTINS, 1996, p. 27).

A fronteira é um lugar de conflito social, onde as regiões periféricas dos espaços urbanos também se destacam. É a partir desse entendimento que a construção histórica do bairro Progresso se configura como lugar de alteridade dentro do espaço urbano do município de Erechim, espaço esse que, como já dito, foi planejado e moldado a partir de uma intenção clara, a cidade dos imigrantes europeus, sendo o bairro um “não lugar”, por não compartilhar da identidade cultural dominante, esboçado na história tradicional de Erechim/RS.

A então cidade planejada para receber um seguimento social, no caso os imigrantes, e que carrega nas representações e simbolismos da cidade essa memória, nos permite apontar que existem jogos de forças e poder, que definem como os indivíduos se apropriam do espaço urbano.

Os vários tempos vividos de uma cidade estão fixados nas imagens de seu espaço físico e de seus habitantes. São lembranças de um tempo passado que servem à correta compreensão do processo histórico, pois é na forma de imagens que a cidade ganha existência. Na memória de seus habitantes e visitantes; registra, ainda, as mensagens do tempo, facilitando a compreensão e a assimilação da História e do espaço estudado. (SHIMITD, 2016, p. 92).

A intencionalidade do modelo urbano empregado na cidade de Erechim esboça um mosaico de conjunturas que se traduzem nos espaços conflituosos entre as classes sociais. Modelos sociais que não estavam previstos pelo modelo positivista de organização. Até os anos 50 não havia um menor abandonado em Erechim (CHIAPARINI, 2012), assim como, maiores problemas com a organização social. A partir do crescimento urbano é que passa a ter preocupações condicionadas pelo novo modelo social.

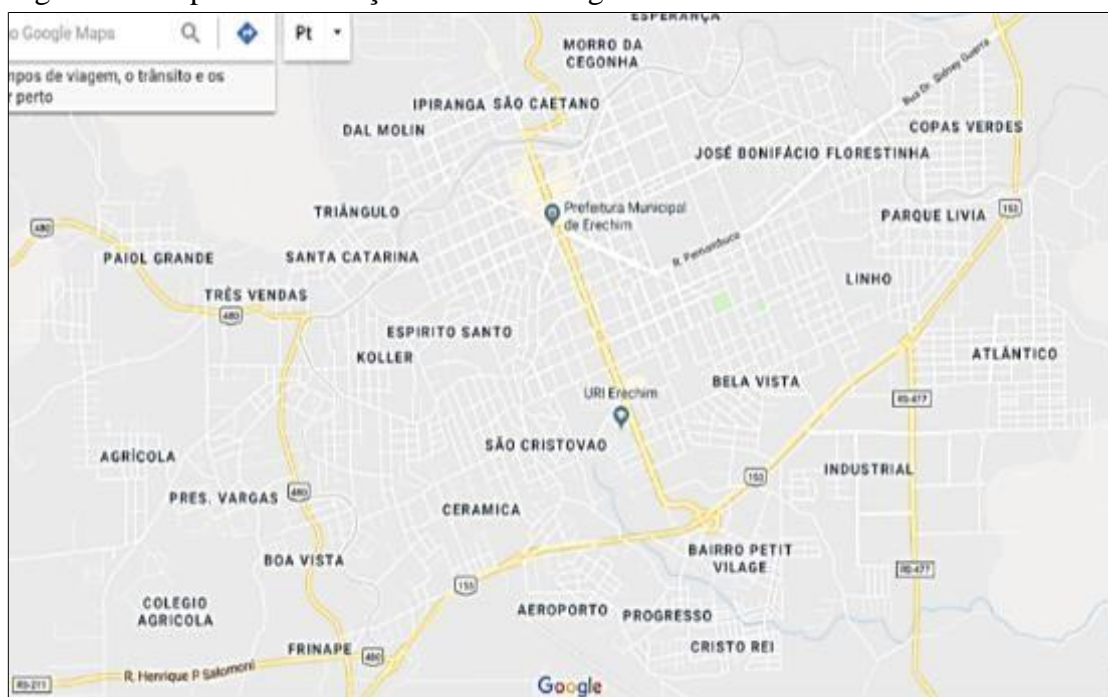
É nessa perspectiva que entendemos o bairro Progresso como lugar de conflito, demarcação social, fronteira urbana, que justifica empregarmos o termo de “não lugar” dentro do espaço urbano de Erechim/RS.

Quanto a localização geográfica e especificidades dessa construção histórica, é importante observar alguns relatos. De acordo com a localização geográfica apresentada pela prefeitura Municipal de Erechim, o bairro Progresso compreende como demarcação:

Inicia no ponto de encontro da Rua Demétrio Arpini com a BR 153, seguindo por esta rumo Leste até encontrar o Rio Tigre, pelo qual desce até encontrar o limite Oeste do lote rural n.º 39 da linha 0 Secção Paiol Grande, seguindo por este limite rumo Sul até encontrar o marco Nordeste do lote rural n.º 37 da Linha zero da Secção Paiol Grande seguindo deste ponto rumo Oeste pelo limite Norte do referido lote rural e pelos limites Sul e Oeste da chácara n.º 113 A e pelo limite Oeste das 55 chácaras n.º 111 B, 111 A, 109 A, 108 A, e 107 e pelo limite Norte das chácaras 107 e 106 pelo limite Oeste das chácaras n.º 74, 73, 72, - 71, 70, 69 e 68, todas do Polígono Sul até o marco sudoeste da chácara n.º 68, deste ponto pela divisa Norte da mencionada chácara até a Rua Demétrio Arpini em seu ponto de encontro com a BR. 153 ponto de partida 115 (CÂMARA MUNICIPAL DE ERECHIM, 1985).

Hoje podemos estender os limites, pois novos loteamentos passaram a compor o espaço, conforme mapa abaixo (Figura 6).

Figura 6 – Mapa da localização do bairro Progresso



Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com/maps>>. Acesso em: 20 mai. 2018 (Adaptado pela autora)

Alguns relatos sobre as primeiras famílias que ali se instalaram podem ser encontrados no trabalho intitulado: *Progresso: do outro lado da BR153*, onde o autor traz entrevista com a suposta família que ali havia se fixado.

Segundo Victor Hugo Brovwenstym, as pessoas conseguiam junto a Comissão de Terras o direito de posse de chácaras, sendo estas de tamanhos diversos. Seu pai foi um dos primeiros habitantes, comprou o direito de morar numa chacara de 7000 metros quadrados, área esta que abrangia parte de onde hoje está localizado o Colégio Dom Pedro II. Eram Terras devolutas, que apenas em 12 de fevereiro em 1982 foram adquiridas formalmente pelo Estado do Rio Grande Do Sul, passando a pertencerem a Secretaria da Agricultura (PSIDONIK, 2004, p. 55).

O relato acima nos mostra que era uma região rural onde as famílias que ali se fixavam vinham de outras regiões próximas a então colônia de Erechim e pretendiam, a princípio, seguir o modelo que viviam em seu lugar de origem. Cabe aqui lembrar que o processo de colonização do Norte gaúcho foi feito com base nas pequenas propriedades rurais, mas mesmo assim não havia terra para todos, ocasionando em migrações para regiões mais urbanizadas, embora tivéssemos uma economia essencialmente rural naquela época.

Por volta da década de 1950 o cenário começa a se redesenhar, não só na região do Alto Uruguai gaúcho, mais em âmbito de Estado.

A transição desse espaço organizado em função das condições naturais, num relacionamento íntimo do homem com a natureza, para o espaço de uma sociedade capitalizada, responsável pela separação entre os indivíduos e a terra, só se verificou a partir do atrelamento do estado à economia nacional, que, por sua vez, articulava-se gradativamente no sistema capitalista mundial (COSTA; MOREIRA, 1982, p. 60).

Novas configurações se apresentam, os movimentos migratórios se intensificam dentro da própria região e o fluxo populacional urbano vai aumentando gradativamente em decorrência do êxodo rural, a partir dessa data. Os polos municipais funcionaram na década de 70 como espaço de atração para a população rural circunvizinha, como podemos perceber na Tabela 1, com o deslocamento do homem do campo para a cidade.

Os centros urbanos não estavam preparados para receber tamanho contingente migratório, adaptando-se e redesenhando sua estrutura organizacional, elaborando estratégias como no caso de Erechim, através dos loteamentos urbanos distantes das áreas centrais. No entanto, sem infraestrutura, ainda mais, por não se tratar de capital humano condizente com a proposta colonizadora e ideal positivista da época, de escolhas étnicas bem definidas. Essas populações passaram a ocupar as periferias das cidades.

Efetivamente, a maior parte dessa população migrante, ou seja, aquela relativa às classes mais pobres acaba marginalizada nos grandes centros. Ainda assim, seu papel revela-se indispensável dentro da nova realidade econômica em que se insere: ora como reserva de mão de obra barata, na condição de favelada, ora como econômicos, ao oferecer empregados subalterno tipo camelô (COSTA; MOREIRA, 1982, p. 69).

Se pesarmos como isso se processou em Erechim temos dois elementos importantes para pensar, de um lado temos uma cidade construída para imigrantes de origem europeia e organizada aos moldes positivistas, e do outro, um novo modelo capitalista, que promoveu uma “expulsão” do camponês pobre para a cidade, dos caboclos, índios e negros, que por impossibilidade de se manter no modelo de produção proposto acaba migrando para a cidade, em busca de melhores condições de vida. A esses novos habitantes não existia outra opção senão a de compor as periferias das cidades.

As construções das zonas de periferias das cidades brasileiras aconteceram de maneiras semelhantes, como podemos observar no Rio de Janeiro, com o processo de higienização das áreas centrais e derrubada dos cortiços que ali existiam, dando lugar ao progresso e modernidade, empurrando a população para os morros, que hoje concentra maior índice de concentração populacional (MARICATO, 2015).

Ermínia Maricato em estudo sobre a crise urbana, nos descreve as maneiras como podemos ver as cidades. Segundo a autora, a cidade pode ser objeto de diversas abordagens,

Pode ser lida como um discurso (como querem os semiólogos e semióticos); pode ser abordada pela estética-ambiente de alienação e dominação por meio da arquitetura e urbanismo do espetáculo; como manifestação de práticas culturais e artísticas mercadológicas ou rebeldes; como legado histórico; como palco de conflitos sociais; como espaço de reprodução do capital e da força de trabalho, entre outras (MARICATO, 2015, p. 19).

Para o nosso estudo, a cidade de Erechim e o bairro Progresso, nos pautaremos nessas definições trazidas pela autora. A composição histórica da cidade nos traz, tanto elementos culturais e simbólicos, como um espaço de contradições sociais, pois os lugares construídos dentro desse espaço são resultado de contradições (HARVEY, 1982).

Nessa teia de contradições achamos por bem relatar um momento histórico específico da constituição do bairro Progresso. Um fato específico e que está presente na história de alguns moradores que habitam o bairro. Esse fato ficou conhecido popularmente como o “Caso do Cachorro Sentado”.

3.3.1.1.1 O caso do “cachorro sentado”

Por volta de 1940, algumas famílias começaram a se instalar em áreas da cidade, o que hoje corresponde ao bairro Bela Vista, área central de intensa especulação imobiliária por altos valores agregados aos terrenos e habitações da área, seguindo a lógica de valorização do capital agregado ao mercado imobiliário, a cidade é vista pelo mercado do capital como uma mercadoria.

É um produto resultante de determinadas relações de produção. Se lembrarmos de que a terra urbana, ou um pedaço da cidade, constitui sempre uma relação de monopólio-ou seja, não a trecho ou terreno igual a outro, e sua localização não é reproduzível-estamos diante de uma mercadoria especial que tem o atributo de captar ganhos sob forma de renda. A cidade é um grande negócio, e a renda imobiliária, seu motor central (MARICATO, 2015, p. 23).

No entanto, o espaço já estava ocupado por algumas famílias, que por sua vez, viviam em casas e casebres de madeira sem muita infraestrutura, oriundos de famílias pobres, maioria descendentes de caboclos e índios, tornando-se vítimas da especulação imobiliária em detrimento da nova configuração adotada pela mudança da estação rodoviária da cidade para essa proximidade.

Com o crescimento da cidade – e relocação da estação rodoviária do centro para as proximidades do referido bairro – aquela área passou a ter grande valor econômico, sendo que os proprietários – Empresa Territorial Gaúcha LTDA tendo como seu principal sócio Nelson Còvolo – resolveram, após décadas, entrar na justiça e pedir reintegração de posse, contando com o apoio do poder público já que este também tinha interesses na área (PSIDONIK, 2004, p. 89).

A população passa a ser alvo da intensa espoliação no local de moradia, e o Estado se alia ao interesse privado para promover a desapropriação. Como relatam alguns moradores que viveram o fato, foram expulsos e realocados no bairro Progresso, na promessa de serem beneficiados por um loteamento novo feito através do Programa de Erradicação do Sub-Habit (PROMORAR), política habitacional para as populações mais pobres, através do financiamento com o BNH, banco criado em 1964 com a função de dar suporte a políticas habitacionais.

Essa política era fruto da modernização capitalista dos governos militares que por sua vez, não ficou restrita ao campo. O Estado também modernizou os grandes centros urbanos

através de financiamento de obras de infraestrutura, sobretudo a política pública referente à habitação popular.

Diante da aceleração do crescimento urbano, foi estimulada a urbanização da periferia através da construção de habitações populares. Vale lembrar que o processo de urbanização de Erechim por vias de intervenção do Estado, teve um carácter sanitarista e higienista, pautada na ideologia positivista, de modernidade aliada ao progresso.

Com esse emaranhado de nuances na história, o bairro Progresso vai se desenhando e trazendo singularidades próprias do lugar e dos sujeitos que o compõem. Esses sujeitos e esse “não lugar” acabam sendo invisibilizados pela historiografia oficial, como podemos perceber com a carência de fontes sobre o fato.

O espaço urbano nos revela muito mais do que estruturas físicas e econômicas, este é carregado de significados de ordem social e cultural, que também interferem em seu aspecto organizacional. O espaço é muito mais que uma categoria de formação socioeconômica e espacial, pois não há e jamais houve formação social independente do espaço (SANTOS, 2008, p. 244).

É consenso que a construção dos espaços e de seus lugares e não lugares em Erechim sofrem interferência das intencionalidades presentes na narrativa histórica do município, que por sua vez, privilegiava alguns segmentos em relação a outros.

Diante das discussões e da contextualização histórica apresentadas, onde procuramos localizar o contexto onde se dá a nossa pesquisa, já encontramos potentes indícios sobre a construção da memória do município. Podemos inferir que privilegiou em seus espaços uma memória em detrimento de outras, assim como, os elementos que condicionaram a significação dos seus lugares e não lugares dentro do seu espaço urbano. Cabe a nós partirmos para as análises dos objetos que vão nos responder o nosso problema de pesquisa que é apontar os indícios da memória histórica que vem se construindo em Erechim/RS.

Para tanto, analisamos a seguir os textos dos memorialistas locais, o jornal impresso e as fontes expressas no contexto escolar.

4 A LUZ DE UM MÉTODO: INDÍCIOS DA MEMÓRIA HISTÓRICA VEM SENDO CONSTRUÍDA EM ERECHIM/RS.

4.1 A HISTÓRIA E COLONIZAÇÃO DE ERECHIM PELO OLHAR DOS MEMORIALISTAS LOCAIS

A historiografia local, em especial a escrita pelos memorialistas sobre a história de um lugar, nos apresenta enunciados importantes sobre a construção da memória histórica e de identidades da sociedade. São “guardiões de memórias”, que embora nos tragam enunciados de uma visão hegemônica de sociedade, contribuem como importante fonte histórica a ser analisada.

Para tanto, o objetivo desse capítulo não é reforçar a história contada por esses autores, mas sim lançar um olhar crítico sobre essa narrativa histórica localizada, pois entendemos que muitas vezes, elas reforçam uma visão tradicional, onde evidencia a hegemonia dos vencedores, dos grandes nomes da história, dos pioneiros e desbravadores da colonização, como abordaremos aqui.

Partimos da premissa que o papel desempenhado pelos “genealogistas” ou “memorialistas” como se costuma chamar, representa importante papel na construção da memória histórica nas sociedades. Esse entendimento pode ser constatado, em especial, na historiografia regional, sobretudo nas histórias dos municípios que tiveram sua origem oriunda do processo de colonização, é recorrente o protagonismo desses autores como referência na construção da história e da memória. Entendemos que dessa forma,

[...] a fundação da colônia sempre aparece como ponto de inflexão na história, e associada à ideologia de progresso e do pioneirismo [...] São histórias tradicionais redigidas por historiadores diletantes e que muito influenciaram o imaginário local, ajudando na construção de uma determinada cultura histórica dominante por décadas (ZARTH, 2015, p. 14).

Nesse sentido, a memória, os registros, e narrativas elaboradas por esses, desempenham um papel importante na constituição de uma sociedade. São registros que podem nos revelar uma visão de mundo, uma narrativa, que elege aspectos que será visibilizado e invisibilizados na história.

O arquivo histórico de Erechim/RS denominado Juarez Illa Font, dispõe entre seus documentos de obras da historiografia local que nos permitem fazer um diálogo com esses “registradores de histórias”. Para tanto, utilizaremos em nossa pesquisa quatro autores, em

especial dentre os disponíveis no arquivo, esses foram apresentados como expoentes da história do município. No Quadro 1 estão dispostas as obras escolhidas e seus referidos autores.

Quadro 1 – Memorialistas locais de Erechim/RS: obras selecionadas

Obras	Autor
Serra do Erechim: Tempos heroicos/1983	Juarez Illa Font
O Grande Erechim e sua História/ 1981	Ducatti Neto
Subsídios para história de Erechim/ 1926	Oscar da Costa Karnal

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

As obras listadas acima nos oferecem subsídios para analisar a história e construção da memória do município de Erechim/RS com bases nos seus escritos. Como ponto de partida, atentou-se para as categorias que elegemos a priori, ou seja, imigrante europeu, pioneirismo e trabalho.

Com esse entendimento, buscamos analisar como essas categorias se apresentam nas obras, buscando indícios que nos permitem inferir sobre a construção da memória histórica que vem sendo construída por essa narrativa histórica, pois embora, sejam obras escritas há algum tempo, elas são referência na historiografia do município.

Sobre o processo colonizador e a relação entre pioneirismo e imigrante europeu, trouxemos para discussão apontamentos que demonstram como os autores descrevem a história do município e primam por realçar o processo de ocupação do espaço como fruto da vinda desses imigrantes, como está explicitado no Quadro 2.

Quadro 2 – Relação entre memorialistas e as categorias: imigrante europeu e pioneirismo

(Continua)

Autor	Citação
Juarez Illa Font	Os imigrantes europeus que, a partir de 1910, vêm para colônia de Erechim, ao contrário dos primeiros imigrantes, eram alemães, russos, franceses, austríacos: 36 adultos, adolescentes e crianças. Ao finalizar o ano de 1915, sexto povoamento, população da colônia constituem-se de 7.114 brasileiros, 5.721 poloneses, 3.652 alemães, 1.827 italianos, 734 portugueses, 722 austríacos, 240 suecos, 106 espanhóis, 74 franceses e 7.683 de diversas nacionalidades, cadastradas na comissão de terras da colonização (ILLA FONT, 1983, p. 14).

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Quadro 2 – Relação entre memorialistas e as categorias: imigrante europeu e pioneirismo

(Conclusão)

Autor	Citação
Juarez Illa Font	[...] recebe a quantos cidadãos do mundo que vêm trabalhar, formar famílias, estabelecer lares, implantar empresas, lançar sementes culturais, erigir templos, edificar colégios, fundar jornais, criar obras particulares e públicas: organizar uma sociedade com aspirações e realizações desenvolvimentistas, construir na terra nova uma cidade com fundamentos brasileiros e cristãos (ILLA FONT, 1983, p.15).
Oscar da Costa Karnal	Em 15 de julho de 1909, a comissão cravou, à margem direita do Rio dos Índios, a 5.587 metros da estação férrea de Erechim, a NE da Estrada de Ferro, o marco primordial, no mesmo local onde assenta a povoação do 2º distrito. Nesse ano compunha-se a colônia por 226 habitantes, formando 31 famílias, com a vinda de novos imigrantes alemães, franceses, austríacos, atraídos pela facilidade de aquisições de terras e mais favores concedidos pelo Estado (KARNAL, 1926, p. 25).
Ducatti Neto	[...] as matas de Erechim, que desde tempos imemoriais eram habitadas por numerosas tribos de índios foram invadidas, durante os séculos XVIII a XIX, por grande número de aventureiros, bandeirantes, foragidos da polícia ou fugitivos das revoluções de 1893 e 1935, que ali estabeleceram suas toscas moradas, cobertas de taboinhas ou folhas de palmeiras (DUCATTI NETO, 1981, p. 74). O povoamento da colônia começou com a estrada de imigrantes de diversas nacionalidades. Povoaram-se os lotes coloniais já demarcados em grande número com milhares de imigrantes que chegavam do estrangeiro e outros milhares que proviam das colônias velhas do Rio Grande. Eram principalmente descendentes de italianos e alemães que procuravam novas terras. E do estrangeiro, eram principalmente poloneses e Russos (DUCATTI NETO, 1981, p. 77).

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

As citações esboçadas no quadro acima nos trazem elementos do processo de colonização e povoamento do então município de Erechim/RS. O projeto de colonização que foi incorporado ao Norte do Rio Grande do Sul, e em especial a cidade de Erechim/RS, foi explorado por esses autores de forma singular, onde o pioneirismo do imigrante europeu aparece em evidência, como podemos perceber nos trechos acima.

Outro elemento que aparece em evidencia nas citações é o ideal de civilidade atribuído a esse novo contexto humano que chegava. Juarez Illa Font relata a importância desses habitantes na constituição de “organizar uma sociedade com aspirações e realizações desenvolvimentistas, construir na terra nova uma cidade com fundamentos brasileiros e cristãos” (ILLA FONT, 1983, p. 14).

O autor acreditava que o crescimento da colônia em decorrência da entrada dos imigrantes europeus era inevitável, assim como, a necessidade de um modelo organizacional que abrigasse essa população que ali estava se fixando, ressaltando um espírito desenvolvimentista ao cenário que se formava.

Não podemos esquecer que antes do processo colonizador vir de fato a se desenhar no território de Erechim sob essa égide do colono europeu, a esse território se dava a denominação de sertão, ou seja, terra não ocupada.

Diante disso é importante ressaltar que já existia relatos de ocupação por parte dos caboclos, índios, ou seja, povos “nativos” da região, como podemos perceber na afirmação abaixo, de um memorialista local.

Segundo Alfredo R. da Costa, em 1923 existiam 3 toldos de índios no município de Erechim: o votouro, dos coroados, tendo como cacique Francisco Fuquim e vice Vidal de Oliveira; o Ventarra, também de coroados, sendo Cacique Evaristo Pinto Ribeiro; e o Guarani, composto por índios Guaranis, que obedeciam ao cacique Severiano Santos de Oliveira. Área total ocupada pelos índios era de 4.120 hectares, sendo 600 o número de seus habitantes (DUCATTI NETO, 1981, p. 40).

O mesmo autor nos descreve que,

[...] as matas de Erechim, que desde tempos imemoriais eram habitadas por numerosas tribos de índios foram invadidas, durante os séculos XVIII a XIX, por grande número de aventureiros, bandeirantes, foragidos da polícia ou fugitivos das revoluções de 1893 e 1935, que ali estabeleceram suas toscas moradas, cobertas de taboinhas ou folhas de palmeiras (DUCATTI NETO, 1981, p. 74).

Os indícios apontados nos textos do autor nos revelam que o elemento índio e caboclo que aparece no texto do memorialista não nos aponta traços de progresso ou civilidade atribuída a esses. O autor nos relata, em outro momento, que a presença nessas terras de povos nativos, vai gerar o que o autor vai chamar de “O problema dos intrusos”. Sobre isso o autor descreve,

[...] está claro que quando foi fundada a colônia, antes do estabelecimento dos primeiros moradores, havia um grande número de intrusos [...] O presidente do Estado, Dr. Borges de Medeiros, em 11.10.1919 remeteu um telegrama ao ministro da agricultura, onde diz, entre outras coisas: “Terras públicas no Estado, ficam Zona Norte, ao longo do rio Uruguai. Nessas terras encontram-se disseminadas inúmeros intrusos, a maioria luso-brasileiros, cujo a situação do estado está normalizando[...]” (DUCATTI NETO, 1981, p. 77, grifo do autor).

O projeto colonizador incorporado não inseria em seu ideário e paisagem, lugares para o caboclo, índio, afrodescendentes, ou seja, que não fosse europeu ou descendentes desses. Como percebemos em pesquisas sobre a colonização da Fronteira Sul do país.

A colonização de diferentes áreas da fronteira se deu a partir de um ideal de colonizador. No contexto da passagem do século XX, acreditava-se que as populações autóctones ou do “sertão”, por serem consideradas inferiores, estavam fadadas ao desaparecimento. Na perspectiva do Darwinismo social, “a raça inferior” seria absorvida pela “raça superior”, o que poderia ocorrer pelo avanço da colonização. Nesse contexto a expropriação ou redução das áreas de terras daqueles grupos foi vista com certa naturalidade ou normalidade. A ideia de progresso reinante do período também contribuía para reforçar tal entendimento (RADIN, 2015, p. 16, grifos do autor).

A ideia de “vazio demográfico” (WAIBEL, 1949) que justificou os projetos colonizadores e, junto a isso, o ideário colonizador a partir da imigração europeia no Sul do país, trouxe o imigrante como pioneiro do progresso, como podemos anunciar também nos textos memorialísticos.

As clássicas narrativas sobre colonização, como as de Leo Waibel na década de 1950, onde o mesmo traz sistematicamente a divisão e povoamento da região Sul do país entre as diferentes etnias vindas da Europa por intermédio das companhias colonizadoras, vão ser responsáveis também em dar sustentação e reavivamento das memórias históricas e identidades formadas nesses territórios, silenciando por sua vez, a memória dos indígenas e caboclos que já abitavam esse território.

Importantes sinais nos revelam que a negação da existência do nativo, já começa desde a incorporação do projeto colonizador do Estado. No caso de Erechim, um momento importante que pode ser associado à negação dos nativos, em especial os indígenas.

A discussão em torno da grafia do nome Erechim, ganha destaque e repercussão na tentativa de mudança da grafia, com a substituição do *ch* pelo *x*. O uso do *x* faz alusão a uma origem ameríndia que originou o nome do município, que na linguagem dos indígenas significava “campo pequeno” (DUCATTI NETO, 1981).

Em 1970, surge um movimento encabeçado por professores secundaristas de Erechim com intuito de mudar a grafia do nome do município. Chamou-nos atenção os escritos de historiador local sobre esse embate, o mesmo cita que,

[...] ficou célebre na história da nossa cidade o debate que se estabeleceu sobre a grafia correta do topônimo Erechim, depois que alguns professores se propuseram a tarefa de alterá-la... Na discussão que então se estabeleceu sobre o assunto, intervieram ilustres homens de letras, escritores e historiadores de renome, como Antônio Estevão Algayer, Clio Fiore Druck, Celso Pedro Luft e Guilherme Barp, todos eles favoráveis a grafia com x; Carlos Alberto Godoi Ilha, João Palma da Silva, Aldemiro Arpini, Aquilino G. Carmona e Mário Calvet Fagundes, que defenderam a manutenção do ch no nome do município (DUCATTI NETO, 1981, p. 45).

O autor faz questão de ressaltar, em outra passagem do seu livro, que a associação de professores que propunham a mudança escreveu um “livrinho” intitulado “*A evolução de Erechim*”, onde iniciava a campanha de mudança da grafia. Também ressalta que essa referida associação não representava toda classe de professores de Erechim. A referida associação, que não representava toda a classe de professores, solicitou, em memorial enviado ao Conselho Federal de Cultura, em 1870, um pronunciamento sobre a legitimidade da grafia de Erechim com *ch* ou com *x*” (DUCATTI NETO, 1981).

A resposta apresentada em parecer pelo Conselho Federal de Cultura foi favorável à mudança, pois afirmou que a grafia deveria seguir o dicionário geográfico Brasileiro do IBGE. No entanto, em apresentação a câmara de vereadores de Erechim, o parecer foi rejeitado, sendo elaborado um novo parecer confirmando que a grafia oficial do município deveria ser com *ch*.

A negação, por parte dos “homens da lei” do município pode nos revelar que não existia nenhum interesse por parte destes e também por parte da população em fazer ligação do nome do município com alguma origem indígena.

Outra passagem descrita no livro do memorialista faz alusão à origem do caboclo nômade, que seria originado do cruzamento dos bandeirantes paulistas com os índios Kaingangs. A junção de povos nativos, com outros que ali chegaram e a incorporação ao território de fugitivos que da revolução de 1893 formaram o que o autor vai chamar de “intrusos”. Como podemos afirmar com a passagem abaixo.

[..] quando foi proclamada República, o Sertão de Erechim já era habitado por muitos intrusos, quando um novo fluxo migratório trouxe para essas matas numerosos fugitivos da sangrenta revolução de 1893, oriundos dos mais diversos pontos do Estado, especialmente das regiões assoladas pelos “maragatos” e “pica-paus”, pois ambos usavam como invariável praxe a matança e o saque de bens do adversário (DUCATTI NETO, 1981, p. 51, grifos do autor).

A palavra “intruso” também vai ser encontrada no relatório da diretoria de terras e colonização do ano de 1908, como o mesmo autor nos traz,

[...] por toda parte do extenso município de Passo Fundo, existem terras de domínio do Estado nelas acham-se encravadas posses legitimadas e por legitimar, e grande número de intrusos [...] torna-se necessário regularizar o povoamento dessas terras, não consentindo no estabelecimento nelas senão mediante concessão de lotes previamente demarcados (DUCATTI NETO, 1981, p. 52).

Percebe-se que existia um projeto organizacional que atribuía uma lógica a divisão e uso da terra que não condizia com a mesma dada pelos habitantes que já se encontravam na região. Sobre isso a autora abaixo deixa clara a oposição entre nativos ideário colonizador.

Ocorre que as terras ocupadas pelos “nacionais” não correspondia ao tipo de modelo de ocupação desejado para algumas regiões do sul do país, baseada na pequena propriedade. Muitos dos “nacionais” detinham a posse da terra pelo sistema de uso comum, ou seja, posses orientadas regras de uso e ocupações acatadas por uma coletividade. Por força da Lei de Terras e da ideologia do branqueamento “os nacionais”, não conseguia obter o reconhecimento legal de suas posses de terras pelo estado brasileiro (MOMBELLI, 2015, p. 131).

O ideal de civilidade é visível. As palavras civilizado e não civilizado são recorrentes nos textos e ligam-se diretamente a relação homem branco x nativos. Ducatti Neto cita em passagens da sua obra, o índio como não civilizado, em um primeiro momento em face aos jesuítas, quando aborda a história de ocupação do território do Rio Grande do Sul, assim como, quando se refere à frente de ocupação branca na região do Alto Uruguai. Esse último exemplo podemos perceber na passagem em que o mesmo cita os relatos de João Germano Imlau sobre o episódio de Capo-erê Velho, o mesmo ressalta que um morador branco que ali se estabelecera, laçava mãos de plantas medicinais e até benzeduras, com que curava dores de cabeça e dente, quebrando o mau olhado; em fim era um pajé mais civilizado (DUCATTI NETO, 1981). Perceba que existia uma distinção nítida de homem civilizado atrelado à origem branca, e o não civilizado, atribuído aos caboclos, intrusos, assim como os índios.

Percebe-se que a visão estabelecida pelos escritos, nos demonstra como foi se desenhando o ideal do colonizador, imigrante europeu, que irá se estabelecer nessas terras a posteriori, a ideia de vazio demográfico defendida por Weibel, a perspectiva de Darwinismo social descrita por Radim, e o modelo de ocupação da terra pelos nativos que não condizia com o “ideal” como nos escreve Mombeli. Esse conjunto nos mostra como esse ideal foi responsável por gerar estereótipos em torno do homem civilizado e não civilizado. Esses estereótipos vão sendo reafirmados pela historiografia e essa, por sua vez, nos traz enunciados

sobre a memória histórica que vai se formar na região, assim como, a identidade evidenciada pela sociedade.

No tocante à categoria trabalho, percebemos que ela veio atrelada as outras duas predispostas por nós. Está evidenciada a ligação nos textos entre o pioneirismo do imigrante europeu e trouxe com seu trabalho o ideal de progresso e civilidade.

Sobre a colônia de Erechim e seu movimento de emancipação esse sentimento desenvolvimentista e de progresso serviu de aspiração para seus habitantes a sua elevação a município. Em 1917, interpretando os sentimentos dos habitantes do então oitavo distrito de Passo Fundo, a comissão pró-emancipação,

Descrevia a prosperidade da novél colônia, sua produção, fácil escoadouro dos produtos pelas nove estações ferroviárias, comércio e indústria já adiantados, seu desenvolvimento agrícola, sua população e extensão territorial e a renda que dispunha superior a oitenta contos de réis, suficiente para o município em formação e acima da receita de muitos municípios do Estado (DUCATTI NETO, 1981, p. 26).

Para Illa Font, Erechim nasce sob o signo do cosmopolitismo, uma cidade que recebe cidadãos de todos os lugares, como podemos perceber na passagem abaixo,

Recebe a quantos cidadãos do mundo que vêm trabalhar, formar famílias, estabelecer lares, implantar empresas, lançar sementes culturais, erigir templos, edificar colégios, fundar jornais, criar obras particulares e públicas: organizar uma sociedade com aspirações e realizações desenvolvimentistas, construir na terra nova uma cidade com fundamentos brasileiros e cristãos (ILLA FONT, 1983, p. 15).

A ideia de trabalho e progresso, aliado à preservação de uma cultura, esteve muito presente na construção dessa sociedade, que embora o autor mostre um espírito receptivo e plural, a historiografia local nos oferece indícios para pensar diferente.

Torna-se perceptível a história escrita a partir de sujeitos sociais provenientes do processo migratório que assentou na região. Na obra “*Erechim retratos do passado e memórias no presente*”, em sua apresentação, identificamos alguns elementos que nos permitem aferir tal afirmativa, como segue nos trechos do presidente da ACIEE de 2011 a 2012, e presidente do conselho deliberativo da CIEE de 2011 A 2012,

[...]“Erechim Retratos do Passado, Memórias do Presente contém a narrativa autêntica da colonização pelos imigrantes e a sua influência decisiva no desenvolvimento regional”. A história da colonização na região do alto Uruguai iniciada oficialmente a partir de 1908, é riquíssima e está relacionada ao projeto do Partido Republicano Rio-grandense que pretendia ocupar uma área do Estado habitada, até então, por índios e caboclos (CHIAPARINI, 2012, p. 37, grifos do autor).

É importante ressaltar que a obra citada, fez parte de um projeto da ACCIE – Associação Comercial, Cultura e Industrial de Erechim/RS aprovado pelo PRONAC – Programa Nacional de Apoio à Cultura, que lançou um livro de fotografias e narrativas, apresentando a história o município de Erechim e região, resgatando o passado e contextualizando o presente. A obra foi distribuída para todas as escolas Municipais e Estaduais, com o intuito de apresentar a história do município para os estudantes, se apresentando assim como importante fonte de disseminação dessa memória histórica.

A visão estabelecida pelos escritos, podemos indiciar que foi se desenhando o ideal do colonizador europeu pautado em elementos fundantes, ou seja, pioneirismo, imigrante europeu, trabalho, e junto a esses nos aparecem indícios fortes como, desenvolvimento, progresso e civilidade. A ideia de vazio demográfico defendida por Weibel, a perspectiva de Darwinismo social descrita por Radim, e o modelo de ocupação da terra pelos nativos que não condizia com o ideal colonizador como nos escreve Mombeli, são elementos que nos permitem problematizar as narrativas.

Esse conjunto nos mostra como esse ideal foi responsável por gerar estereótipos em torno do homem civilizado e não civilizado. Esses estereótipos vão sendo reafirmados pela historiografia e essa, por sua vez, nos traz enunciados sobre a memória histórica que vai se formar na região, assim como, a identidade do seu povo.

Entendemos que a historiografia do município é formada por atores sociais, e esses dão legitimidades a sua memória através dos mais variados veículos de comunicação, podendo ser difundida pela história oral e escrita, por meio de veículos como textos memorialísticos, impressa, símbolos, patrimônio, entre outras fontes. Nesse contexto, e na pretensão de trazer para nossa discussão umas outras fontes historiográficas, nos dedicaremos a analisar os jornais impressos, como forma de ampliar nosso campo empírico.

4.2 O JORNAL “A VOZ DA SERRA” TEXTUALIZANDO A MEMÓRIA

Partimos da premissa que a imprensa, assim como, o olhar memorialístico sobre a história do município, são importantes veículos de comunicação e elaboração de memória histórica e formadora de identidades sociais. Esses olhares da história trazem indícios de intencionalidade e rememoração de uma narrativa pautada no pioneirismo do colono, imigrante europeu, e ideal civilizador. Existe um jogo entre o “dito” e o “não dito”, tanto pelo olhar dos memorialistas como o olhar dos jornais locais, e ao mesmo tempo em que o dito se transformou em memória, o não dito nos trouxe elementos para pensar que existem outras memórias e identidades dentro desse processo, memórias essas que não foram visibilizadas dentro desse jogo de intencionalidades, como a negação atribuída aos nativos (indígenas) e caboclos.

Para tanto, selecionamos 82 matérias entre os anos de 1944-2001, onde buscamos analisar como se construiu a narrativa historiográfica da história e memória do município, nos pautando nas nossas categorias de análise: pioneirismo, imigrante europeu e trabalho. A pesquisa foi realizada nas matérias apresentadas na tabela abaixo.

Tabela 2 – Matérias do Jornal A Voz da Serra

Data	Matéria	(Continua)
1944 - Ano XV. Nº 73	. 26º Aniversário do Município de José Bonifácio- resenha histórica . Evocando o passado . Discurso proferido pelo Rvmo. Padre Benjamim Busato por ocasião do 26º aniversário	
1945 - Ano XVI. Nº 103	. Expressivas homenagens de Erechim ao governador do Estado	
1953 - Ano XXIV. Nº ?	. Exposição do prefeito Mandelli Filho a Câmara Legislativa Municipal	
1955 - Ano XXV. Nº 106	. Origens da Fundação do Município de Erechim . A digna população de Erechim	
1956 - Ano XXVII. Nº 105	. Aspectos da cidade . 38º anos de lutas e sacrifícios . Erechim aos 38º anos . O dia do Município	
1957 – Ano ?. Nº ?	. Homenagem ao Colono . Breve histórico de Erechim	

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Tabela 2 – Matérias do Jornal A Voz da Serra

(Continuação)

Data	Matéria
1958 - Ano XXIX. Nº 114	. X ou ch? . Erechim – uma das belas expressões do Rio Grande do Sul . Lembrando um passado Glorioso de Fé . Erechim ou Erexim, de qualquer modo quarentão . O cavalo de Troia: aí é que está o X . Contribuição à História de Erechim . Herança Preciosa . Sociedade
1959 – Ano ?. Nº ?	. 41º de aniversário de Erechim . Os índios de Erechim . Rápido surdo de Progresso . Fragmentos históricos . Projeto CH
1960 - Ano ?. Nº ?	. O município Vanguardeiro na Produção tritícola no Brasil . Núcleo Bandeirante . Erechim de Hoje. . 5º Inspeção de Terras e Colonização Realiza grandes obras
1961 - Ano XXXII. Nº 108	. Inauguração do Busto do Estadista Vargas . Velhos Desbravadores das matas do paiol Grande, hoje orgulha-se da potência que é nossa Comuna . Erechim: O sacrifício de sua perseverança não será em vão!
1963 - Ano XXXIV. Nº 78	. Missão Civilizadora: A propósito do 45º aniversário da municipalização de Paiol Grande
1965 - Ano XXXVI. Nº 44	. O progresso em Erechim
1966 - Ano XXXVII. Nº 53	. Programação do dia do Município: Homenagem aos colonizadores . Nossa cidade . Mais um ano de vida . Erechim Bendes ao Senhor . Brasil êsse Colosso!
1967 - Ano XXXVIII. Nº 48	. 50 -Erechim cinqüentão
1968 - Ano XXXIX. Nº 46	. Erechim é quase cinqüentão . Erechim festeja “Jubileu de ouro” . Breve histórico sobre Erechim . Fundadores de Erechim
1971 - Ano XLII. Nº 66	. 153 no programa de pavimentação
1972 - Ano 43. Nº 74	. Erechim Aniversaria
1974 - Ano 45. Nº 78	. Erechim Paz e Prosperidade . Erechim rumo ao Progresso

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Tabela 2 – Matérias do Jornal A Voz da Serra

(Conclusão)

Data	Matéria
1975 - Ano 46. Nº 78	. Erechim 57 anos de paz e Progresso . Da Polônia para Erechim
1977 - Ano 47. Nº ?	. A Benção Erechim
1978 - Ano 49. Nº 79	. Palavras do Bispo . O criador do município
1979 - Ano 50. Nº 78	. Slogan para Erechim: Capital do Alto Uruguai . Parabéns Erechim
1980 - Ano 51. Nº 80	. Notas históricas dos anos 1700 a 1900
1981 - Ano 52. Nº 78	. Erechim 63 anos
1982 - Ano ?. Nº ?	. O 64º aniversário de Erechim
1983 - Ano 54. Nº 80	. Erechim 65 anos de progresso e desenvolvimento . O 30 de abril
1984 - Ano 55. Nº 80	. Erechim capital da Amizade
1985 - Ano 56. Nº 81	. Erechim 67 anos de progresso e desenvolvimento
1987 - Ano 58. Nº 79	. Erechim cidade polo do Alto Uruguai
1990 - Ano 61. Nº 78	. Erechim 72 anos de Progresso . Gasparim: Erechim é Progresso
1992 - Ano ?. Nº ?	. O começo de tudo . Povoamento da colônia . Segundo reencontro de pioneiros
1993 – Ano ?. Nº ?	. Erechim completa 75 anos . Castelinho símbolo da nossa colonização
1996 - Ano ?. Nº ?	. Nossas raízes: . Alemães atraídos pelo clima e solo . Italianos vieram trazidos pela esperança . O sucesso da colonização . Judeus valorização da paz e liberdade . Poloneses, vieram com sede de terra pão e paz . Passeio turístico com autoridades e imprensa resgata a memória cultural da colonização
1988 - Ano ?. Nº ?	. Um pouco das nossas raízes . Homenagem aos pioneiros do município
2000 - Ano 71. Nº 124	. Parabéns Erechim pelos 82 anos de idade
2001 - Ano 72. Nº 322	. Cinquantenário Della Colonizzazione Italiana

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

No dia 30 de abril se comemora o aniversário de emancipação do município de Erechim, data que é ano a ano comemorada com festividades e alusão a história do município, como forma de rememorar e saudar a história do lugar. Essa rememoração nos traz elementos

significativos que nos apontam indícios da memória histórica que se queria difundir no município.

O ideal do positivismo Comteano de ordem e progresso apresenta-se como elemento norteador nas narrativas. O progresso como resultado dos que venceram a natureza, dos que civilizaram as populações nativas e dos que, com o seu trabalho, venceram e construíram a cidade de Erechim.

Quando nos debruçamos sobre os jornais, nos deparamos com a riqueza que é essa fonte para pesquisa histórica, e a dificuldades que ele nos apresenta, pois para o historiador é um desafio deixar que o documento fale por si só, pois em geral, somos induzidos a procurar no documento aquilo que queremos. No entanto, o policiamento foi constante, assim como, a postura diante da análise. No sentido de organização da análise trouxemos uma síntese das primeiras décadas do jornal, trazendo elementos que elucidam a nossa escolha de recorte para as categorias de análise.

Nossa viagem inicia em 1944, destacando o exemplar de comemoração do 26º aniversário do Município. Nesse ano, destacou-se o ideal de progresso aliado ao trabalho do povo erechinense. O exemplar traz também uma resenha histórica da criação do então município. O ideal baseado no binômio progresso e trabalho é identificado na passagem abaixo,

[...] seus habitantes sabem que dentre a orquestra da serra e do malho brotam vida, cidades, amor, segundo as palavras de Antônio Feliciano de Castilhos, e vão entoando o hino ao trabalho, como o que estão contribuindo para o crescente progresso de José Bonifácio, município que já conquistou entre os demais estados, posição privilegiada [...] (A VOZ DA SERRA, 1944).

O texto do jornal refere Antônio Feliciano de Castilhos, político da década de 40 no município de José (município de Erechim naquele período). Seguindo a mesma ideal o jornal traz em matéria do mesmo ano e data,

Transcorre no próximo dia 30 o 26º aniversário do município. Acontecimento do mais alto relevo para população erechinense, pois esse transcurso de tempo assinala a mais devotada consagração ao trabalho e ao mais acendrado espírito de civismo coloca José Bonifácio entre os primeiros municípios do Estado, seja pelo seu potencial econômico financeiro, seja pelo seu cultivo das mais altas qualidades do espírito, seja pela magnífica ressonância aos apelos patrióticos (A VOZ DA SERRA, 1944).

Apelos patrióticos, entendidos enquanto ideia de uma pretenção nação brasileira. É importante destacar ainda, que em mesma matéria o texto faz referência a classe conservadora da cidade, ressaltando uma ideia definida de classe no seio dessa população,

[...] Aproveitando a data de aniversário do município, as classes conservadoras da comuna, tendo à frente a prestigiosa Associação Comercial prestaram ao Dr. Jerônimo Teixeira de Oliveira significativa demonstração de apreço [...] (A VOZ DA SERRA, 1944).

A Definição clara de classes sociais também se faz presente entre a classe Colono e a classe Operária, como podemos ver nas palavras de Pedro Lisowski para o jornal desse ano de 1944, “Os esforços do colono e do operário, aliado à inteligência empreendedora, nasceu esse progresso estonteante que maravilha todo viajante principalmente aquele que sabe avaliar e medir a obra levada a efeito em tão limitado lapso de tempo” (A VOZ DA SERRA, 1944).

Personagens importantes na história como Padre Benjamim Busato, também direcionou seu discurso ao pioneirismo desbravador,

[...] uma regular corrente migratória, de Poloneses, Alemães e Russos misturou-se com um volume maior de famílias novas vindas de Caxias, do vale dos rios das Antas, Guaporé e Prata, e mais tarde de Júlio de Castilhos e Cachoeira, não foram precisos muitos anos para que a Gleba fosse povoada e dominada (A VOZ DA SERRA, 1944, p. 2).

O discurso acima traz uma interessante discussão sobre a atuação da igreja como apoiadora do processo de colonização instalado no Alto Uruguai, pois a ocupação de “espaços vazios” e o ideal de civilidade e progresso estão presentes tanto no projeto colonizador, como na organização do espaço urbano de Erechim. Essa construção também implicaria fazer avançar instituições como a igreja e as escolas, para que difundissem o propósito almejado (RADIN, 2009).

Essas duas instituições se fazem presentes em narrativas no decorrer dos anos, em 1958 em discurso do Cônego Gregório Comasseto ressalta a importância da fé dos imigrantes como aliado inseparável do desbravamento e trabalho,

Os primeiros habitantes dessa terra ubérrima, trouxeram além de uma vontade enérgica de trabalho, os sentimentos nobres de uma fé profunda e sincera que os animava e os consolava. [...] longe da assistência religiosa, perdidos nessas matas virgens, embalado aos farfalhos da copa, dos pinheiros ouvindo o ungido das feras bravias e despertando nas manhãs esplendentes ao mavioso gorjeio da passarada, esses pioneiros de Erechim, religiosos (A VOZ DA SERRA, 1958).

Assim como a igreja e a escola, destacamos também aqui o papel dos clubes sociais presentes na cidade, lugares onde percebemos demarcação clara de divisão social dentro da

sociedade erechinense. Um desses clubes é o Clube do Comércio, fundado em 1935 e em atividade até os dias de hoje.

Em 1945, apontamos relato que mostra a classe frequentadora do clube delimitando a classe que a frequentava “o aristocrático clube do comércio presidido pelo Dr Eurico Gaspar Ilha organizou um significativo programa de comemoração” (A VOZ DA SERRA, 1945).

Os representantes políticos também são enaltecidos por meio dessa narrativa. No exemplar de 1952, as comemorações do 34º aniversário de Erechim prestam homenagens ao ex-prefeito Amintas Maciel, destacando o seu ideal de pioneirismo e desbravamento, ajudando a construir a cidade de Erechim,

Naquele período de desbravamento e pioneirismo, Amintas Maciel foi a rigor o homem para época, porque neles avultavam qualidades e princípios essenciais e indeclináveis ao líder, que ele o foi, era a inteligência e sensibilidade para o levantamento do panorama que hoje Erechim contempla com orgulho (A VOZ DA SERRA, 1952).

Embora não seja o foco desse trabalho, é importante notar o destaque ao gênero homem adulto em detrimento do gênero mulher e criança. A história pautada em grandes homens se encaixa bem a uma visão entendida como tradicional da história. Cabe ressaltar que estamos no início da nossa viagem pela fonte e já nos deparamos com uma memória que ressalta o progresso, o papel da igreja, a classe aristocrática e os grandes nomes como a homenagem ao ex-prefeito Amintas Maciel. Entendemos que essa construção de narrativa histórica compartilha com uma visão tradicional de história, como nos aponta o autor abaixo.

A história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido que tem sempre se concentrada nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história (BURKE, 1992, p. 12).

Assim como a rememoração, presente nas matérias do jornal, segue afirmando uma necessidade de rememoração do passado e defesa do pioneirismo e sentimento desbravador de um povo, ou grupo, ressaltando o ideal do trabalho e progresso, as memórias coletivas que foram construídas como reflexos desse processo, se pautam em um propósito.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações et. A referência ao passado serve para manter a coesão de grupos e das instituições que mantêm uma sociedade, para manter seu papel respectivo, sua complementaridade, mas também oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p. 7).

Os estratos sociais são visíveis em algumas edições. A presença do povo civilizador vindo da Península Itálica, como constatamos no recorte abaixo, nos revela que existia um ideal claro de sociedade Erechinense.

Ultrapassando o limiar do sétimo lustro, nossa cidade se mostra ainda em todo esplendor de juvenilidade; redoura-lhe a fronte as louras inspirações dos seus primeiros anos, quando pioneiros da península Itálica aqui pisaram e dessa terra fizeram um novo lar. Pertencia então a Passo Fundo, como um distrito vasto e selvático, povoado de longe em longe, por algum chalé típico de plagas europeias, grande e alto em meio a vegetação natural. Distantes dias esses em que na fé no trabalho e a esperança na colheita animavam os braços dos colonos (A VOZ DA SERRA, 1954).

O ideal de civilidade se alia ao papel do poder públicos em vários momentos, como essa passagem abaixo,

Cada rua da nossa cidade é um campo de batalha, aonde a inteligência e a operosidade de líderes administrativos travam o grande combate da civilização. Civiliza-se Erechim a cada hora, torna-se mais cidade, cidade mais organizada, mais urbanizada, os bairros residenciais brotando como rosas, somente muros antigos a fascinar os olhares enamorados dos antigos moradores e os forasteiros que, volta e meia, transitam por essas bandas hospitaleiras (A VOZ DA SERRA, 1954).

A presença do colono na cidade recebe um lugar de destaque nos textos dos jornais. O crescimento do município aliado ao trabalho e progresso que esse povo trouxe.

Para tanto, as homenagens não se refletem apenas nos textos da imprensa, eles transcendem o papel e ganham vida nos monumentos. Os monumentos têm o poder de transcender o tempo, é um espelho de memória, que acabam fazendo também uma função didática dentro desse contexto social. É assim, parte integrante da dinâmica social (HALBWACHS, 2006). Sobre essa memória ser entendida como integrante da dinâmica social e se traduzir em fenômeno social, entendemos que

[...] é coletivamente construída e reproduzida ao longo do tempo. Assim como o patrimônio cultural (ou como um patrimônio cultural), a memória social é dinâmica, mutável e seletiva; seletiva porque nem tudo o que é importante para o grupo fica «gravado na memória», fica registrado para as gerações futuras (RODRIGUES, 2000, p. 5, grifo do autor).

O registro por meio dos memorialistas, imprensa escrita e monumentos, nos dão elementos para pensar que a escrita sobre a história da cidade e sua memória refletida na sua dinâmica social através dos espaços, como as transmitidas pelos monumentos, trazem uma intenção clara de qual memória querem que fique registrada.

São indícios reveladores que, ao estabelecermos relação com estruturas macros, faz surgir categorias que nos permitem tecer essa análise. Em seu aniversário de 39 anos de emancipação o jornal traz em destaque ao monumento em homenagem ao colono, e segue o seguinte texto,

Cerca de um século que conhecemos o valor do colono, descendentes de italiano e alemão que conquistaram méritos graças aos esforços e a dedicação do homem, amor a terra e coragem sem par em prol do progresso. [...] O município de Erechim vê nesta figura, um verdadeiro símbolo, um personagem marcante, um homem simples e áspero, um místico e cativante e um amigo, enfim, um complexo em cotejo com a natureza para o engrandecimento do Brasil (A VOZ DA SERRA, 1957).

A reportagem enaltece os colonos vencedores, que deram “certo” e não aqueles que pedeceram. Os sistemas simbólicos exercem uma função social.

Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido de mundo social que contribui fundamentalmente para reprodução da ordem social: a integração lógica é a integração moral (BOURDIEU, 2004, p. 54, grifo do autor).

A integração social por meio dos símbolos se fazem presentes nos espaços sociais, como também, por meio da escrita disponível. Como já apontamos nos textos dos memorialistas, a discussão sobre a escrita do nome *Erechim* com *ch* ou *x* nos traz indícios da defesa de uma grafia que envolve questões estruturantes, como por exemplo, a negação de uma grafia que remeta a descendência escrita de uma matriz indígena. Esse fato, em especial, também se fez presente nas narrativas dos jornais.

No exemplar de 1958, a discussão sobre a grafia recebe um destaque no jornal, levantando a questão e apresentando uma forma de “salvar” a grafia com *ch*, como podemos constatar no texto,

[...] quando a palavra se tiver formado ou introduzido na língua independente de qualquer grafa-se com X e não com CH. Neste caso estão as palavras brasileiras de origem puramente indígena [...] haveria no entanto, um meio de salvar o CH no topônimo da terra: pedir a Academia Brasileira de Letras e a Academia de ciências de Lisboa que quebrassem a norma, abrindo uma exceção em relação a Erechim, submetendo-a depois, à apreciação do órgão competente órgão legislativo competente (VOZ DA SERRA, 1957).

A discussão acerca da grafia do nome de Erechim ainda rende discussões nos dias de hoje.

Em relação ao papel do jornal e sua intenção para com o meio social, sendo ele construtor de memórias, a sua escolha de enfatizar o pioneirismo imigrante e espírito desbravador é notório no trecho abaixo elaborado pela própria diretoria do jornal,

Há exatamente quarenta e um anos passados, aportaram na atual cidade de Erechim, os primeiros bandeirantes para desbravarem a mata virgem e erguer em seu seio a progressista cidade que hoje, como orgulho ostenta o título de “metrópole do trigo”. Oriundos das mais diversas plagas, notadamente da zona colonial do Estado, aqui aportaram os descendentes peninsulares. [...] a estes desbravadores, é que apresentamos nossas felicitações e reconhecimento (A VOZ DA SERRA, 1959, grifo do autor).

No ano seguinte da publicação acima, o jornal reafirma o seu compromisso com a memória que quer passar quando traz uma matéria sobre os índios que aqui se encontravam em Erechim antes da colonização. A eles fazem referências de homens os quais as características não demonstravam civilidade, como podemos observar abaixo,

Muitos antes da colonização haver penetrado na região dos planaltos e no Vale do Rio Uruguai, as imensas florestas de outrora, cobriam amplas paragens de nosso município, abrigavam em seu seio várias famílias de índios selvagens e ferozes. [...], todavia com o evento da colonização sobreveio a degenerescência do elemento indígena. A civilização de além-mar, invadindo os sertões, procedeu a uma espetacular derrubadas de floresta virgem [...] (A VOZ DA SERRA, 1959).

Destacamos elementos que identificam os índios: ferozes e selvagens. Assim como, destacamos os elementos que se referem aos imigrantes, colonos vindos do além-mar, considerados os civilizadores. Além disso, note-se que à expressão degenerescência cabem as interrogações: quem degenerou quem ?

As décadas problematizadas se dão em contextos históricos que apresentam mudanças significativas no cenário político, econômico e social. Na década de 60, anos de lutas sociais, repressões e censuras no âmbito nacional, o discurso acerca da historiografia do município segue inalterado, o elemento trabalho e pioneirismo do imigrante europeu (italianos, alemães

em especial) se alia ao discurso de desenvolvimento agrícola do Trigo condicionando a manutenção do progresso da cidade, como observamos no trecho abaixo,

Naquela época, como na atual, o nosso colono de “rabote arado” de bois, subia as coxilhas que circundam todo o território erexinense descia as mais íngremes escarpas, para entregar a terra, a semente que haveria de vingar, dando ao Brasil a maturidade de produção, apregoadas tão facilmente a de execução mais amarga em nossa topografia ingrata e irregular. Erechim foi o vanguardeiro do Trigo em todo território nacional (A VOZ DA SERRA, 1960, grifo do autor).

Em 1963, temos uma edição especial que traz uma matéria do memorialista Juarez M. Illa Font, que tem como mensagem de chamada a leitura o título: A missão Civilizador, destacando a estrada de ferro Passo Fundo-Uruguaí como determinante na formação do núcleo urbano.

Em 1965, contexto do governo militar, inúmeros fundos de investimentos industriais advindos da lógica de modernização capitalista difundida pela matriz econômica desse governo, são incorporadas pelos estados e resultando em planos de financiamentos para capital industrial, em Erechim temos o reflexo disso. O progresso que antes era muito ligado ao ideal desbravador agora ganha outro ingrediente, a modernização do capital. Em matéria intitulada *O Progresso em Erechim* destaca esse momento,

Uma nova mentalidade de formação de empresas surge em consonância à política governamental de combate a tradicional empresa fechada. É um exemplo que já está sendo seguido por outras firmas da região do Alto Uruguai, dando oportunidade ao pequeno poupador (A VOZ DA SERRA, 1965).

Esse novo ingrediente só veio a somar o ideal desbravador. Em seu cinquentenário, o jornal traz como capa da edição especial a imagem do monumento ao colono, destacando e relembrando a importância desse símbolo,

O monumento representa para nós, o que representa para o visitante de Erechim: o Ponto mais alto de simbolismo que se retrata a admiração, o respeito e a homenagem ao agricultor que derramou suor nos vales e montes desta região, para erigir depois a sua casa rústica, esta linda e moderna cidade, município que completa seu cinquentenário sob as bênçãos de Deus a inspirar os homens de boa vontade tempera de luta em prol de civilização (A VOZ DA SERRA, 1968).

Os monumentos e imóveis ditam a dinâmica da cidade, os espaços ganham significado que vão sendo rememorados ano a ano. O monumento ao colono, já citado anteriormente como elemento importante nas comemorações do ano de 1939, é lembrado nos anos

seguintes, com destaque no seu cinquentenário. As lembranças que os indivíduos estabelecem com o espaço vivido, transpassam o tempo vivido e ganham força a cada vez que é lembrado.

Os vários tempos vividos de uma cidade estão fixados nas imagens de seu espaço físico e de seus habitantes. São lembranças de um tempo passado que servem à correta compreensão do processo histórico, pois é na forma de imagens que a cidade ganha existência na memória de seus habitantes e visitantes; registra, ainda, as mensagens do tempo, facilitando a compreensão e a assimilação da História e do espaço estudado (SHIMITD, 2016).

O crescimento urbano orientado por uma política de alinhamento nacional também se traduziu no texto jornalístico. A partir de 1964, com o golpe militar, temos um alinhamento claro da política econômica do governo que deveria ser perpassada para os estados, a integração do capital internacional norte americano para o desenvolvimento a industrialização.

Essa política era o bojo de uma nova estratégia de dominação do país que no movimento militar de 64, era baseado na doutrina de segurança nacional: segurança e desenvolvimento era o lema do país. Assim como também,

[...] nessa estratégia, coube lugar de destaque para geopolítica de integração Nacional, onde o desenvolvimento das três grandes regiões geoeconômicas brasileiras – Centro-Sul, Nordeste e Amazônia – era visto sob o ângulo de estratégias diversas: Centro sul deveria ter o processo de industrialização solidificado e sua agricultura modernizada (OLIVEIRA, 1991, p. 29).

A modernização da agricultura se estendeu para os municípios menores do Rio Grande Do Sul, como Erechim, que por sua vez, já desfrutava de uma industrialização solidificada desde muito antes. Como já citado e exemplificado, esse processo de modernização da agricultura ocasionou uma expulsão da população do campo para a cidade gerando um crescimento urbano significativo na época.

Nos 54 anos do município, em pronunciamento do prefeito Irany Jaime Farina ele reforça o ideal de progresso pretendido com a frase: *“Erechim caminha a passos largos rumo a sua verdadeira meta de desenvolvimento e progresso”*. No entanto, mesmo vivendo nesse contexto macro, que associa o progresso ao desenvolvimento do capital industrial e agrícola, o passado do imigrante pioneiro e desbravador ainda aparece como ponto de inflexão do discurso. Quando o prefeito em mesmo discurso afirma que *“O espírito pioneiro dos desbravadores do então paiol Grande, ainda persiste entre a coletividade, diante de obras que diariamente são projetadas e exultadas na cidade”*.

Os anos se seguiram e o discurso se mantém inalterado. Em 1984, no limiar do processo de democratização, a ênfase na rememoração histórica baseada no colono ainda é a que se destaca. Em capa de jornal comemorativo dos 66 anos do município, traz mais uma homenagem de abertura ao colono com as seguintes palavras: “Eles aqui chegaram, plantaram, colheram, amaram, tiveram filhos, e muitos aqui morreram, 66 anos são passados e nós hoje aqui vivemos, declaramos nosso amor” (A VOZ DA SERRA, 1984).

Em 1955, o destaque dos 77 anos de emancipação do município é a homenagem ao “Castelinho”, antigo prédio da comissão de terras e hoje símbolo maior da colonização da cidade de Erechim, como podemos constatar na matéria comemorativa do jornal, onde ele é destacado da seguinte forma: “Símbolo da colonização erechinense, perpetuando no brasão do município, o castelinho como é carinhosamente conhecido completou 77 anos de vida” (A VOZ DA SERRA, 1955).

Em 2001, a edição comemorativa é dedicada aos 50 anos de imigração italiana. Cabe destacar que a edição é escrita em italiano destacando famílias italianas que se estabeleceram e foram pioneiros.

É notório que a história de Erechim que perpassa esses jornais, de 1944 a 2001 traz intenções claras de qual memória ele pretende mostrar. Na nossa longa viagem, em que passamos pelos mais diversos contextos políticos e sociais no âmbito nacional, com momentos de mudanças sociais significativas, não foram suficientes para conduzir diferença significativas no discurso memorialístico do jornal. A intenção da memória que o Jornal A voz da Serra reflete é o ponto de inflexão pautado no pioneirismo do imigrante europeu, que por sua vez, trouxe consigo o trabalho e o espírito de civilidade, ocasionando assim o progresso.

A memória que o jornal nos traz vai ao encontro do olhar expressado nos livros dos memorialistas locais, responsáveis por narrar à história do município. Nessas duas fontes, pudemos perceber indícios reveladores, que nos levam a questionar essa visão hegemônica, despertando em nós o desejo de conhecer memórias de resistência a essa matriz fundante, esse mito do colonizador.

É fato que lugares e espaços do município contemplam dessa memória, o que nos questionamos é se em contextos singulares, como o que os alunos da educação básica de uma escola do bairro Progresso, constroem enquanto memória.

Para responder esse questionamento nos debruçamos nas análises do contexto escolar, ou seja, no plano de ensino da disciplina de história e nos desenhos dos alunos.

4.3 A MEMÓRIA HISTÓRICA EM CONSTRUÇÃO PELA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Ao traçarmos nossa trajetória de pesquisa onde nos propomos a discutir sobre a memória histórica, buscamos ir além de uma discussão teórica e análise de documentos primários, como no caso dos jornais impressos e textos memorialísticos. A necessidade era de ir além, de buscar uma condição que fugisse apenas de uma escrita narrativa, mas que apresentasse as vozes dos sujeitos e, por meio disso, revelasse indícios para se pensar uma nova forma de apreender sobre a memória.

A vivência na educação básica influenciou na escolha de ampliar a nossa discussão para a sala de aula, pois acreditamos que a pesquisa exige muito mais que um estudo científico, ela envolve a responsabilidade social, aqui no caso como historiador e professor da educação básica.

Diante disso, fomos a campo para apreender sobre história do município de Erechim e sua abordagem em sala de aula, e como está sendo significada pelos alunos. Para isso nos utilizamos do plano de ensino da disciplina de história do 5º ano e os desenhos dos alunos do referido nível.

4.3.1 Os conteúdos de história pautados no plano de ensino

Partimos do pressuposto que a História é uma possibilidade de se pensar o passado e o presente em constante diálogo. O passado está dado, porém, quem recorta, dimensiona e narra este passado é o homem do presente, tornando esse olhar refletido ou não em texto histórico, tornando-se objeto da história, pois passa a representar a visão do indivíduo sobre o passado (KARNAL; TATSCH, 2009, p. 7).

Para Hobsbawm e Ranger (1984), ser membro de uma comunidade é situar-se em relação ao seu passado. Dessa forma, se faz pertinente essa complexa análise entre documentos históricos (memorialistas locais, jornais, escola de educação básica), pois o entendimento do processo histórico se faz a partir dos registros ou evidências da luta dos agentes históricos (BEZERRA, 2003, p. 43).

Nesse sentido, o entendimento e reconhecimento dos sujeitos no processo histórico perpassam pela formação da sua memória histórica, junto ao espaço e lugar onde vivem, e no tocante da idade escolar, a forma e maneira como é transmitido os conteúdos da disciplina de história é determinante na constituição dos sujeitos.

Halferd Carlos Ribeiro Júnior, em estudo sobre os livros didáticos de história do Brasil, de Joaquim Silva, afirma que,

[...] elaborados no interior da trama social de um estado autoritário, em que promoveu uma política agressiva para a homogeneização cultural brasileira, reconfigurando a memória social sobre a Nação, o Estado e o povo brasileiro, com implicações imediatas no sistema de ensino, pois foi um dos principais veículos de transmissão da ideologia do Estado [...] (RIBEIRO JÚNIOR, 2016, p. 67).

Dessa forma, podemos perceber que alguns mecanismos são utilizados para difundir a memória histórica que se faz pertinente para a concretização de um ideal, como nesse caso, o livro didático citado pelo autor. Consideramos também que assim como os livros didáticos, a imprensa, textos memorialísticos locais e a proposta de Ensino de história que uma instituição escolar opta por abordar são construtores da memória histórica.

As memórias fixadas nos textos memorialísticos e discursos do jornal A Voz da Serra, nos trouxeram elementos significativos sobre o que se moldou enquanto memória no município de Erechim/RS. Existe uma rememoração nos anos da análise aqui proposta, o ponto de inflexão alicerçado na colonização como condutor do processo histórico no município é recorrente nas narrativas que essas duas fontes nos apresentam.

Entendemos que essas escolhas por elementos luminosos e opacos percebidas no âmbito das narrativas, são potentes influenciadoras na construção das noções de mundo.

Nesse complexo, os conteúdos pautados pela imprensa, assim como os temas e os modos de abordagem apresentados pela escola, contribuem sobremaneira nesse processo, porque compõem parte das informações veiculadas pública e abertamente pelos meios de comunicação de massa, e da formação humana na escola, especialmente, na infância, adolescência e juventude.

No que se refere ao campo da educação, tendo em vista que a nossa pesquisa transita por esse meio. Em diálogo com Bittencourt (2010), entendemos que uma disciplina escolar, seus objetivos e finalidades são integrantes das escolhas que a escola faz, pois reflete o conhecimento produzido por ela.

Os conteúdos ministrados nas disciplinas escolares nos oferecem elementos para pensar qual a sua articulação com a sociedade, em especial na disciplina de história, pois essa nos oferece indicadores para pensar criticamente sobre o nosso lugar e própria história.

Partimos do pressuposto que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) devem ser o texto norteador para se pensar a proposta pedagógica da escola, seus projetos, assim como, planejamento das aulas e reflexão crítica sobre a prática educativa. Entendemos que a escolha

de como as disciplinas abordam os conteúdos propostos pelos PCNs são determinantes para identificarmos a proposta que a escola e o professor se propõem em dialogar.

No tocante dos objetivos elencados pelos PCNs para a disciplina de história, referente ao terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental, que engloba o 5º ano, trouxemos para discussão dois objetivos em especial.

- . Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- . Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1997).

Esses dois objetivos em especial que abordam de forma geral a importância de se construir uma identidade nacional enfatizando o sentimento de pertença, e a valorização da pluralidade dos povos e relações sócio espaciais, nos dão elementos significativos para análise do plano de ensino, pois eles envolvem aspectos que devem ser levados em conta na elaboração do plano de ensino, principalmente nos conteúdos de abordagem da História regional.

Bittencourt (2009) tece sua crítica, entendendo o ensino de História do Brasil está associado inegavelmente a identidade nacional. Assim como, a História regional é usada para fomentar uma identidade local, alicerçada na construção de uma memória e identidade local. A autora escreve que,

[...] nacionalismo patriótico, culto a heróis e festas cívicas são alguns dos valores que, na escola, se integram ao ensino de história do Brasil. E contra essa história patriótica, existe uma série de críticas que buscam desmascarar seu caráter dogmático e muito distante de um conhecimento sobre o país e seu povo (BITTENCOURT, 2009, p. 185).

A discussão que a autora se propõe dialoga com a crítica a uma história tradicional, de construção de uma memória única, fundamentada em princípios e simbolismos que se identifica com a memória de um grupo dominante. Uma história com intenções claras pautadas na formação de uma identidade nacional, embora a autora considere que o mito estado-nação tenha sido substituído na contemporaneidade pelo mito das empresas¹⁰.

¹⁰ A autora acredita que a existência do mito estado-nação difundida desde o século XIX, passou a ser redefinida, portanto, sob outros parâmetros, repensada sob novas perspectivas relacionadas às mudanças sociais e

Mesmo que mudanças tenham acontecido no âmbito do currículo de história, a identidade nacional moldada pela articulação globalizante acaba que não levando em consideração os aspectos regionais e desigualdades sociais presentes nesse processo. Para a autora,

[...] considerando essa aparente dicotomia, muitas propostas há a preocupação em estabelecer relações entre a identidade regional e nacional, faltando, no entanto, vincular este objetivo ao da constituição da cidadania, uma identidade maior tanto nos aspectos regionais quanto nacionais (BITTENCOURT, 2010, p. 19).

Acreditamos que para a formação de uma identidade maior, como nos traz a autora, o ensino de história e seu currículo devem trazer elementos importantes sobre a história local, onde os educandos estabeleçam ligações com fatos que acontecem no tempo presente, reconhecendo-se como parte integrante do espaço e lugar onde ela vive. São aspectos regionais que são muitas vezes esmaecidos, por um currículo voltado apenas para a rememoração e reafirmação de uma história tradicional, que não abrange a pluralidades sócio espaciais dos lugares.

No que se refere ao nível de ensino a que no propusemos analisar, os PCNs trazem como eixo temático a “História das organizações populacionais” e “História do Brasil”, com temas que abordem aspectos nacionais e locais, como a Colonização por exemplo.

No tocante desse aspecto, no município de Erechim, aonde já percebemos que aspecto da colonização aparece como ponto de inflexão da narrativa tradicional, essa temática deva ser abordada levando em consideração a dimensão do lugar em que está inserida a escola. Nesse caso, entendemos ser importante abordar aspectos que não deixem esmaecidos a história do negro, caboclo e índio na região. Com isso posto, trazemos para análise os conteúdos pautados no Plano de Ensino de história do 5º ano do ensino fundamental, seus conceitos estruturantes e competências a serem alcançadas no processo de ensino aprendizagem conforme a proposta da escola.

Quadro 3 – Plano de ensino da disciplina de história do 5º ano da escola estadual de ensino médio Irany Jaime Farina

(Continua)

Conceitos Estruturantes	Competência: Ler e escrever	Competência: Resolução de problemas	Competência: Compreender	Competência: Ser e conviver
<p>Sujeitos históricos</p> <p>Tempo histórico;</p> <p>Fatos históricos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar placas de sinalização mais comuns no município. - Identificar os motivos que levaram a imigração de povos de outras culturas do município; - Identificar a cultura europeia comparando-a com a cultura do município; - Identificar traços culturais da imigração de povos de outras culturas do - Município (italianos, alemães, poloneses), seu modo de vida e sua inserção nas atividades sociais e econômicas; - Reconhecer a diversidade de fontes documentais usadas para o registro da História do município (arquivo histórico, museu). - Identificar atividades econômicas predominantes do espaço rural e urbano do município; - Identificar as mudanças e permanências na história do município: comércio, - Indústria, arquitetura, festas. - Identificar diferentes períodos, caracterizando predomínios e mudanças nos modelos econômicos, nas organizações políticas, nos regimes de trabalho, nos costumes e no modo de vida urbano e rural; 	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever o conceito de temperatura e umidade do ar; - Conhecer regras básicas de legislação do trânsito. - Comparar a paisagem do município: no passado e no presente; - Localizar o município no país e no estado; - Indicar a área do município e municípios vizinhos; - Compreender o que é um mapa; - Conhecer os elementos que auxiliam na interpretação de um mapa. - Compreender o papel da orientação na representação cartográfica. - Relacionar escala, legenda, gráficos como formas de obter informações de um mapa. - Compreender o papel da orientação através do uso de mapas. - Compreender o processo histórico pelo qual o município passou, bem como a razão das mudanças de nomes; 	<ul style="list-style-type: none"> - Valorizar as datas comemorativas e cívicas do nosso município. - Compreender a noção de orientação por meio do sol; - Nomear os pontos cardeais e colaterais; - Observar, descrever, explicar, comparar e representar paisagens urbanas e rurais; - Analisar os problemas enfrentados pelo bairro e município frente as questões sociais, de saúde, moradia e infraestrutura; - Caracterizar zona rural e zona urbana; - Caracterizar os setores da economia: primário, secundário e terciário; - Caracterizar o relevo do município; - Caracterizar o clima do município. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisar dados referentes à origem do município e da vinda dos primeiros colonizadores; - Perceber-se como participante do processo de transformação da paisagem do município; - Pesquisar e nomear alguns dos principais rios do município (com auxílio); - Perceber alterações que a sociedade e a natureza provocam no relevo; - Representar diferentes paisagens utilizando procedimentos convencionais da linguagem cartográfica. - Pesquisar dados referentes à origem do município e da vinda dos primeiros colonizadores; - Perceber-se como participante do processo de transformação da paisagem do município; - Pesquisar e nomear alguns dos principais rios do município (com auxílio);

Fonte: Rio Grande do Sul. Plano de Ensino da Escola Estadual de Ensino Médio Irany Jaime Farina. 2018

Quadro 3 – Plano de ensino da disciplina de história do 5º ano da escola estadual de ensino médio Irany Jaime Farina

(Conclusão)

Conceitos Estruturantes	Competência: Ler e escrever	Competência: Resolução de problemas	Competência: Compreender	Competência: Ser e conviver
<p>Sujeitos históricos</p> <p>Tempo histórico;</p> <p>Fatos históricos..</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a importância dos pontos turísticos do município para o desenvolvimento de sua economia; - Reconhecer no cotidiano, referências espaciais de localização, orientação e distância, podendo deslocar-se com autonomia e representar o lugar de vivência; - Identificar as formas de orientação; - Reconhecer funções e processos diferenciados de urbanização nas cidades e transformações do campo; - Identificar as relações de interdependência entre zona rural e zona urbana; - Identificar as atividades econômicas na zona rural e na zona urbana; - Identificar e caracterizar agricultura e pecuária. - Identificar as partes de um rio; - Reconhecer a importância dos rios para a vida das pessoas; - Identificar espécies comuns de vegetação na região; - Reconhecer a importância da conservação e preservação da natureza; - Reconhecer e identificar as formas de relevo; - Identificar as variações diárias do tempo; - Relacionar o clima com o estilo da vida da população; - Identificar diferentes meios de transporte e sua evolução no município. - Identificar e conhecer os pontos turísticos do município. 	<ul style="list-style-type: none"> - Relacionar o desmatamento com o crescimento das cidades; 		<ul style="list-style-type: none"> - Perceber alterações que a sociedade e a natureza provocam no relevo; - Representar diferentes paisagens utilizando procedimentos convencionais da linguagem cartográfica.

Fonte: Rio Grande do Sul. Plano de Ensino da Escola Estadual de Ensino Médio Irany Jaime Farina. 2018

Percebemos que pontos de inflexão são utilizados para abordagem da história local, discriminadas nas competências do ensino das ciências humanas. No tocante da história são eles:

- a) Identificar os motivos que levaram a imigração de povos de outras culturas do município;
- b) Identificar a cultura europeia comparando-a com a cultura do município;
- c) Identificar traços culturais da imigração de povos de outras culturas do município (italianos, alemães, poloneses), seu modo de vida e sua inserção nas atividades sociais e econômicas;
- d) Valorizar as datas comemorativas e cívicas do nosso município;
- e) Pesquisar dados referentes à origem do município e da vinda dos primeiros colonizadores;
- f) Perceber-se como participante do processo de transformação da paisagem do município.

Podemos perceber que as competências atribuídas aos conteúdos ministrados na disciplina de história trazem elementos que nos remetem a historiografia local difundida pelos textos memorialísticos e imprensa (Jornal A Voz da Serra), elementos como: imigração, cultura europeia, datas comemorativas e cívicas do município, colonizadores e a identificação de traços culturais do município pautado em italianos, alemães, poloneses como podemos constatar acima. A pergunta que fazemos é como a escola aborda elementos mais localizados, levando em consideração a especificidade histórica do lugar, que o público dessa escola está inserido?

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a escola caracteriza-se da seguinte forma:

[...] os educandos matriculados pertencem em sua maioria aos bairros Cristo Rei e Progresso. O mesmo não ocorre com os professores e funcionários que se deslocam de diferentes pontos da cidade, em muitos casos até 15 quilômetros de distância da Escola. Quanto ao aspecto físico, a Escola apresenta uma arquitetura moderna, dentro das características do Projeto Nova Escola. A mesma é de periferia, de difícil acesso devido a sua localização (abaixo da BR153 segundo o Pórtico da cidade esses bairros ficam fora do município) frente a pontos críticos. A Escola atende aproximadamente 600 Educandos (conforme dados demonstrativos de março 2014 da pesquisa sócia antropológica) e a partir de junho do corrente ano 310 alunos do Ensino Fundamental terão Educação em tempo integral e a escola atenderá 910 alunos de classes populares, oriundos de famílias de baixo poder aquisitivo. A renda média de 70% das famílias está entre 1 e 3 salários mínimos e 30% dessas famílias sobrevivem com menos de 1 salário mínimo. O que comprova essa realidade é o elevado número de alunos que recebem ajuda de órgãos governamentais, como a Bolsa Família e Bolsa Escola para auxiliar na renda familiar (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2018).

Trata-se de uma escola de periferia, como descrito acima, com estudantes oriundos de espaços de vulnerabilidade social. Sujeitos, em sua grande maioria, com descendência da raça afro-brasileira, índios e caboclos, frutos da historicidade da região e das condições com que se deu a formação do bairro Progresso, como já exposto.

Acreditamos que a escola é um espaço que além de formar cidadãos críticos, apresenta-se como espaço privilegiado que ocupa um lugar significativo na formação dos sujeitos. Nesse sentido, ela apresenta-se como formadora de opinião e difusora de memória histórica, uma vez que, os sujeitos, e em especial os oriundos de classes mais baixas, só tem contato com a história local através dos conteúdos escolares.

Ricardo Oriá (1998) nos traz em seu texto: *Memória e Ensino de História*, a importância que a escola tem enquanto construtora de memória e identidades. Para ele,

[...] O senso de preservação da memória social coletiva, como condição indispensável a construção de uma nova cidadania e identidade plural, é em sua maior parte construído na escola, e que o ensino de história tem papel fundamental nesse processo. É ela em última instância o *locus* privilegiado do exercício e formação da cidadania (ORÍÁ, 1998, p. 130).

Indícios são reveladores para entendermos como se dá essa relação entre ensino de história e memória histórica. Embora se deixe claro que nossa intenção não é desenvolver uma discussão mais densa sobre o ensino de História.

Indiciamos até o momento que a construção da memória histórica do município de Erechim, fundamenta-se em uma memória que favoreceu a construção da identidade de um grupo em especial, dos imigrantes europeus.

O destaque dado a aspectos da história regional que remete ao pioneirismo da colonização europeia e seus elementos culturais, transita pela memória que vem sendo construída por essas três fontes analisadas até o momento.

Nesse sentido, cabe a nós partirmos para a análise de como a memória se configura na sala de aula, dando “voz” aos sujeitos envolvidos no contexto histórico da pesquisa, a história de Erechim e a singularidade do Bairro progresso. Para isso, nos utilizamos dos desenhos produzidos por eles.

4.3.2 Leitura dos indícios: os desenhos como reflexos da memória histórica de Erechim/RS

Alicerçados na proposta central da nossa pesquisa sobre as construções da memória histórica do município de Erechim/RS e em diálogo com os indícios revelados nas análises das fontes (memorialistas, jornal, plano de ensino) fomos a campo para buscar as apreensões dos 10 alunos que se dispuseram a participar da pesquisa. Adotamos como metodologia a forma de imagem (desenho). Percorremos, assim, nossa discussão para fomentar as representações da memória histórica. Entendemos que os desenhos são a forma mais clara e objetiva (embora dotado de subjetividade) que a criança tem de nos descrever sobre determinado assunto.

A abordagem em forma de desenho, estudada a luz da análise microgenética proposta por Goés (2000), nos oferece a possibilidade de diálogo com elementos de dimensão sócio histórica, cultural, semiótica e genética. Cabe ressaltar que a autora aborda a discussão do termo genética como estudo etnográfico e qualitativo, ancorada nas proposições defendidas por Vygotsky.

A visão genética aí implicada vem das proposições de Vygotsky (1981, 1987) sobre o funcionamento humano, e, dentre as diretrizes metodológicas que ele explorou, estava incluída a análise minuciosa de um processo, de modo a configurar sua gênese social e as transformações do curso dos eventos. Essa forma de pensar a investigação foi denominada por seus seguidores de “análise microgenética” (GÓES, 2000, p. 11, grifo do autor).

É importante abordar aqui também, explanações sobre as fases de desenvolvimento da criança na faixa etária analisada, que transita em torno dos 10 e 11 anos de idade, pertencendo a fase do desenvolvimento operacional concreto. De acordo com Piaget (1971), embora já

consigam fazer relações com eventos e regras sociais, ou seja, eventos mais complexos, ainda elaboram suas apreensões baseadas em eventos concretos.

No entanto, nossa intenção não é que os desenhos nos apresentem uma visão dada de uma memória histórica sobre a história do município de Erechim, pois acreditamos que articular historicamente o passado não significa “conhecê-lo como ele de fato foi”, significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo (BENJAMIN, 1987, p. 224). Para nós, os indícios que os desenhos nos apresentaram ocuparam o lugar dos relampejos, onde, através das respostas espontâneas das crianças, introduzem-se deliberadamente pistas, auxílios ou obstáculos, para estudar os processos de interesse (GÓES, 2000, p. 11).

A partir das apreensões acima, e assentados na nossa proposta de discussão sobre a memória histórica, nos voltamos agora para a pesquisa empírica. A aplicação da pesquisa com os alunos partiu de um questionamento, uma pergunta (Qual a história de Erechim?), em que os estudantes foram convidados a respondê-la em forma de desenho. Nos desenhos buscamos indícios da memória que vem sendo produzidos por esses sujeitos no ambiente escolar.

A escolha pela escola e turma em questão se dá pela singularidade que o lugar apresenta. A Escola Estadual de Ensino Médio Irany Jaime Farina está localizada no bairro Pettit Village, porém, os estudantes são oriundos dos dois bairros com vulnerabilidade social, bairro Progresso e Cristo Rei, conforme o seu Projeto Político Pedagógico (PPP), e como já vimos anteriormente, apresenta elementos históricos singulares dentro da contextura histórica de Erechim/RS.

Conforme podemos observar, a escola é considerada de periferia como também se observa o destaque dado ao fato da escola ser considerada de difícil acesso, por estar localizada fora dos limites estabelecidos pelo pórtico da cidade. Tais concepções confirmam nossa apreensão, no capítulo anterior, sobre a historicidade que se formou o bairro Progresso e seus alargamentos, como é o caso do bairro Cristo Rei, fora dos limites da cidade.

Quanto aos alunos, estabelecemos como recorte de pesquisa, os do 5º ano do ensino fundamental, pois conforme os PCNs da disciplina de História, esse nível de ensino deverá abordar conteúdos que enfoquem a história regional e local.

Diante disso, apresento na Tabela 3 as características da turma.

Tabela 3 – Caracterização da turma

Masculino	Feminino	Total	Participantes
6	10	16	10

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

A idade dos estudantes transita em torno dos 10 e 11 anos, o que nos confirma que há distorção idade-série. O encontro com a turma aconteceu em três momentos, em dias diferentes. No primeiro momento, os estudantes foram apresentados à pesquisa e informados que a participação deles aconteceria mediante autorização dos seus responsáveis, conforme regulamento de pesquisa previsto no Comitê de Ética e Pesquisa da Plataforma Brasil. Após passada essa informação, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos estudantes para assinatura dos responsáveis (Anexo A).

No segundo momento, fomos à escola para nos apropriarmos do termo já assinado e quantificarmos os participantes. O terceiro momento foi destinado à aplicação da pesquisa. Para tanto, solicitamos antecipadamente a autorização da direção da escola e professora regente do 5º ano do ensino fundamental. Com autorização de ambas as partes, iniciamos escrevendo no quadro a pergunta: Qual a história de Erechim/RS? Logo após disponibilizamos o material didático para elaboração dos desenhos (folha branca, lápis grafite, lápis de cor). Os seis alunos que não participaram da pesquisa ficaram sob os cuidados da professora regente.

Dentre os 10 alunos participantes da pesquisa, todos elaboraram suas representações acerca da pergunta. Nesse momento, lembramos aos alunos que mesmo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a participação dos mesmos, se caso eles quisessem poderiam interromper a participação a qualquer momento.

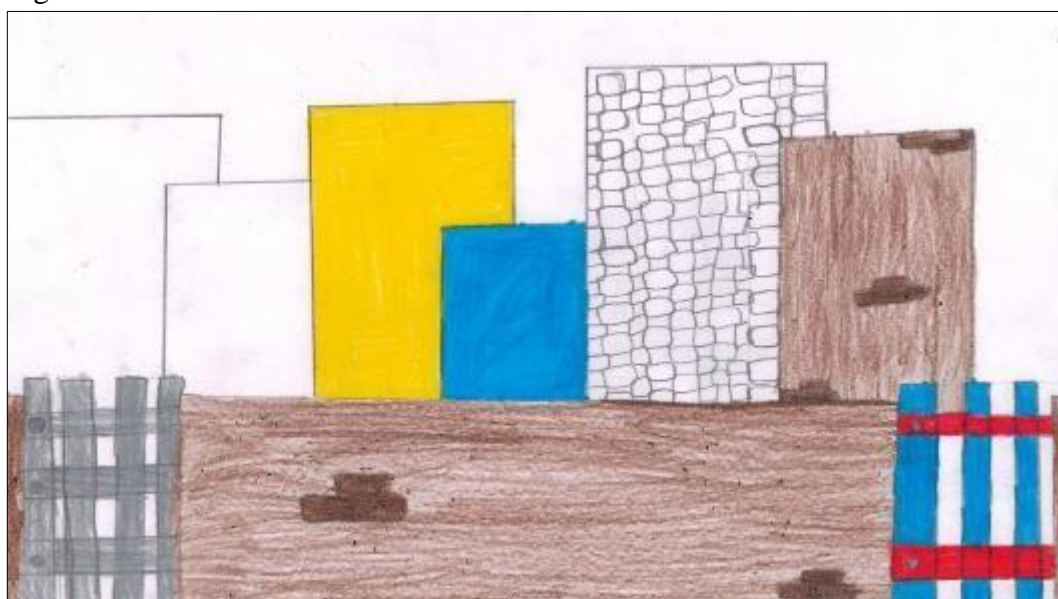
Como critério de organização, iniciaremos nossa discussão apresentando os desenhos para posteriormente depreendermos nossa análise com as categorias a priori e posteriori, com a análise das fontes até o momento.

Figura 7 – Desenho 1



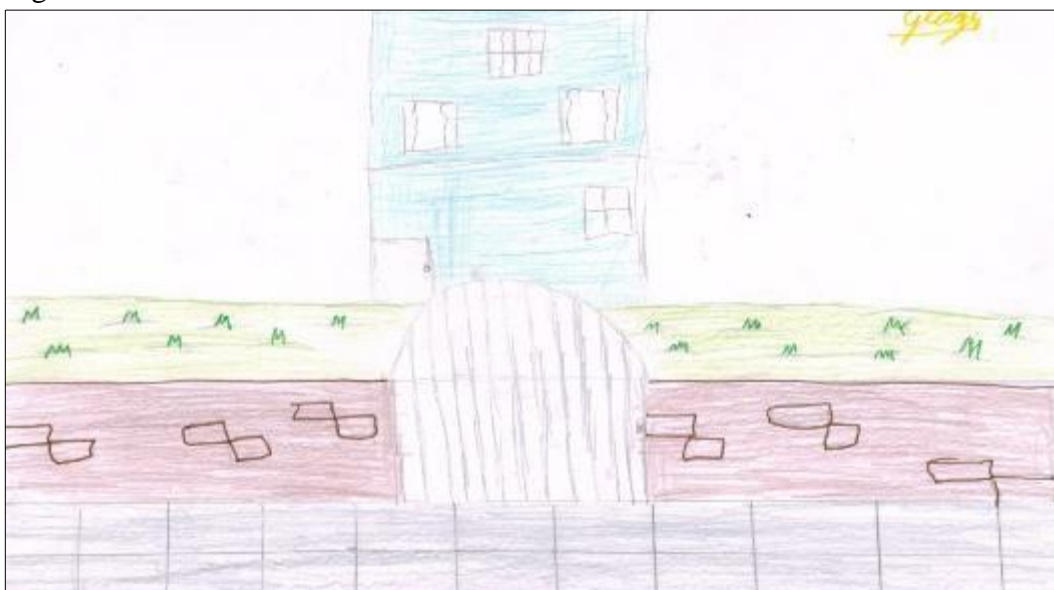
Fonte: (acervo pessoal) Pesquisa com aluno 1. 2018

Figura 8 – Desenho 2



Fonte: (acervo pessoal) Pesquisa com aluno 2. 2018

Figura 9 – Desenho 3



Fonte: (acervo pessoal) Pesquisa com aluno 3. 2018

Figura 10 – Desenho 4



Fonte: (acervo pessoal) Pesquisa com aluno 4. 2018

Figura 11 – Desenho 5



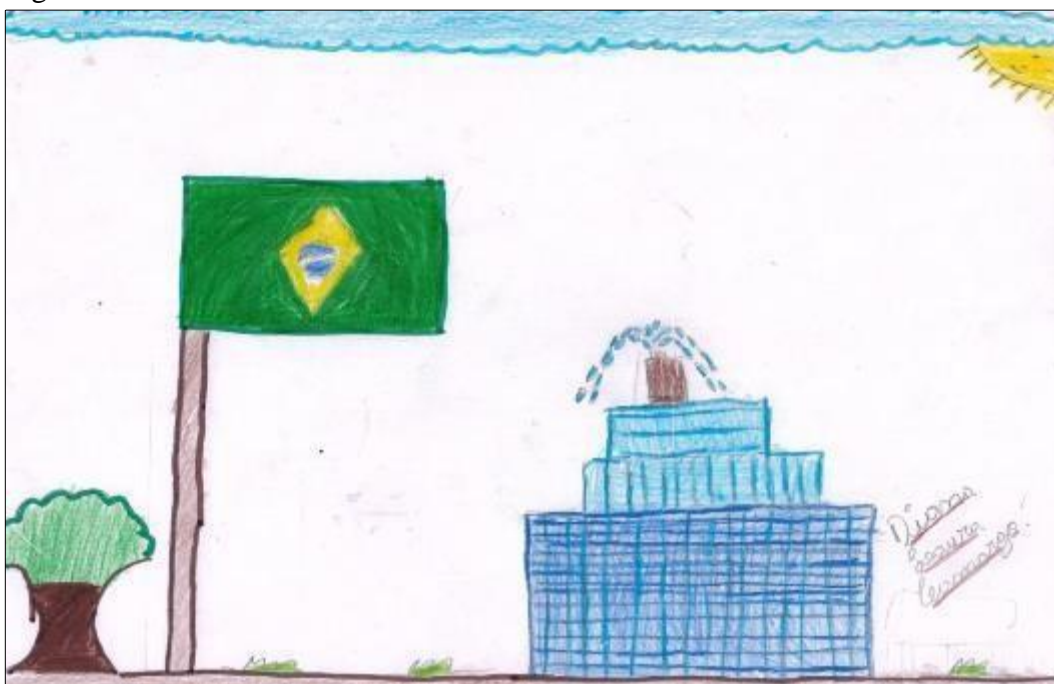
Fonte: (acervo pessoal) Pesquisa com aluno 5. 2018

Figura 12 – Desenho 6



Fonte: (acervo pessoal) Pesquisa com aluno 6. 2018

Figura 13 – Desenho 7



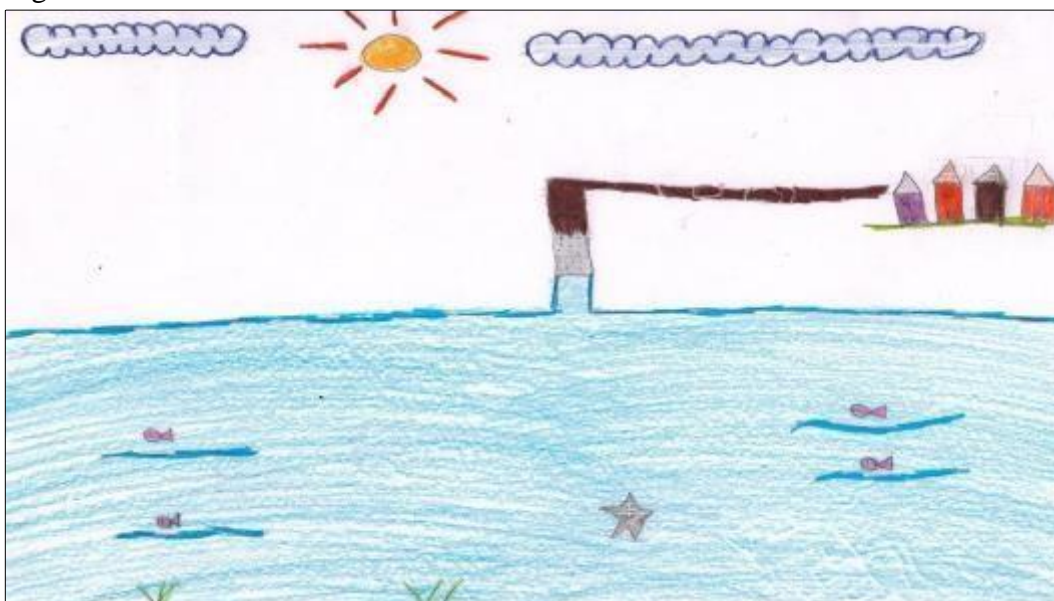
Fonte: (acervo pessoal) Pesquisa com aluno 7. 2018

Figura 14 – Desenho 8



Fonte: (acervo pessoal) Pesquisa com aluno 8. 2018

Figura 15 – Desenho 9



Fonte: (acervo pessoal) Pesquisa com aluno 9. 2018

Figura 16 – Desenho 10



Fonte: (acervo pessoal) Pesquisa com aluno 10. 2018

Iniciaremos a leitura dos desenhos apresentando aspectos observados a partir de um olhar mais abrangente. Desse modo, notamos em todos uma visão predominantemente oblíqua (vista de lado) e não vertical (visto de cima para baixo), o que é em geral característica da faixa etária na qual se encontram.

Os desenhos (3, 4, 6 e 10) expressam visão mais próximas (grande escala) com destaque a aspectos individuais. As imagens (7) e (1, 2, 5, 8 e 9), apresentam-se com vistas mais abrangentes, respectivamente (média escala) e (grande escala).

Nas elaborações (2, 3, 4, 7 e 10), as formas são mais retilíneas, enquanto nas (1, 2, 3, 4, 6, 10) percebemos a presença de grades e muros em todas as elaborações.

Quando partimos para uma análise mais detalhada, podemos perceber que algumas imagens abordaram aspectos difundidos pela historiografia tradicional, em outras não fica evidente. A presença do Castelinho, antiga sede da Comissão de Terras e Colonização, foi evidenciado em 30% das elaborações. A bandeira nacional também esteve presente em 40% das elaborações, algumas inclusive juntas ao Castelinho, obra que, em sua forma real, não tem a presença da bandeira.

Praças, elementos da natureza e a presença de humanos também vão aparecer nas elaborações. Outros esboçam elementos mais abstratos ou artificiais, como a presença de muros, portões fechados, estradas e ruas.

Com essa definição dividimos os desenhos elaborados em três grupos. Utilizamos como critério elementos presentes em comum nas elaborações. Depois da divisão proposta, partimos para o encontro das imagens com elementos da história do município, partindo das categorias utilizadas para as análises das outras fontes (memorialistas locais, Jornal) definidas a priori na nossa pesquisa, pioneirismo, imigrante europeu e trabalho.

Cabe salientar que essas categorias foram alimentadas no decorrer da pesquisa pelos indícios que surgiram na nossa tessitura. Elementos como progresso, civilidade também podem surgir nos desenhos.

Quadro 4 – Grupos de imagens

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Desenho 1 Desenho 4 Desenho 10	Desenho 2 Desenho 3 Desenho 6 Desenho 5	Desenho 7 Desenho 8 Desenho 9

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Nas elaborações presentes o Grupo 1 notamos a presença mais evidente do Castelinho (antiga Sede Comissão de Terras e Colonização). No Desenho 1 (Figura 7) ele aparece

dividindo espaço com casas, árvores e a bandeira nacional. Observamos que a bandeira, nessa imagem em especial aparece em escala menor do que a casa e o Castelinho.

No Desenho 4 (Figura 10) a representação do castelinho aparece em evidência, não compartilhando espaço com nenhum outro elemento, o que nos chama atenção é a forma atribuída as janelas e portas, ambas são pequenas e o portão da porta principal nos remete grades.

No Desenho 10 (Figura 16) o castelinho aparece mais uma vez. Nesse identificamos mais uma vez a bandeira nacional compondo o cenário, as janelas ganham uma configuração diferente, ganhado proporções maiores em relação ao Desenho 4 (Figura 10), mas o portão da porta principal traz novamente grades em sua composição.

Destacamos, nesse grupo em especial, a representação de um marcador identitário difundido pela história tradicional, o Castelinho. Já tecemos algumas elaborações sobre a construção urbana no município de Erechim e a função dos seus lugares de memória, enfatizado pelo roteiro turístico intitulado “monumentos e monumentos”, conforme site da prefeitura.

Por meio desse patrimônio, transita a memória histórica do município onde a antiga sede da Comissão de Terras e Colonização (Castelinho) aparece como expoente significativo da memória da cidade.

As imagens que compõem o Grupo 2 trazem para a discussão elementos abstratos, onde a existência de monumentos ou retratos de patrimônio histórico da cidade é ausente. Nos Desenho 2 (Figura 8) e 3 (Figura 9) destacamos a importância dada aos muros. Nos dois desenhos esse elemento fica muito evidente, o que nos dá a ideia de demarcação de lugares. Outro fator interessante de ser notado é a presença de prédios, no Desenho 2 (Figura 8) eles ganham força, são representados de forma dominante no espaço demarcado, as cores também não são muito usadas. No Desenho 3 (Figura 9) destacamos, para além disso já exposto, a ideia de distância que foi elaborada entre o portão e o prédio evidenciado.

Sobre a ideia de distância, lembramo-nos do espaço que o bairro Progresso ocupa em Erechim. O Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP), enfatiza esse aspecto, afirmando que a escola está localizada distante o pórtico de entrada da cidade, o que justifica o difícil acesso de se chegar a mesma.

O Desenho 6 (Figura 12) nos traz elementos urbanos em sua composição, ruas asfaltadas dividindo áreas em que o elemento humano não aparece. Cercas, placas de ruas, carros seguindo nas duas vias (embora quase invisíveis).

O Desenho 5 (Figura 11) retrata uma história relatada pela autora, de uma bota amarela, nome dado aos jogadores de futebol, e a Erechim nas décadas de 20, conforme história apresentada. A estudante também traz uma fábrica de refrigerante, um animal, e uma partida de futebol. Sobre essa elaboração em especial, destacamos que no momento da pesquisa a aluna buscou um livro infantil que trazia essa história.

No grupo 3, o Desenho 7 (Figura 13) traz em destaque o chafariz e a bandeira como elementos centrais, ambos são apontados na historiografia tradicional como lugares de memória na cidade de Erechim. O chafariz, construído em 1953, é evidenciado na historiografia como construção de modelo italiano, assim como a bandeira. Ambos estão presentes na praça da bandeira, principal praça do município, onde está localizada a prefeitura da cidade e o Castelinho.

O Desenho 8 (Figura 14) traz os mesmos elementos evidenciados no Desenho 7 (Figura 13), no entanto, nesse aparecem elementos humanos compondo a paisagem. Destacamos também o avião carregando a faixa com o nome de Erechim, demonstrando, de certa forma, um civismo presente nos textos memorialísticos, no jornal e no plano de ensino.

O Desenho 9 (Figura 15) evidencia elementos naturais em sua composição. Um rio ganha destaque, sendo acompanhado por uma ponte, uma estrada não asfaltada e casas ao longe, acreditamos que essa representação remete a um córrego que recebe o nome de “sangão” pelos moradores do bairro. Esse córrego passa perto da escola, sendo caminho percorrido pela maioria dos alunos na ida e volta da escola para casa.

Quero aqui destacar um aspecto em especial que me chamou atenção nas elaborações, a ausência do elemento humano na maioria das elaborações se constitui como um forte indício da ideia de não pertencimento a esse contexto urbano vigente no município de Erechim/RS.

A presença de muros e grades também são evidenciados. Sobre isso, cabe destacar que o bairro apresenta altos índices de criminalidade e uma significativa parte dos alunos vive nesse contexto de forma direta, com pais ou parentes próximos no sistema prisional.

Os desenhos são representações de uma visão de mundo, aqui delimitadas na memória histórica que os estudantes detêm sobre a história do município de Erechim.

Quando nos deparamos com os desenhos, a primeira indagação que veio foi, em que momento os marcadores identitários perpassados pela historiografia tradicional e conteúdos presentes nos planos de ensino, se traduziriam nas representações? No segundo momento, percebemos que elementos não evidenciados apontam para indícios de uma memória construída por meio de uma dinâmica social e espacial a que esses estudantes estão sujeitos, ou seja, o lugar que eles estão inseridos interferem nessa construção de memória.

Entendemos que as noções que identificamos nos textos memorialísticos, nos jornais e no plano de ensino, perpassaram em alguns momentos as elaborações dos alunos, embora não seja de forma unanime. Temos 50% dos desenhos abordando componentes como: Castelinho, bandeira nacional, chafariz, ambos como representação da praça da bandeira. Outros 50% não trouxeram elementos que sejam classificados como marcadores identitários rememorados pela historiografia tradicional do município.

As categorias que partimos para realizar nossa análise aparecem nas elaborações que trazem o Castelinho como memória da história de Erechim. No entanto, a relação direta com o colono europeu e o trabalho, presentes na historiografia tradicional não se evidencia nas elaborações dos alunos.

Dessa forma, podemos inferir que embora a historiografia tradicional estabeleça uma relação de poder, perante aos outros contextos construtores de memória, como em casos específicos, como esse no bairro Progresso, os indícios revelados por meio da análise dos desenhos nos apontam sinais de um movimento de circularidade cultural nos meios construtores de memória.

4.4 O DIÁLOGO ENTRE AS FONTES: OS MEMORIALISTAS LOCAIS, JORNAL A VOZ DA SERRA E ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Com base nas análises feitas, entendemos que uma pesquisa histórica não deve se resumir a uma narrativa de fatos que aconteceram em um passado remoto, dado como acabado, ou um presente estático.

Compreendemos que devemos ler os testemunhos do passado a contrapelo (BENJAMIM, 1987, p. 228). As construções narrativas da história deixam fios e rastros, que nos orientam no labirinto da realidade (GINZBURG, 2007, p. 7).

Os indícios extraídos das fontes (textos memorialísticos, jornais, escola), nos levam a problematizar que, o meio por qual perpassa memória histórica nos aponta para uma distinção de o que? E para quem? Essa memória é escrita?

No caminhar da pesquisa foram sendo revelados nuances do processo histórico, dos aspectos luminosos de apropriação da memória, assim como, da formação identitária dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

A historiografia local aponta sinais que condicionou nossa escolha por categorias a priori (pioneirismo, imigrante europeu e trabalho). No decorrer da pesquisa essas categorias foram revelando em fios condutores, apontando para outras categorias que surgiram no nosso caminhar.

O progresso, a civilidade, a distinção de classe social foram categorias que surgiram a posteriori e que mexeram no nosso estudo das fontes.

No estudo dos textos dos memorialistas locais apontamos alguns elementos que nos chamam atenção, como por exemplo, a discussão em torno da grafia do nome de Erechim e as denominações dadas aos nativos de “intrusos”.

Os indícios propostos pelos textos nos revelam também o caráter pioneiro do povoamento da região por imigrantes europeus, destacados pelos três autores, conforme apresentado no Quadro 3.

Com o mesmo fio condutor apontado pelas categorias a priori, as matérias relatadas nos jornais, destacam os elementos da história tradicional. Outras categorias nasceram desse estudo. A repetição recorrente da palavra progresso e civilização nos revela a essência que a sociedade erechinense se pautou para fomentar a sua história.

Ainda no estudo dos jornais, cabe aqui destacar um indício forte que nos foi apresentado no decorrer das análises. Quando nos debruçamos em fontes históricas como os

jornais, uma gama de possibilidades de pesquisa surge no meio do caminho. E muitas vezes o recorte temporal que delimitamos a pesquisa não nos permite ultrapassar os limites temporais.

No entanto, quando nos debruçamos sobre o jornal de 1982, estendemos nosso recorte temporal de análise, pois foi nesse ano que se deu “O caso do cachorro sentado”, relatado por nós no item 3.3.1.1.1. Encontramos matérias que trazem elementos importantes para nossa problematização.

A ação o programa de habitação PROMORAR e marcas sociais da população de periferia são abordados nas matérias abaixo.

Figura 17 – PROMORAR no Jornal A Voz Da Serra I



Foto: (acervo pessoal) Jornal A Voz da Serra. 2018.

Figura 18 – PROMORAR no Jornal A Voz Da Serra II



Foto: (acervo pessoal) Jornal A Voz da Serra. 2018.

Figura 19 – PROMORAR no Jornal A Voz Da Serra III



Foto: (acervo pessoal) Jornal A Voz da Serra. 2018.

O conteúdo atribuído as matérias, trazem significados que refletem em histórias e singularidades diversas. O título atribuído a matéria “A marcas negras de uma sociedade desumanizada”, faz menção a um protesto ocorrido na cidade contra o programa de habitação. Segundo o jornal,

[...] passeatas organizadas por pessoas má intencionadas na sexta-feira Santa, contra o PROMORAR no bairro Florestinha, só pode ser dois motivos: ignorância do projeto ou movimento com fundo subversivo. Realmente está ocorrendo em Erechim, desde algum tempo, um movimento que visa desacreditar e jogar lama nas realizações de fundo social ou mesmo qualquer realização que projete nossa cidade positivamente. (A VOZ DA SERRA, 1982).

As autoridades locais buscavam convencer a população no geral que o programa iria trazer benefícios à população menos favorecida. No entanto, o relato histórico que temos do caso especial do “cachorro sentado”, nos revela a resistência que essa parte da população tinha em relação a mudança e, paralelo a isso, tivemos por traz a especulação imobiliária das áreas que estavam sendo valorizadas na cidade.

O que podemos entender desses jogos de poder em volta do espaço urbano é que se formaram lugares em que o discurso condicionou a formação de não lugares no mesmo espaço, onde as noções de não pertencimento por parte de alguns grupos distintos da sociedade são alimentadas mediante o reafirmamento da memória histórica dominante, que os exclui do processo histórico. Isso porque os lugares são mais que uma porção geográfica, é parte da constituição humana, definido por meio dos sentidos que para sujeito, é apreendido com identificação e pertencimento (ANDREIS, 2009, p. 39). Embora seja esse sujeito um ser autônomo, estabelece relações e identificação da sua existência com algo mais amplo, ou seja, sociedade, lugar, grupo, classe (HALL, 2014).

Os estudos nos memorialistas locais e jornal A Voz da Serra se dá em concordância com Le Goff (2003). Em seu estudo sobre as fases da memória histórica ele explica que funções distintas são desempenhadas pelos registros memorialismos no decorrer da história, seriam elas:

A fase medieval de equilíbrio entre duas memórias, com transformação importantes das funções de cada uma delas; a fase moderna de processos decisivos da memória escrita, ligada à imprensa e alfabetização; e por fim, reagrupar os desenvolvimentos do último século relativamente ao que Leroi-Gourhan chama de “memória em expansão” (LE GOFF, 2003, p. 423, grifo do autor).

O autor também afirma que os especialistas em registrar e construir a memória, como os as fontes que analisamos, são encarregados de difundir a “memória da sociedade.

Há especialistas em memória, homens-memória: “genealogistas”, guardiões de códices reais, historiadores da corte, “tradicionalistas”, dos quais Balandier (1974, p. 207) diz que são “a memória da sociedade”, simultaneamente depositários da história “objetiva” e da história “ideológica”, para retomar o vocabulário de Nadel. Mas também “chefes de família idosos, bardos, sacerdotes”, segundo a lista de Leroi-Gourhan, que reconhece a esses personagens na humanidade tradicional, o importantíssimo papel de manter a coesão do grupo” (LE GOFF, 2003, p. 425).

O papel desempenhado pelos genealogistas, ou memorialistas, como costumamos chamar, é importante na construção da memória histórica nas sociedades. Esse entendimento pode ser constatado hoje que na historiografia regional, sobretudo nas histórias dos municípios que tiveram sua origem oriunda do processo de colonização, é recorrente o protagonismo desses “contadores de histórias”.

Nesse sentido, a memória, os registros, e narrativas elaboradas por esses mecanismos desempenham um papel importante na constituição de uma sociedade. São registros que podem nos revelar uma visão de mundo, uma narrativa, que por sua vez elege aspectos do que será visibilizado e invisibilizado na história.

Torna-se possível tomar esses diferentes pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais (POLLAK, 1989, p. 3).

Em diálogo com Pollak, os indícios da análise dos dispositivos de memória hegemônica baseados na história tradicional atribuíram sentidos aos lugares dentro do espaço urbano de Erechim, reforçando o sentimento de pertencimento desses.

No entanto, a memória que o bairro progresso nos apresentou, através da escola de educação básica, não perpassa em sua totalidade por esses significados. A presença de muros, portões fechados, noções de distância e falta do elemento humano nas imagens são indícios que nos levam a acreditar em fronteiras socioculturais, entre a cidade de Erechim e o espaço do bairro Progresso.

A distinção feita nas matérias dos jornais sobre os programas habitacionais, em especial o desenvolvido no Bairro Progresso, são potentes reveladores da distinção social e fronteiras sociais que se moldou frente ao bairro Progresso.

O ponto de inflexão da história, pautada na colonização europeia, que configura e domina as narrativas sobre o município de Erechim ocasionou em mudanças estruturais em todo território, paisagens, espaços e lugares. Discursos foram tornando-se hegemônicos, invisibilizando outros espaços e histórias a serem contadas, como as dos não “europeus”, os caboclos, índios, negros que passaram a ocupar, em sua maioria, as regiões periféricas da zona rural e urbana.

São lugares singulares que se formaram a margem do processo, e foram silenciados, por uma forma de leitura da história que não torna significativo o olhar de/para outros espaços que não fossem os reflexos do desse grupo, sociedade em questão.

A memória pautada nos “vencedores e heróis”, presentes na história oficial do município e de certa forma difundida pelos conteúdos escolares são resultados de escolhas feitas nos âmbitos desses grupos, que implica também, em opções por aspectos que serão inviabilizados.

No entanto, indícios nos mostra que embora esses dispositivos apareçam na construção da memória histórica dos estudantes da educação básica, as especificidades do lugar o qual essas crianças estão inseridas, interferem na replicação dessa memória dominante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que as ciências humanas, em especial, se preocupam em entender como as sociedades se construíram no decorrer da história, quais formas de registros de memória social elas permitem inferir (Antropologia) e como essas sociedades se desenvolvem ao longo do tempo, entre memórias individuais e coletivas que, por sua vez, refletem nas representações de mundo e sociedade que temos (Sociologia).

Ambas as visões definem a memória como social, que define como as sociedades constroem suas relações ao longo do tempo, tempo esse que não é estático, mas que se reconfigura, transitando entre passado e presente, compondo e recompondo a memória.

Pesquisar sobre a construção da memória histórica nos faz andar por caminhos complexos, onde não podemos partir de uma análise puramente histórica. Para isso, devemos buscar diálogo com outras áreas de conhecimento para compor a análise. A formação socioespacial, as singularidades dos lugares e as identidades dos sujeitos são norteadores desse processo. Nesse sentido, nos munimos da história, geografia, antropologia, sociologia, dentre outros, para compor nossa pesquisa.

Para chegar ao objetivo da pesquisa, que se pautou em entender com vem se construído a memória histórica de Erechim/RS, estabelecemos diálogo com três fontes distintas, os textos dos memorialistas locais, o jornal impresso e a escola de educação básica, sendo a última dividida em duas fontes distintas, o plano de ensino de história e os desenhos dos alunos.

Nesse contexto, definimos como proposta teórico-metodológica a micro-história, pois, entendemos que a diversidade das fontes exigia para além de um método de análise, uma construção narrativa própria, que trouxesse para a discussão os pormenores, as minúcias do processo investigativo.

Os discursos sobre a história de Erechim trazem de forma clara a memória hegemônica que permeia no imaginário da população e lugares da cidade. No entanto, os indícios oferecidos pela experiência pessoal e profissional vividos como professora da educação básica nos apontaram sinais de esmaecimentos de outros lugares e memórias dentro desse espaço urbano.

Com esse entendimento, escolhemos a Escola de Educação Básica Irany Jaime Farina, para empreendermos sobre os esmaecimentos e silenciamentos da história de Erechim/RS. A delimitação geográfica a qual está inserida a escola traz singularidades da construção histórica do contexto urbano do referido município.

Ao empreendermos sobre a temática, os sinais nos mostraram que, embora essa memória hegemônica circule pelos lugares, alguns de maneira mais fortes que em outros, existe pistas que apontam para contrastes do discurso dominante.

As fontes analisadas nos ofereceram elementos para entender como a narrativa histórica foi construída, ou seja, uma visão de mundo que, por sua vez, através da interação com os meios e modos como é visibilizada pelos mais diferentes veículos sociais, potencializam uma visão de mundo hegemônica perante as demais.

Observamos que o processo colonizador explicitado na história do Rio Grande Do Sul, e em especial a região do Alto Uruguai, foram determinantes na construção da memória histórica dos seus municípios. Em Erechim não foi diferente, as peculiaridades apresentadas em seu processo histórico, fomentaram as narrativas históricas que compõem a sua historiografia local e memória fixada na sociedade e contexto urbano.

Com a compreensão que o ponto de inflexão da história desse município foi à exaltação da colonização e povoamento europeu em seu território, extraímos desse contexto elementos balizadores que nos ajudaram a responder o nosso problema de pesquisa.

A leitura histórica desse processo colonizador nos ofereceu categorias a priori, as quais nos conduziram na pesquisa com as fontes. Essas categorias conduzem as narrativas históricas da região e do município de Erechim. Essa leitura nos propiciou entender como a memória ajudou a desenhar o espaço urbano da cidade, onde percebemos, através dos monumentos, o simbolismo presente nesse espaço. O poder que o simbólico exerce na cidade são fortes indícios de que a história se preocupou em fixar a memória de grupos específicos.

A valoração do prédio do Castelinho, os monumentos de homenagem ao colono e a praça do imigrante são reveladores desse processo de rememoração de uma história que se faz significativa para quem coletiviza essa memória.

Outro ponto importante a destacar é a interferência do ideal político da época. O positivismo deu as condições necessárias para a legitimação do discurso versado em ideais de progresso, desenvolvimento e civilidade. Afastando a possibilidade de inserção de grupos que não representavam esses ideais, os empurrando para áreas periféricas da cidade, como também, por meio do silenciamento da memória.

Com essa definição, partimos para a análise das fontes. Sobre essas, cabe aqui fazer uma explanação sobre a escolha que as condicionaram. Entendemos que a memória, sendo algo social, perpassa por veículos comunicativos, que a coletiviza, tornando-a hegemônica ou não. São jogos de poder, onde as escolhas do que vai ser difundido e silenciado depende de escolhas feitas no âmbito da história.

No contexto da história regional e local, reconhecemos como potentes construtores de memória as fontes consultadas para a realização dessa pesquisa. Cada fonte apresentou para nós uma possibilidade de pesquisa. A riqueza oferecida nas análises dos textos dos memorialistas locais nos levou ao entendimento de que eles vêm sendo, por muito tempo, importantes veículos por onde perpassa a memória do município. Ocupa o papel de “guardiões de memória”, que dão legitimidade a memória coletivizada pela maioria da população.

As referências que os textos fazem aos primeiros povoadores da região, índios e caboclos, traz consigo estereótipos que corroboram com a negação desse segmento da sociedade, assim como, o silenciamento desses grupos na ação povoadora da região também nos revela a intenção de não composição na história.

Em diálogo com os jornais impressos, atentamos, em um primeiro momento, para a utilização desses enquanto fonte histórica, trazendo importante contribuição para as pesquisas em história. Quando os debruçamos sobre os jornais e pela extensão do recorte temporal estabelecido, nos deparamos com uma enorme possibilidade de problematização. No entanto, assim como nas demais fontes, partimos das categorias que definimos a priori para a análise.

A nossa busca se deu em 82 matérias específicas, que faziam alusão a elementos históricos do município. Podemos perceber que, assim como nos textos dos memorialistas locais, o jornal *A Voz da Serra* se pautou no pioneirismo, no imigrante europeu e no trabalho para narrar a história do município de Erechim/RS.

Outras categorias surgiram no diálogo com essas duas fontes. A palavra progresso aliada ao trabalho e espírito desbravador do imigrante europeu foi o balizador das narrativas. O espírito desenvolvimentista e capitalista também se faz presente, demonstrando o pleno desenvolvimento da cidade. Fato esse, que no decorrer da pesquisa percebemos que também justificou o ideal de civilidade fomentado.

A leitura indiciária dos jornais nos apresentou novos elementos que se portaram como importantes legitimadores da memória histórica e difundida em Erechim. Em várias passagens percebemos a presença da Igreja Católica na formação desse discurso, entendidos por nós como dominante. São indícios que podem render pesquisas futuras.

A distinção de classe também ficou muito clara nas narrativas, é recorrente a denominação da classe aristocrática, classe conservadora, cidadãos de bem, como distinção de grupos na sociedade. Isso também renderia uma calorosa discussão.

A ausência de referências à população nativa, caboclos e negros também se faz “presente”, demonstrando a luminosidade e opacidade dentro da construção da história e memória.

Ao partirmos para o contexto escolar, já havíamos incorporado à pesquisa esses novos elementos que surgiram dos textos memorialistas e dos jornais. Podemos inferir que os conteúdos pautados na proposta de ensino e elaborações dos alunos nos revelaram traços significativos para a composição da nossa pesquisa.

A proposta de ensino nos revelou conteúdos que corroboram com a difusão da memória hegemônica presentes nos textos dos memorialistas e jornais. O tratamento dado a história regional e local, parte do entendimento de que o ponto de inflexão é o processo colonizador, e os elementos a serem valorizados devem nortear essa cultura através de momentos de rememoração, como os momentos cívicos.

Ainda, podemos apontar indícios ordinários contudentes, por exemplo, no jornal a Voz da Serra com expressões como negros, malocas, sociedade desumanizada, ressaltam-se discriminações e preconceitos. Paralelamente nos “desenhos dos alunos” notam-se perspectivas de reexistências, por meio da expressão de formas que são mera reprodução da história oficial. Nesse sentido, há uma crítica à fragmentação urbana (notada na representação do centro da cidade, por meio de ruas, calçadas, sistema pluvial, praças, árvores, flor, cercas, muros e prédios) numa referência a um mundo ideal, que não tem os problemas que existem no lugar onde ele vive como, por exemplo, o sangão, representado de forma ideal, como se fosse limpo.

A singularidade do lugar em que a escola está inserida ficou evidente nas elaborações dos alunos. As noções de distância e a ausência de humanos na maioria dos desenhos trouxe à tona olhares diferentes na memória que as demais fontes indicaram. O projeto colonizador não aconteceu sem a inserção do humano, a valorização da pessoa do colono é recorrente nos textos, embora cinco desenhos tenham apresentado indícios da memória hegemônica tradicional, representando o Castelinho e praças como resposta do que eles têm como história de Erechim/RS. É perceptível a autoafirmação de uma memória coletiva que serve de elemento para diferenciação e relações de poder. São luminosidades e opacidades que destacam aspectos ordinários nas fontes memorialistas locais, Jornal A Voz da Serra e plano de ensino, e aspectos extraordinários nos desenhos dos alunos.

Em decorrência disso, compreendemos que espaços como as escolas podem elaborar um olhar sensível sobre o ensino da disciplina em questão e proporcionar uma valorização de uma memória que valorize o lugar o qual as crianças estão inseridas e dê significado a História, a partir desse novo olhar.

REFERÊNCIAS

A VOZ DA SERRA, Periódicos (jornais) – **Acervo Arquivo Histórico Juarez Illa Fonte**, Erechim/RS, 1941-2001. (Incompleto)

AZEREDO RODRIGUES, Lucas. Mapa da localização de Erechim/RS. Documento de uso Restrito, 2018.

ANDREIS, Adriana Maria. **Da informação ao conhecimento: cotidiano, lugar e paisagem na significação das aprendizagens geográficas na educação básica**, 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação nas Ciências, Educação, Ijuí, 2009

_____. **Ensino de Geografia: fronteiras e horizontes**. Porto Alegre: ComPasso Lugar Cultura, 2012.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. Letra livre, 2012

BAXANDAL, Michael. Padrões de intenção. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

BEIJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org). **História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 37 – 48.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Docência em Formação – Série ensino fundamental).

_____. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BURKE, Peter (org.). **A escrita a história: novas perspectivas**. São Paulo: Unes, 1992.

CÂMARA MUNICIPAL DE ERECHIM. **Decreto n.º 1502**, de 18 de setembro de 1985, dá denominação e delimita bairros da cidade de Erechim. Disponível em: <<https://sapl.erchim.rs.leg.br/norma/12126>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO Maria Ligia. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo História e análise de textos. In: _____(orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 536-567.

CHIAPARINI, Enori José. **Erechim**: retratos do passado e memórias no presente. Erechim: Graffoluz, 2012

COELHO, Ana Luíza. O Paradigma Indiciário Como Metodologia para Estudos Historiográficos In: Fórum FEPEG-Fórum Ensino Pesquisa Extensão Gestão. VIII, 2014, Montes Claros-MG. HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006

COSTA, Rogério, MOREIRA, Igor. **Espaço e Sociedade no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1982.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-154.

DUCATTI NETO, Antônio. O grande Erechim e sua História. Porto Alegre: Est, 1981.

GINZBURG, Carlos. **Mitos, Emblemas, Sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GÓES, Maria Cecília Rafael. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedes**, São Paulo, ano 20, n. 50, abr. 2000.

GRITTI, Silvana Maria. **Educação rural e capitalismo**. Passo Fundo: UPF, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HARVEY, David. **O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas**. Espaço e Debates. São Paulo: Cortez, 1982.

HOBSBAWM, Eric, RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ILLA FONT, Juarez Miguel. **Serra do Erechim**: tempos heroicos. Erechim: Gráfica Carraro Ltda, 1983.

KARNAL, Oscar da Costa. **Subsídios para a história do município de Erechim**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1926.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-28.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **ArteCultura**, v. 8, n. 12, 2006

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 2003.

LEVI, Geovani. Sobre micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita a história**: novas perspectivas. São Paulo: Unes, 1992.

MARICATO, Ermínia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. Tempo social; **Revista de sociologia**. São Paulo: USP.v.8, n.1. p. 25-70, maio.1996.

MASSEY, Doreen. O sentido global de lugar. In: ARANTES. Antônio A (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: papiros, 2008.

_____. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013

MOMBELLI, Raquel. Comunidades quilombolas em Santa Catarina: resistência negra e luta pela terra. In: RADIN, José C. VALENTINE, ZARTH, Delmir J.; Paulo A (org). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: letra e vida, 2015.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Integrar para não entregar**. Políticas Públicas para a Amazônia. 2. ed. Papirus, 1991

ORIÁ, R. Memória e Ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.) **O saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1998

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Farroupilha**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985

_____. **Os Pobres da Cidade**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1971.

POLLAK. Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista estudos históricos, **Rio de Janeiro**, v. 2, n. 3, 1989.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Estadual de Ensino Médio Irany Jaime Farina. Erechim, 2018.

PSIDONIK, Jorge. **Progresso: do outro lado da BR 153**. História Socioeconômica do Grande Bairro Progresso. 1970 – 1990. TCC (Graduação em História) – Universidade Regional Integrada Do Alto Uruguai e das Missões. URI-Erechim, 2004.

RADIN, José Carlos. **Representações da colonização**. Chapecó: Argos, 2009.

_____. Um olhar sobre a colonização da Fronteira Sul. In: RADIN, José C. Valentin; ZARTH, Delmir J.; Paulo A (org). **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: letra e vida, 2015.

RIBEIRO JÚNIOR, Halferd Carlos. **Ensino de História e Identidade**: Currículo e Livro Didático de História de Joaquim Silva. Tese (Doutorado em educação) – Universidade de Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, História social e Identidade**: uma abordagem antropológica. Revista online do Museu de Lanifícios da universidade da Beira Interior, Portugal, v. 1, n. 1, 2000. Disponível em: <<http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/home.html>>. Acesso em: 29 set. 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2008.

SHIMITD, Remís Alice Perin. **Erechim**: Cidade construída para imigrantes – poder simbólico na conquista do espaço urbano. 2016, 151fls. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

TINEM, Nelci; BORGES, Lucia. Ginzburg e o paradigma indiciário. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003. **Anais...** História, acontecimento e narrativa. João Pessoa. ANPUH, 2003. CD-ROM. Disponível em <<http://anpuh.org/anais/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.535.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2018

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História**. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.127-164.

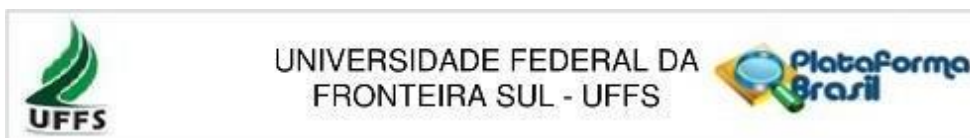
WAIBEL, Leo. **Princípios da Colonização Europeia no Sul do Brasil**. Ano XI, n. 2., Rio de Janeiro: IBGE, 1949. p. 8-66.

ZANELLA, Anacleto. **A trajetória do sindicalismo no alto Uruguai Gaúcho (1937 – 2003)**. Passo Fundo: UPF, 2004.

ZARTH, Paulo A. Fronteira Sul: História e Historiografia. In: RADIN, José C; VALENTINE, Delmir J; ZARTH, Paulo A. **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: letra e vida. 2015. p. 25-45

ANEXO A

Parecer Substanciado do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A HISTÓRIA NO JORNAL EM DIÁLOGO COM OS SIGNIFICADOS NA ESCOLA: LUGAR, MEMÓRIA E IDENTIDADES EM ERECHIM/RS

Pesquisador: GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 80304017.7.0000.5564

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.585.254

Apresentação do Projeto:

Já apresentado em parecer anterior

Objetivo da Pesquisa:

Já apresentado em parecer anterior

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Já apresentado em parecer anterior

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Já apresentado em parecer anterior

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresenta o termo de concordância da Coordenadoria Regional de Educação (FGE 10), bem como do diretor da escola de ensino médio, o que não seria obrigatório. O Termo de Consentimento Livre e esclarecido adequadamente redigido.

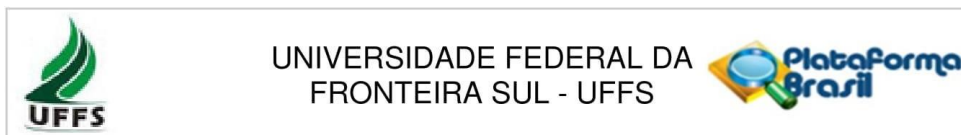
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisador atendeu as pendências indicadas pelo CEP. Não há impedimentos éticos ao desenvolvimento da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado (a) Pesquisador(a)

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-889
UF: SC **Município:** CHAPECÓ
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 2.585.254

A partir desse momento o CEP passa a ser corresponsável, em termos éticos, do seu projeto de pesquisa – vide artigo X.3.9. da Resolução 466 de 12/12/2012.

Fique atento(a) para as suas obrigações junto a este CEP ao longo da realização da sua pesquisa. Tenha em mente a Resolução CNS 466 de 12/12/2012, a Norma Operacional CNS 001/2013 e o Capítulo III da Resolução CNS 251/1997. A página do CEP/UFFS apresenta alguns pontos no documento “Deveres do Pesquisador”.

Lembre-se que:

1. No prazo máximo de 6 meses, a contar da emissão deste parecer consubstanciado, deverá ser enviado um relatório parcial a este CEP (via NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil) referindo em que fase do projeto a pesquisa se encontra. Veja modelo na página do CEP/UFFS. Um novo relatório parcial deverá ser enviado a cada 6 meses, até que seja enviado o relatório final.
2. Qualquer alteração que ocorra no decorrer da execução do seu projeto e que não tenha sido prevista deve ser imediatamente comunicada ao CEP por meio de EMENDA, na Plataforma Brasil. O não cumprimento desta determinação acarretará na suspensão ética do seu projeto.
3. Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final por meio de NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil. Deverá ser anexado comprovação de publicação dos resultados. Veja modelo na página do CEP/UFFS.

Em caso de dúvida:

Contate o CEP/UFFS: (49) 2049-3745 (8:00 às 12:00 e 14:00 às 17:00) ou cep.uffs@uffs.edu.br;

Contate a Plataforma Brasil pelo telefone 136, opção 8 e opção 9, solicitando ao atendente suporte Plataforma Brasil das 08h às 20h, de segunda a sexta;

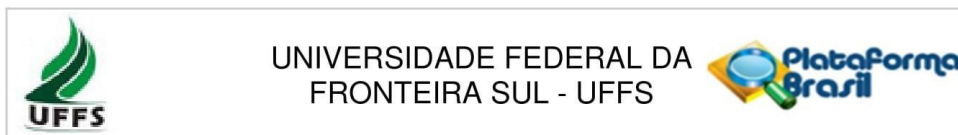
Contate a “central de suporte” da Plataforma Brasil, clicando no ícone no canto superior direito da página eletrônica da Plataforma Brasil. O atendimento é online.

Boa pesquisa!

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1024469.pdf	12/03/2018 18:13:12		Aceito

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECÓ
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br



Continuação do Parecer: 2.585.254

Outros	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_PARA_USO_DE_IMAGEM_E_VOZ_12_03_18.docx	12/03/2018 18:12:29	GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_de_concordancia_1.jpeg	12/03/2018 18:10:47	GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_de_concordancia.jpeg	12/03/2018 18:10:10	GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS	Aceito
Outros	CARTA_DE_PENDENCIAS_12_03_18.pdf	12/03/2018 17:54:08	GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_12_03_18.pdf	12/03/2018 17:53:32	GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_ASSENTIMENTO_MODIFICADO.pdf	25/02/2018 18:07:46	GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PESQUISA_MODIFICADO.pdf	25/02/2018 18:07:04	GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS	Aceito
Folha de Rosto	plataforma.pdf	24/11/2017 14:05:04	GABRIELLA XAVIER DE MEDEIROS BARROS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CHAPECO, 06 de Abril de 2018

Assinado por:
Valéria Silvana Faganello Madureira
 (Coordenador)

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar
Bairro: Área Rural **CEP:** 89.815-899
UF: SC **Município:** CHAPECO
Telefone: (49)2049-3745 **E-mail:** cep.uffs@uffs.edu.br